J. A. MARCOS SERRA

LINHAS ENTRE NÓS

J. A. Marcos Serra

LINHAS ENTRE NÓS

edição de autor

4.ª edição revista e complementada

2026

ÍNDICE

PERMITA QUE ME APRESENTE 2
POEMAS E PROSAS 14
O Beijo da Estrela 15
Água 17
Grito 117
O Senhor de Pera e Bigode 120
Manhã de Domingo 146
Quem Bem Faz, Para Si Faz 148
Serra da Estrela 176
Viril, Alto 180
Imagens 229
As Botas do Zé 231
NOTAS COLOQUIAIS 301
... de Água 301
... de O Senhor de Pera e Bigode 320
... de Quem Bem Faz, Para Si Faz 334
... de Viril, Alto 339
... de As Botas do Zé 348
TOPONÍMIA INFORMAL 369
GLOSSÁRIO LOCAL 384
CONTRACAPA 395

SOBRE O AUTOR 397

Permita, inestimável Leitor,
que me apresente.

Sou um Livro, perdido entre dez mil títulos que, só neste ano, vão ver o sol português, a ter de pôr-me em bicos de pés, na esperança irracional que alguém me veja; e sozinho, sem voz autorizada que possa reclamar os focos da ribalta para mim.

Pedi, sugeri, argumentei, barafustei, ameacei, mas quê! O "senhor autor" tinha resposta para tudo! A conclusão, fossem quais fossem os argumentos e silogismos, era sempre a mesma:

«És tu que tens de dar-te a conhecer: expor-te com simpatia... como um livro aberto.»

«Mas eu sou tímido, sabe isso... porque não pede a uma pessoa com nome sonante, conhecida na praça, que faça o favor de me dar a conhecer?»

«Só pode dar a conhecer quem conhece. Que diria o figurão, perante um beija-mão destes? Apelidar-me-ia mentalmente de chato petulante, encobriria o pensamento com um esgar enrugado, a simular empatia falseada, gastaria quinze minutos a varrer as páginas com as pestanas, fechar-te-ia com gesto de enfado superior, procuraria nos arquivos um texto de encomenda semelhante, dava-lhe duas borradelas de esferográfica barata, mandava-mo com o recado manhoso *(«espero que goste»)*, nós arreganharíamos os lábios num sorriso a pedir cor, eu aprumava o texto no frontispício, a servir de pórtico de entrada, e... é isso que queres?»

«E se pedisse a um amigo? Fulano, sicrano, por exemplo, seriam capazes e fá-lo-iam com agrado.»

«Gostam demasiado de mim para serem avaliadores isentos. Ler-te-iam, nem que não fosse senão por curiosidade. O pior era depois.

As ideias, o conteúdo, a forma, a técnica, o lugar das pausas variam com cada indivíduo. *Cada cabeça, sua sentença*, como é do senso comum; e lá ficava o amigo com um assunto delicado na consciência racional. *(«Isto tem interesse, mas a forma não me agrada. Que complicação para coisa simples!... aqui está bem, mas...»)*

Finalmente, o meu amigo mandaria um texto enaltecendo o que considerasse virtudes, deixaria na sombra da omissão o que avaliasse sem mérito, e pronto. Eu dar-me-ia conta da trama

benfazeja e, de algum modo, iria enganar os leitores. Não! Tens de ser tu.»

«Então solicite a alguém indiferente, com capacidade e independência sentimental para ser objetivo.»

«Endereço o requerimento a quem? A uma dona Almerinda? A um doutor Vespúcio? Tens cada uma! Ou vou para a rua, abordo um transeunte, e disparo que escrevi um livro, e que acabo de selecionar sua excelência para fazer o texto de apresentação. *Sic!* Sem avaliar outros riscos, pode sair-me uma resposta em língua mesclada a comunicar-me: *(«Nao falar português.»)* Não pode ser!»

Comecei a sentir-me enredado.

«Então, já que quer que lhe digam tudo na cara, desafie um inimigo...»

«... Não tenho inimigos; pelos que me fizeram mal deliberadamente, rezo todos os dias para que se tornem boas pessoas. Amiga, dada ao esoterismo, até me diz que eles cumpriram a sua missão, ajudando-me a evoluir, a caminho de um estado de maior perfeição...»

«Então, alguém que tenha dado provas de que não gosta mesmo nada de si!»

«Era engraçado, era, dirigir-me à diaba da ângela, e confessar-lhe que a tinha escolhido para fazer a Introdução ao meu primeiro livro a sério! Imagina, por absurdo, que aceitava. Não conheces a peça: ia fazer um texto de um cor-de-rosa angelical, mas com tanta peçonha nas entrelinhas, que iria babar para cada página. Não é opção!»

Exasperei.

«O senhor não é o autor? Então, escreva o Introito!»

«Eu!?»

«Sim! Você!», desafiei.

«Fora de questão! Iria testemunhar que és o melhor filho do mundo, ninguém iria acreditar, e a minha reputação ficaria associada a tolo e mentiroso. Fora de questão, repito! Ninguém te conhece melhor que tu mesmo, portanto, é o próprio "senhor livro" que tem de apresentar-se.»

E cá estou, sozinho, tremente, mas aberto como diz o provérbio.

* * *

Tanto receio, e afinal, o lote da primeira edição, destinado ao público-leitor, sumiu como chuva em terreno fértil.

A segunda edição, após ter obrigado o "senhor autor" a nova revisão, emendas e

aditamentos, foi acolhida, em PDF, pela Bibliotrónica Portuguesa, plataforma da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A terceira edição, em audiolivro, foi dedicada aos cegos e amblíopes de língua portuguesa e a todos aqueles que, por qualquer razão, preferem via auditiva; está disponível em *Internet Archive* e em mais nove das principais plataformas que disponibilizam audiolivros no mundo.

Esta quarta edição em PDF, revista e complementada, fica agora disponível para um âmbito mais amplo de interessados.

É a si, novo leitor, que me entrego e me apresento.

* * *

Cinco pedaços de prosa e cinco aldeias de versos...

(com intenção de serem contos e poemas)

... formam o meu corpo.

O sentimento de nudez, embora bela, de simples, impeliu-me a reclamar roupagem decente e, pasme-se, o meu autor concordou: foi-se aos arcazes da infância, à cata de aprendizagens, memórias e sentimentos, juntou recordações e informação adequadas, e colocou à disposição do leitor em três capítulos:

Notas Coloquiais

Toponímia Informal da Terra e da Serra

Glossário Curioso de Terminologia Local.

Assim, pode o descobridor, a seu gosto, vestir os contos com os adereços que quiser escolher e, se lhe apetecer, voltar a relê-los, já com atavios adequados.

Corpo e adornos falam da simplicidade de Manteigas e da grandeza da Estrela. A partir de histórias com raízes na verdade, descrevo e

imagino pessoas, dizeres e factos, enquadrados localmente, mas amplificados à escala da nação e do mundo.

A saudade é o motor que nos transporta à infância e ao imaginário, colorido ou negro, em conformidade com a vivência dilatada pelas emoções e experiências de cada um.

Faço reviver gente que partiu, e invoco figuras que marcaram o passado, alicerce indesmentível do presente.

Percorro ruas e veredas onde deambulamos ainda hoje; visito os ribeiros, e brinco com a sua função social ao longo dos tempos; convido-o a dessedentar-se nas fontes antigas; deixo entrar no enredo o património da vila, raridade aglutinadora a preservar e defender.

Trago-lhe à mente a beleza idílica e simples das manhãs domingueiras, em que as ruas e

estradas pertenciam às pessoas e não às coisas; franqueio-lhe a visita às velhas oficinas e ao modo de organização de antigos mesteres, que eram sangue e alento da terra pequena; abandono-o numa rua escura, e faço-o experimentar a rivalidade ancestral...

(ora razoável e fomentadora de progresso, ora insana e raiz de malefícios)

... entre as freguesias locais, que formam o coração da comunidade secular.

Permito-lhe que avalie a fibra de gente pobre, capaz de motivar-se à revolta que considera justa, ao mesmo tempo que deixo a hipótese de, nem sempre, *a voz do povo ser a voz de Deus*; e, simultaneamente, descrevo uma das formas como os estados resolvem os impulsos que possam quebrar as suas regras autocráticas.

Convido-o, por fim, a entrar nas casas de antigamente, sombrias e de tetos baixos, que oprimiam o dia-a-dia e condicionavam as ambições dos moradores, limitando a largueza de vistas, sem, ao menos, concederem a consciência da venda.

Mas partilho os nossos alicerces milenares de orgulhosos Lusitanos que, aqui, souberam opor-se a tiranias opressivas e avassaladoras, legando lições.

Não esqueço de cantar a grandeza telúrica da serra, tão antiga como a criação do mundo, mas choro, no colo amplo do vale glaciário, o assassínio da natureza, vencida à traição macabra do fogo destruidor.

Outorgo vida às pedras, às fontes, ruas e recantos, águas e serranias.

Quando nos visitar, descobrirá uma terra eloquente, e uma serra transmutada em página de história.

Quero, em conclusão, transmitir uma forma de amar, e se, quando falamos em pátria, o Portugal de Afonso I nos vem à memória, que, quando invoquemos a nossa terra-mãe, o termo mátria se instale no mais fundo do nosso sentir.

Com humildade honesta,

Livro

Poemas e Prosas

O BEIJO DA ESTRELA

A Estrela nasceu,
Subiu lentamente,
Sorriu divertida
E deu em cantar;
O espaço era seu...
Andava contente,
Gostava da vida...
Porque não brincar?

Olhou para a frente,
Espreitando o Mundo,
Buscando um amigo
Para a acompanhar,
E gritou à gente,
Lá muito no fundo:
«Vinde ter comigo,
Vá... vamos jogar!»

Ninguém respondeu!
Ficou de beicinho,
Fez uma birrinha…
Voltou a animar;
Não esmoreceu,
Fez um trejeitinho:
«Vou brincar sozinha!»
E pôs-se a girar.

Saltou como louca,
Trepou, mergulhou,
Fez rodas de luz
E riu a valer.
Até ficar rouca,
Alegre, cantou.
Deu um "catrapus",
Mas sempre a correr.

Viram-na da Terra;
Para lá voou…
De pequeno ponto,
Mais e mais cresceu.
Osculou a Serra
E um raio deixou...
Daquele beijo tonto,
Manteigas nasceu!

ÁGUA

suja de lavar pés de cavador, foi o que o Jorge Serra levou em cima, num batismo inesperado e tardio.

«Porra!», e nem mais pio, porque se o descobrissem ali, anichado na quelha escura, ia ser o cabo dos trabalhos.

Com vinte anos, dera em embeiçar-se pela Maria Granja, e como o pai dela não estava pelos ajustes, andava passado de todo e metia-se em alhadas daquelas.

Numa visão atual, em 1870, Manteigas era ainda um "poveco" com ruas apertadas, mal cheirosas e escuras... propícias a namorados

noctívagos... perigosas, como vimos, para namorados noctívagos.

Por amiga dela, prima dele, mandara recado à Maria, *«...às onze, vens à janela sacudir qualquer coisa; eu estarei escondido na quelha, e, se pudermos, falamos um migalho. O Jorge que anda doudo por ti.»* E ali estava ele, de esperanças, expectante de ver o vulto da sua amada, cortado no fundo de luz vermelho-pálido da candeia de azeite. Caçadeira na mão...

(que ele era caçador com fama que daria nome a covão da serra, e até tinha uma tapada)

...sentidos de perdigueiro, capa escura, pronto para tudo, e de repente:

«Água vaiiii!»... trxxxxx.

Quem é que ia adivinhar que o "ti" Massano Velho ia atirar água suja, para a rua, a uma hora daquelas?! Pronto para atordoar alguém, se fosse

preciso salvar o caso e a honra da sua Maria, bravo até dizer bonda, e afinal, uma bacia de água era o suficiente para lhe tirar a coragem, vencido pelo ridículo de esperar a amada, encharcado que nem um trapo.

Mas o prémio não devia tardar, porque o sino da torre solitária de Santa Maria começara a espalhar, no ar fino da noite, as badaladas das onze. De facto, vendo subir a janela em guilhotina, o Jorge avançou, foito e de ar composto, para recolher num pulo, com o coração a bater a galope de cavalo: era o bigode façanhudo do "ti" João Granja, e não a cara da sua Maria, que avançava na abertura iluminada. O homem olhou para o céu, e disse para dentro de casa:

«Está limpo... aproveitamos e vamos amanhã para Campo Romão», e depois, logo de seguida,

respondendo a alguém: «O quê? Deixa ver que eu sacudo», e puxando, de dentro, um panal com pragana de malhas passadas, sacudiu forte sobre o pobre apaixonado.

O cair da janela cortou as esperanças e deu arrepios ao enamorado desiludido, que saiu dali, pé ante pé, como se tivesse cometido algum crime.

Dois dias depois, ainda estava de cama, a chás...

(um homem daqueles!)

...enquanto a mãe andava numa fona para descobrir porque é que a roupa do seu Jorge aparecera encharcada e cheia de pragana, numa noite sem lua, mas com estrelas de fartura.

* * *

Quem, trinta anos depois, em noite funda de agosto, lhe desse na doideira para vaguear nas ruas da vila que dormia, nada mais ouviria que aqueles sons que o dia dissolve nos ruídos da labuta humana: um ramalhar ali, cama gemendo em casinhoto estreito, campainha de gado em loja suja, um grunhido de porco altercador, um grilo numa horta mais chegada, ressonar estertoroso em quelha apertada, resfolegar de burro incomodado, um grito desgarrado e agoirento de uma coruja, sempre invisível, e os próprios passos ressoando, cautelosos que fossem. Veria a placidez do céu, a fingir eternidade, o recorte difuso dos cumes da serra, em jeito de castelo de fantasmas... e sombras, muitas sombras, de recantos mal talhados. Andaria precavido, no receio milenar do escuro e seu mistério, preparado para enfrentar susto de

gato vadio, ou ameaça de cão cigano... talvez mesmo de alma penada, para o que teria na ponta da língua o esconjuro: *se é alma do outro mundo, diga o que quer, que eu farei o que puder.*

Mas aquela noite de agosto seria diferente, e o suposto noctívago que, chegado ao Rossio da vila, respiraria um pouco mais calmo, animado pela largueza do espaço, ficaria estarrecido porque, naquela noite funda de 1898, uma porta de casa abriu-se inopinadamente, quebrando o equilíbrio do mundo que dorme. Um cântaro de barro assoma à porta, seguido de um vulto misterioso de mulher, em roupas de dormir, longas e terrificamente alvacentas. Avança para o largo, em passos monótonos, síncronos, iguais, vasilha segura pela asa, olhar estranhamente fixo, braço esquerdo pendendo e segurando uma rodilha, alheia ao mundo, como se a vida lhe

animasse apenas uma intenção. Logo se torna evidente que o destino é a fonte que ali corre, livre e constante, enchendo o largo com a música sem regras, de água penetrando água, havia muitos anos.

Com os mesmos gestos maquinais, a mulher enche o cântaro, coloca-o à cabeça num impulso, e dirige-se de novo para casa. Chega ao balcão, sobe um degrau, depois o segundo, e, no momento seguinte, avança para a ombreira da porta. A vasilha bate decidida na trave de granito, quebra-se num tom cavo, deixa cair uma bátega enorme sobre a mulher que se contrai, como se atingida por um raio do céu, olhos aterrados de surpresa, rosto contraído, mãos abertas para a frente, em garra, corpo fremindo, e, segundos depois, tomando consciência do seu estado, corre para dentro, em pranto, lacrimante

dos pés à cabeça, e enfia-se na cama, aos abraços ao seu Jorge, que acordou de um sono justo, surpreso e arrepiado, ao contacto frio com o corpo encharcado da sua Maria.

Enquanto ela cochichava, entre orações, a aventura terrível e satânica, à luz da vela que acenderam sobre a palmatória babada de cera, o Jorge ia abanando a cabeça, comiserado, recomendando voz baixa, por causa dos rapazes e vizinhança, e repetindo um *«benza-te Deus»* protetor, enquanto lembrava, sem querer, uma noite em que, trinta anos antes, fora ele o batizado. Só que com ele, tinha a certeza, não fora coisa do diabo.

* * *

Num dia, como em todos os outros, à entrada da noite, Jorge Serra saiu de casa onde entrara, haveria meia hora, com ar abatido e terroso...

(cavar as quelhitas em Pendil, para as bandas dos Mortórios, sempre dera mais canseira e sujidade para o corpo, que comida para as bocas)

...desceu o balcão pequeno, virou à direita, e, sem pensar para quê, entrou na loja lateral. Saiu, um minuto depois, com machada pequena debaixo do braço.

Dava para reparar agora que, durante o tempo que permanecera em casa, lavara a cara e o que pudera, mudara de roupa...

(preparado já para o ensaio da música que lhe encheria o serão)

...ajeitara o bigodaço farfalhudo...

(que a ceia e o pano da cozinha comunitário iriam desalinhar de novo)

... e preparava-se agora para terminar a faina, cuidando do burrico que, paciente como todos os asnos, aguardava, já em pelo, amarrado ao pilar de madeira que sustentava um varandim, luxo raro para a época.

Desatou a corda, compôs a carranca, a infundir medo e respeito, deu um puxão na machada, para realçar a lâmina, agarrou firme na trela, e encaminhou os passos, foitos e compassados, para o Largo do Chafariz.

Cara de mata-mouros...

(e não era preciso compor muito)

... sempre mostrara desde o primeiro dia em que, protegido apenas por cuidados e olhares estudados, dera de beber aos animais naquela fonte "dos de baixo". *«A Fonte do Picão fica a*

modos que longe daqui, do Rossio, enquanto o Chafariz está mesmo ali, à mão de semear... e para mais: se eles lá têm água, é porque ela corre de cima para lá, e assim sendo, tanto é deles como é nossa.» Foi esta lógica que o afoitou a ultrapassar a fronteira convencionada, sabia-se lá há quantos anos, do beco do Passadiço.

Aos desafios que lhe fizeram de princípio, respondeu com olhares de esguelha e de ameaça, a que a fama de caçador valente dava força de verdade. Depois, foi-se acostumando a ir, e os de São Pedro a vê-lo passar, num acordo tácito, até ao dia em que, nas Entre-Hortas, apareceu, morto de pancada, o Manuel Lopes do Eirô, que andava de namorico com uma cachopa jeitosa de Fundevila. Quem foi, quem não foi??? Desconfianças, quase certezas, havia muitas, mas

de nomes apontados, nada. Coisas de rapazes... e por aí ficou. Mas a façanha deve ter dado ânimo a novas cometidas, porque dias depois, quando, já noite, Jorge Duarte Serra ia dar de beber à alimária, como sempre fazia, ouviu claramente uma voz avinhada, ameaçando numa adega térrea:

«O próximo há de ser o cagão do "ti" Jorge, que passa aí todo importante como se a freguesia fosse dele.»

E logo outra voz, em resposta:

«O outro macarronco queria levar-nos as mulheres; este, há muito tempo que nos anda a beber a água... uma cachaporrada nos cornos, e lá vai ele que nem um anjinho.»

A gargalhada alarve que se seguiu, fez medo ao experimentado Jorge. Há quanto tempo sabia ele que o "vinho é um vinhão"!

Deu voltas e reviravoltas na cama, nessa noite. Que havia de fazer com aqueles sacanas, a quem conhecera a voz?... Desgraçar-se, mandando um tiro a cada um deles? Passar a ir à Fonte do Picão, como a prudência e o amor à mulher e aos cinco filhos aconselhavam?... Mas não... ia lá agora mostrar medo a uns poltrões daqueles, que usavam a noite para esconder a cobardice!... Ir?... Deixar de ir?... Foi uma noite em branco, que Maria Granja estranhou, tendo mesmo pensado que andaria "moira na costa".

No outro dia, já quase noite, Jorge entrou soturno na loja. Quando saiu, vinha preparado para caçar e esfolar presa grande: espingarda de calibre largo, polvorinho, chumbo grosso e buchas, faca de caça embainhada e, como um desafio a sangue, a machadinha debaixo do braço. Agarrou na trela do burro, e, com

semblante mais agreste que nunca, lá foi em passo firme, em busca da água... e do que aparecesse.

Fosse por acaso ou não, Zé Pratas, um dos farroncas que ouvira na adega, estava de conversa com a filha do "Talaios", que enchia o cântaro; mais três mulheres aguardavam vez, em paleio de tesoura em casaca alheia. O velho Jorge parou, com medida estudada, no meio do largo, entalou ostensivamente o cabo da machada no cinto bambo, tirou a espingarda do ombro, já de olhos torvos fitos no ferrabrás...

(que foi trocando o sorriso mordaz, por um olhar de espanto suspeitoso)

... puxou o cão, como se fosse disparar, e avançou com o espingardão nas duas mãos, o dedo direito a fazer festas ao gatilho.

Como o burro tivesse sentido a trela solta, avançou instintivamente para o poço. O dono gritou, mais para os presentes que para o animal, tal foi o vozeirão:

«Xouxxx!»

Só visto: parou o burro, parou a tagarelice, pararam os movimentos, parou o caçador: ficou tudo como se a vida tivesse parado, ao brado de um homem só.

Segundos depois, sempre de olhos fitos no rapazão, avançou lento, com a ponta do cano da espingarda a desenhar arcos. A um metro, vendo-lhe já a palidez e os olhos escancarados, começou a falar-lhe num sussurro de meiguice terrível:

«Ouve lá, Zé! Tenho chumbo grosso a mais; não queres algum? Dispenso-to... dou-to...»

«Nã... não senhor! Bem-haja! Não caço com chumbo grosso...»

«Eu, se to der, não é para caçares com ele... é para o guardares bem guardado.» E mudando para um tom confidencial: «Sabes que isto de chumbo grosso, fora do cano da espingarda, é como as pedras que se arremessam: fora da mão, nunca se sabe aonde vão parar...» E voltando ao tom de afabilidade sibilina, com uma calma de gelar a própria fonte: «É por isso que pensei dispensar-te algum: é perigoso, e tenho de mais.»

«Bem-haja, senhor Jorge», balbuciou o Zé Pratas.

«Não há de quê, homem!» E logo de seguida, para as mulheres que estranhavam a conversa e o tom: «Nosso Senhor lhes dê boas noutes.»

Apoiou a coronha à ilharga, e ajeitou a trela ao burro, para beber, tudo com uma calma formidável.

Mudo e apatetado, o Zé foi-se atrás da conversada que ia fazendo perguntas, a que ele respondia com um *«não sei»* fugitivo.

As mulheres voltaram à tagarelice, agora com um tom desconfiado; a água retomou o cântico reboante, no fundo dos cântaros que enchiam; a "ti" Elisa da Quintã, sempre a correr e sempre de afogadilho, passou à frente do grupo que esperava, disparando a frase, sempre igual e repetida, *«ai raparigas, deixai-me lá botar só uma pinga de água no fundo do cântaro, que tenho as batatas ao lume, quase secas»*, e de afogadilho se foi, entre risota das mais novas; o burro saciou-se, indiferente ao que se passara, e Jorge Serra, depois de ter desarmado o cão

percussor, apoiou o cano no ombro, dedo no guarda gatilho e coronha ao alto...

(para que não houvesse dúvidas sobre o que aquilo era)

... e abalou para casa, com um sorriso mau na cara, que nem o «"Nossenhor les dê bôs noutes e t'ámanhã se Dês queser"», conseguiu esmaecer.

Uma semana depois, quando achou que o susto "enchera o cu de medo", ao Zé Pratas e ao "Crava", foi aligeirando o armamento, e passou a levar apenas a machadinha, e só porque "o seguro morreu de velho". E, de facto, no próprio dia em que, de velho, morreu, Jorge Duarte Serra levara a alfaia debaixo do braço, para beber uma pinga de água no Chafariz, e dar boas noites cordiais às freguesas da fonte, já esquecido de que pisava território dos chavecos, e da razão

porque, de ferro luzidio, a machada se lhe aconchegava ao sovaco.

O burro, havia muito tempo, deixara de beber água.

* * *

Em 1938, de Jorge Serra, já só existia a recordação do nome...

(tendendo a perpetuar-se no Covão onde caçara, e nos filhos e netos, já homens, alguns)

... a fama de ter sido músico fundador...

(é o que dizem as escrituras, e a fotografia comprova)

... caçador e sapateiro, a machadita que o Adelino, filho mais novo, acabara por herdar... ah! e as leiritas no Pendil, esfatiadas pelos seis filhos que a Maria lhe fora oferecendo... bem!... e

também a tapada que ninguém dividiu, e lá continua a olhar para o céu, ali para as Fontes do Conde.

A água das Fontes do Picão, do Chafariz e do Rossio, por contraste, continuava a jorrar dos ventres fartos, num cantar que julgavam eterno. E não só essas que o contar da história levou a mencionar; também as de São Pedro, do Ribeiro, dos Namorados, do Casão, das Fôrneas, do Valazedo e as outras teriam coisas lindas de ouvir e de dizer. Todas elas viram encontros furtivos, contrariados; carícias breves a verter paixão; lutas sem glória e sem porquê; homens cansados de labutas sem fim, sedentos de água e de humanidade; garotos vivos, em correrias loucas; e caras lindas ou engelhadas, com adornos leves ou embiocadas, mas sempre rostos singelos... meninas ricas não iam à fonte.

Nem sabem o que perderam essas pálidas, recatadas e apáticas criaturas de outras eras! Os entardeceres mornos e inebriantes, com cheiro a palha cortada, que castiga os corpos pela fadiga e pelo desejo ancestral de pecar, corpos fremindo, em contacto com a terra mãe, tépida do sol criador; o regressar dos rebanhos, numa aleluia tão viva e natural, que nenhuma proibição de homem poderia fazer esquecer; as cavaqueiras sem fim, onde todos sabiam da vida de todos, abrindo as portas à fraternidade e às alegrias e tristezas comuns; o reboar, sem igual, da água caindo no fundo dos cântaros, num cântico fluido de vida e harmonia; os namoros pacatos e fugitivos, que as barreiras sociais, mais altas que a montanha, acabavam por tornar fatais...

«Tudo isso é muito lindo, mas o progresso manda que, cada um em sua casa, tenha com que

fazer o caldo ou lavar-se à vontade. Sabe lá quantos cântaros de água entram em nossa casa, todos os dias?!»

«"A limpeza, Deus a amou", mas dá-me ideia que também abusam, lá em sua casa...»

«Homessa!...»

Querem que lhes conte no que deu esta conversa, escutada nos Paços do Concelho, e de que acabo de referir um pedacito?

Decisão tomada:

«Manteigas vai ter água domiciliária!», e, logo de seguida, Luís Cravino começou a assinar, com caligrafia pausada, o grupo de papéis que o secretário da Câmara lhe pusera, por ordem meticulosa, sobre a secretária de pau-preto, enquanto o administrador do concelho abanava a cabeça num jeito de nem sim nem não,

duvidando da justeza da decisão, mas sem se atrever a afrontar o presidente.

Não passara ainda um mês, tornava-se público o primeiro protesto, pela boca de Adelino Jorge, tecelão conhecido pelas ideias vanguardeiras e modo de ser agreste:

«Tem lá algum preparo, sem mais ter nem para quê, andarem para aí a escavar nas ruas, como se fossem courelas deles!?... Só lama, só lama... quem tem de trabalhar de noute, como eu, vê-se e deseja-se para chegar a casa!» E depois de uma pausa bem medida, que a experiência musical permitia usar a preceito: «Eu logo pergunto ao meu primo Joaquim da Cruz...» e terminou em glória, com a autoridade que lhe concedia, perante os ouvintes, a invocação do nome do secretário da Câmara, seu primo direito.

Dias depois, o mistério perdera o véu, e, na taberna do Januário, era tudo posto em pratos limpos, entre amigos, numa rodada de tinto:

«É por mor das águas; a modos que querem meter bicas nas casas de cada um.»

«Então e os bois e as bestas onde é que bebem? Levo-os à cantareira, na cozinha?»

«Tu, que tens animais, mandas pôr a tua fonte na loja.»

«Assim, sim!»

«Eu tenho um porquito na minha, mas não a posso pôr na loja, porque fica afundada, e acaba por me afogar o bácoro.»

«"Rais t´impisquem"!.. a bica é com torneira, para fechares quando quiseres. Hás de ser sempre o mesmo basbaque...»

«Basbaque, basbaque... quero ver é quem é que vai pagar esses luxos todos!»

«É o Concelho que vai dar, não é?»

«Uhmmm!... Dará?... Já alguma vez te deram alguma coisa?»

«Pois olha, Adelino, se eles não ma derem, também a lá não quero... e para quê, com a Fonte do Picão ali mesmo ao fundo da Carreira?»

«Se não sabem o que hão de fazer ao dinheiro dos "Caminhos", que mo deem a mim, que sempre posso beber mais um copito aos domingos.»

«Mas era o mãos-largas do Luís Cravino que te ia dar dinheiro para copos. Olha ele!...»

«Dizem que a Câmara tem dinheiro guardado que dava para construir mais uma freguesia, se quisessem...»

«Deixa de ser parvo, homem. Olha que "em riqueza e santidade, é sempre metade de metade".»

«Ele que o deixe lá nos cofres, que logo há de vir quem o gaste...»

«E era bom que gastasse algum, pois. Ainda ontem precisei de ir ao Outeiro, e o Ribeiro ia tão cheio, que não consegui atravessar ao pé dos Fiadeiros; tive de palmilhar até à Ponte do Prata, para ir depois dar a volta e ...»

«E não borraste as patas todas, ao vires ao Ribeiro abaixo?», chalaceou o Horácio, galhofeiro, aplaudido por uma gargalhada geral.

«O que se suja, limpa-se, mas...»

Já mal o deixaram dizer que *«o Ribeiro precisava de uma ponte ao pé dos Fiadeiros, até por causa da serventia da Fonte que ali botava»*, porque os companheiros se sobrepuseram com ditos chocarreiros, fartos de conversa séria, naquele princípio de noite invernosa.

«Olha que pela conversa, borrou-se mesmo!»

«Deixa lá ver as botas, para ver se foi no "cirol" que lá fui largar anteontem.»

«"´tais" uns porcos!»

Depois disto, foi um contar ininterrupto de histórias mal cheirosas, reais e inventadas, entre risadas sem fim, até que o Adelino voltou "à vaca fria", ao despedir-se:

«... e até logo, aos que forem ao Ensaio... e não se esqueçam de avisar as patroas, senão, num dia destes chegam a casa, e até uma torneira têm no quarto a vazar para o penico.»

«Boas noites», responderam os que ficavam ainda, em risota pegada.

* *

«Setenta mil reis?!... Olha os chupistas! A água dá-a Nosso Senhor...»

«Dá a água, mas não dá os canos nem os contadores», retrucou o funcionário camarário que vinha já de argumento pronto, à força de repetido uma vez e outra, e uma vez e outra sem resultado palpável.

«E quem é que encomendou a vossemecês essa cangalhada toda? Deixassem estar as ruas e as coisas como estavam, porque com esses buracos todos, o que deram foi prejuízo às pessoas: o burro da Filomena ali de baixo, aleijado, que terão que o matar; a Delfina do Luís Francisco, derreadinha, na cama, com um pé torcido; as casas de toda a gente, numa vergonha, com tanta terra e lama por todo o lado. Esburacaram-me uma parede para me meterem à força a vossa "turgia" em casa, e ainda por cima nos querem levar setenta mil reis?! Quem é que nos paga a nós os prejuízos? Paga vossemecê?...

Não os tenho, e nem que os tivesse, não lhos dava.»

«Quer dizer que não paga?», perguntou o funcionário, ciente da resposta, tentando dar um tom oficial à conversa, numa forma de imposição da autoridade de que o tinham revestido, embora ele próprio não estivesse muito disposto a desembolsar tanto dinheiro... ele, que tinha a Fonte do Picão à porta de casa.

«Ó homem de Deus! Como é que quer que eu lhe pague, se não tenho com quê? Então vossemecês não sabem quanto ganha um jornaleiro como o meu homem? Sete e quinhentos, de sol a sol, e até a desgraçada da "janta" tem de levar de casa. Então o que é que dou de comer à família durante uma quinzena? Ponho os garotos a beber água da vossa torneira,

quando me pedirem pão, e cozo as couves sem tempero para fazer caldo?»

Alentado pelo tom de aparência humilde, que a resposta mostrara, concluiu, em tom de ameaça velada:

«Devo então comunicar ao senhor administrador que não quer pagar a sua dívida à Câmara.»

Ti Josefa explodiu:

«Diga até à guarda e ao senhor presidente se lhe apetecer... e o Manuel Passarelo, que aprenda primeiro a administrar a casa dele, antes de vir governar a minha», e virando costas, olhando de esguelha: «Olha lá o badameco a vir-me para aqui com ameaças... em vindo o meu Estêvão, já vamos ver como é que o galo canta.»

O funcionário encolheu os ombros, e foi cumprir missão para a quelha seguinte, enquanto

Josefa, embalada ainda pelo desabafo final, se dirigia às vizinhas em queixa acalorada:

«Ora não querem lá ver aonde chegou a pouca vergonha?! O Vasco, da Câmara, apresenta-se-me aí, todo sonso, a pedir setenta mil réis, como se eu fosse o rei Salomão e andasse a nadar em dinheiro...»

«Também a nós!», cortou Teresa Calçana, numa voz recheada de curvas tonais, em que se adivinhava o pasmo pela manifesta ousadia, e a determinação de não ceder, nem um cruzado, à exigência inaudita.

«Terão ido a todas as casas?», meteu a Ana Moleira, num tom de aflição, porque, na surpresa, e por medo, dissera que pagaria, e não via agora, em consciência, nem como nem vontade de o fazer.

«"Inde" duas à Praça da Louça; a Zefa e tu "indes" ao Paço, que eu salto ali à Rua Chã com a Maristrudes, e já ficamos a saber das outras», comandou Teresa Calçana.

«E o que é que dizemos?», interrogou a Ana.

«Que ninguém paga... olha agora!... para que é que querem o dinheiro do Concelho? É com as grandes férias que os nossos homens nos trazem que ainda lhes vamos dar mais?... Bem basta pagarmos os "Caminhos", e eles terem-nos escangalhado todos, quanto mais ainda setenta mil réis de mão beijada! Meus, só se os tirarem daqui», e, enquanto dizia, assentou forte palmada nos nadegueiros, que ajeitou, desafiadora e convicta.

Foi um rastilho que alastrou pelo labirinto das ruas, durante o resto da tarde e princípio da noite; o contágio da ideia tornou-se epidémico, e, por

cada nova adesão ao espírito de rebeldia, a chama subia mais alto. A vaga reativa ultrapassou a velocidade do emissário do Concelho, que teve de desistir, acossado e apupado, quando tentava prosseguir a sua tarefa. Pela tarde dentro, sobressaíam já frases que se repetiam inconscientemente...

(«fora com as águas, pois... nunca ninguém cá morreu de sede»), («fora com as águas!»).

A convicção aumentava à medida que iam repetindo, e, pela boca da noite, quando os homens começaram a regressar das terras, fábricas e pastos, cansados, e alguns ardendo em fúrias porque, ou tinham jantado tarde, já muito depois do meio-dia, ou tinham sido linearmente esquecidos pelas esposas, a questão tomou forma de cruzada: transferiu-se todo o azedume, desse e de outros dias, para o inimigo comum, e

ameaçou-se a Câmara com a sessão de pancada que, toda a tarde, tinha sido congeminada e digerida, alvejando as...

(«rais me partam aquela mulher»)

... e, em vez das abluções simples e maquinais, para aligeirar poeiras do campo, como em reação à própria água que teriam que usar, sentaram-se nos balcões das quelhas, ou juntaram-se em magotes nas ruas, clamando pelo fruto do suor que lhes queriam roubar de forma tão descarada.

Com homens nas fileiras, a revolução tornou-se séria. Que se soubesse, a única guerra feita por mulher, fora a da padeira de Aljubarrota, e nem as forneiras da Rua Chã nem de São Pedro eram mulheres para esses feitos; agora, com homens furiosos a dirigir as mentes, os corpos e as alocuções, foi a perfeição na orquestra: eles

davam a tónica, elas a sobretónica, e a garotada mais crescida, a dominante que terminava sempre com...

(«fora com as águas... fora com o Concelho»)

... num resumo de tudo o que tinham ouvido, toda a tarde, a uns e a outros.

A inconsciência coletiva, que preside a estas coisas, foi juntando grupos nas confluências dos caminhos: havia discurso na ponte do Eirô, arenga na Praça da Louça, discussão pegada na Fonte do Picão, altercação convicta na esquina do senhor Manuel Ambrósio, e comício dirigido por José Ascensão, frente à loja da senhora Adelina. No Chafariz, era um pandemónio; na rua por cima das Entre Hortas, um aranzel geral e vivo; discurso nas Rabitas, por um mais letrado; assembleia, em que se empunhavam pás, junto

ao forno da Rua Chã; e um poviléu, contendo a custo as imprecações, explicando tudo, "tim tim, por tim tim", ao senhor Padre José, que se esforçava por espargir palavras bentas sobre corações incandescentes como tições em pilheira.

Já viram o que acontece quando chove: regato daqui, levada dali, barroca que enche, poço que extravasa, terra que satura, riacho que corre, ribeiro que enche e por fim, o Zurrão que troveja e brama em fúria, correndo para o Tejo, que desgraçará famílias inteiras nas terras baixas, numa cegueira que, partindo da razão, acaba por ofuscá-la.

Assim foi naquele dia: o caudal de gente, dirigida por cabecilhas naturais, confluiu, primeiro, para as bandas de São Marcos, convencida de que o presidente, àquela hora,

estaria a calçar as pantufas, preparando o descanso de mais um dia.

Os objetivos estavam sintetizados nas duas frases que, desencontradamente, e depois em uníssono, as pessoas iam repetindo, sem se perceber qual era a antecedente e a consequente...

(«fora com o Concelho... fora com as águas»).

A garotada de vilória pequena...

(habituada a ter de preparar o recolher, àquela hora, candidatando-se frequentemente a um par de bofetões, que um rasgão, uma "sujadela", um pequeno atraso, ou os deveres de escola justificavam, camuflando a sensaboria, a frustração e a revolta possível da vida dos pais, causa real da agressão)

... delirava com a festança, e juntava-se a ela de forma traquina e imaginativa, exacerbada pelo ambiente explosivo que a contagiava, e, instigada pelos mais velhos, garotões já com dezasseis, dezassete anos…

(oscilando entre o interesse sério pelas questões da terra, e o desejo de aproveitar o ambiente de arraial)

… gritava, acompanhando a turbamulta:

(«fora com o "pentelho"... fora com as vacas»).

Ao grupo que arremedava em gritaria, gestos loucos, galhofa e risada, tinham-se juntado dois amigos, cuja idade levava a preocupar mais com folias, problemas de saias e petisqueiras fora de horas, do que pela questão de alguém ter ou não ter de pagar para dispor de torneira em casa: um era o António, neto daquele Jorge de quem

falámos no início desta narrativa; o outro, o João Baiaia que namorava uma prima da conversada do amigo, situação que prometia vir a torná-los primos.

«Estou admirado por não ver aqui o teu pai... como ele é todo para ideias avançadas e revoluções...» gritou o João, no meio do escarcéu.

«Trabalhou desde madrugada, e deitou-se à tardinha, mas se dá conta desta barafunda, assanhado como tem andado por causa das águas, há de vir para aí ajudar à festa e meter-se em alhadas, com a mania de andar à frente; o pior é que há quem lhe dê ouvidos, e entusiasma-se. Deixa-o lá dormir.»

«E quando acordar?», insistiu o João, antegozando o espetáculo de mais uma tirada comicial, com orador fresco e agreste.

O amigo franziu a testa por momentos, para, logo de seguida, explodir numa risada irreprimível, e que terminou com um sorriso brejeiro e uma pergunta cheia de desafios:

«E se eu o fosse fechar à chave, em casa?...»

«O quê?! Fechar o "ti" Adelino Jorge em casa, com uma festa destas cá fora!? És doido! Se ele descobre, mata-te», respondeu o outro, passando do sorriso largo ao ar preocupado.

«Anda comigo, que tenho desculpa segura», finalizou o António.

Dez minutos depois, o tecelão que retemperava o corpo, depois de uma noite e um dia sem pregar olho, ficava protegido de si próprio por duas voltas de chave, cuidadosamente volteada na porta de casa.

* *

Como Josué, vamos fazer parar o tempo na vila agitada. Mais ainda: vamos andar com os ponteiros do relógio algumas horas para trás, enquanto entramos, abelhudos, no edifício dos Paços do Concelho.

Dois guardas no átrio, àquela hora, deixam-nos intrigados... mas vamos subir e satisfazer curiosidades. Toca a entrar.

«... e mostra lá ao senhor presidente o que fez a senhora Teresa», dizia o secretário da Câmara, invocando o testemunho do funcionário, perante os outros dois homens, com ar solene e preocupado.

«Depois respondeu à "ti" Ana Moleira que, dinheiro, só se lho tirassem daqui», e repetiu o gesto envergonhado, tentando atenuar o que poderia ter de ofensivo para quem o ouvia. «... mas bateu com força», corrigiu verbalmente.

O administrador ia tomando notas, enquanto Vasco, mortinho por se ver livre daquele aperto em que o tinham metido...

(a ele que também não estava disposto a pagar uma coisa que Deus dava de fartura, desde que o mundo era mundo)

... resumia o que contara já, ponto por ponto, a Joaquim da Cruz:

«... e o povo anda agora em magotes, aí pelas ruas, a blasonar que quer pôr fora as águas e os senhores...»

«Os senhores?!... Quais senhores?», cortou o administrador.

«O Concelho.»

«Valha-nos Deus com esta gente... "por bem fazer, mal haver"...» exclamou, desalentado, Luís Cravino.

«Cheira-me é que deve haver maçónicos aí pelo meio. Se calhar, temos mas é que chamar os da Guarda.»

«Os da guarda já eu chamei, mas três ou quatro, que é que eles podem fazer?», respondeu o secretário previdente ao administrador receoso.

«Da Guarda... guarda da Guarda... o senhor Cravino podia telegrafar ao excelentíssimo senhor governador civil a pedir um batalhão, ou coisa assim...»

«Ouhh! homem!», cortou o secretário Cruz com a sua expressão típica, que definia o "oito ou oitenta" comum. «"Nem tanto ao mar, nem tanto à terra"!»

«Segura-os vossemecê, se resolverem entrar por aí dentro? Bem ouviu o que disse aqui o Vasco.»

O dedo ficou-lhe no ar, porque o funcionário tinha-se escapulido. Fez-se silêncio. O presidente abanava a cabeça que amparava com a mão direita, de olhos fitos na secretária, em luta interior; o administrador olhava para o presidente, tornando-se inquieto com a demora da decisão, mas sem se atrever a decidir; o secretário, esperto, colocou-se em atitude de quem espera ordens, pensando com os seus botões que, no caso de alguma coisa dar para o torto, não teria que assumir a decisão e consequente responsabilidade. Além do mais, era um homem do povo, e custava-lhe ter de se colocar em barricada inimiga, reconhecendo embora que era necessário pôr ordem naquilo...

(«um homem vê-se em cada uma!...»)

«Então?!», interrogou Manuel Saraiva, quando já não sabia como havia de estar, ao

mesmo tempo que transferia para o presidente a decisão sem lado bom.

«Mande lá vir homens da Guarda... só uma camioneta deles... e quando chegarem que venham logo ter comigo... ficam à minha responsabilidade, que não quero ver ninguém molestado». E depois, para si próprio, suspirando, e dando um estalo arrastado com a ponta da língua, em jeito de prólogo para a invocação: «Valha-me Deus, valha!»

Meia hora mais tarde, o governador civil, intrigado, dava ordens no seguimento de um telegrama que recebera nos seguintes termos: *«Revolta de águas em Manteigas. Querem pôr fora o Concelho. Não querem água em casa. Mande uma camioneta de guardas a apresentar-se ao senhor Presidente. Só uma. Queremos pôr ordem sem desordem.»*

O pedido de confirmação do telegrama, foi respondido com outro: *«Foi sim, senhor Governador Civil. Depressa que se faz tarde»*.

* *

Foi por isto que, quando António Jorge e João Baiaia regressavam a São Marcos, descendo primeiro ao Valazedo, deram de caras com uma formação de guardas, armados de espingardas e metralhadoras, que marchavam em direção à Praça, rígidos e de ar sisudo, acentuado pelo tom avermelhado das lâmpadas de incandescência, a espreitarem timidamente do alto dos postes de madeira.

«Atenção!... Alto!», gritou o sargento que comandava, com a entoação, ora arrastada, ora

sincopada da ordem unida, que o bigode façanhudo e o ar brigão fizeram realçar.

Duas passadas batidas a tacão, e os homens imobilizaram-se sem escangalharem o ar de salvadores da pátria.

«Onde é a revolução?», perguntou, arrogante, aos rapazes, que não se sentiam muito à vontade com aquela demonstração bélica, inopinada e desconhecida.

«Revolução?!...» repetiu o João, puxando pela cabeça, sem discorrer que uma revolução pudesse ser o facto de aquela gente que ele conhecia desde fedelho, gritar que não queria água em casa.

«Os Paços do Concelho, onde são?», cortou o sargento, com o mesmo tom de intimativa.

«Já aqui em cima, à direita», disse o António, quase sem querer, apontando.

«Mas a gritaria é além para aquele lado...» respondeu o sargento, de olhar torvo e desconfiado; e logo de seguida: «Bom...» e já de pescoço torcido para o lado das tropas: «Atenção! Em frente... marche! Um, dois, esquerdo, direito... "querdo"... "querdo"...»

E os homens, carregados de armas, lá foram rua acima, acompanhados pelo olhar intrigado dos rapazes e da "ti" Maria Massana que, meio entrevada, gastava as horas da existência vasculhando a rua e as pessoas que passavam. Enquanto viu os homens a marchar, foi-se benzendo repetidamente, recordando talvez o Zé Francisco, antigo namorado, em melhores tempos, e o único homem que conhecera; primeiro, tinha sido o destino que lho roubara para outra; depois foi uma bala alemã que o roubara às duas...

(homens com armas, só podiam trazer desgraça...)

«Eh pá! Tu viste isto!? Os gajos parece que vêm para a guerra...»

Os rapazes não se tinham ainda recomposto; passando bruscamente da chocarrice leviana para a visão de promessas de morte, hesitavam continuar na galhofa apetecida, mas sem quererem mostrar o medo que brotara no peito.

«Fizeste bem em trancar o teu pai...»

«Vamos avisar as pessoas?»

«Embora.»

No momento em que largavam em passo apressado para São Marcos, começavam as pessoas a debandar, instigadas pela alocução ameaçadora de Horácio Menezes:

«A Maria de Jesus tem razão: as coisas do Concelho são para tratar no Concelho e não na

casa de cada um, e se ela diz que o senhor Cravino não está em casa, não está mesmo, que isto não é gente de mentir: nem a criada nem as senhoras. Vamos mastigar qualquer coisa, que a maior parte de nós ainda nem ceou, e porque as mulheres têm de tratar dos garotos e dos vivos; mas logo que se despachem, vamos todos para a Praça... e, de caminho, avisem os outros que ainda não saibam da roubalheira que nos querem fazer. E ninguém falte, hem!», concluiu, entre ameaça e apelo.

O mar de gente, em conversas de gestos vivos, regrediu para as freguesias, para as ruas, quelhas e casas, em grupos que se foram diluindo pelos portais, enquanto o bramido de maré que enchera as ruas esmorecia lentamente.

Nem um só deu importância aos avisos que o António e o João foram passando a este e àquele: é que não basta ter ouvidos para ouvir...

* *

Havia dez anos que a luz elétrica iluminava parcamente a vila de Manteigas e algumas casas, no tom vermelho pálido das lâmpadas de incandescência com filamento de carvão: luz suficiente para não tropeçar na irregularidade das calçadas, e podermos acompanhar os nossos pais e avós...

(talvez alguns bisavós)

... naquela noite irrequieta.

Tanta gente a caminhar para os lados da Misericórdia, só mesmo na Semana Santa. Os estados de alma e atitudes é que eram

nitidamente diferentes dos que se exteriorizam em eventos religiosos: havia muitas mulheres que iam com os seus homens ao pé, o que não era usual; havia algumas vozes avinhadas que não se teriam escutado em adoração ao Senhor do Esquife; e todo o ambiente solene, silencioso e respeitoso, que vemos no Enterro do Senhor, era substituído por um vozear que se alteava, à maneira que se trocavam ideias com os mais chegados.

Seguindo leis da natureza seletiva, os chefes dos grupos tinham-se destacado uma vez mais, e comandavam os pensamentos coletivos, as vozes e os movimentos.

Quando os primeiros começaram a juntar-se, frente à Câmara, um homem desconhecido, fardado com o rigor de um soldado de chumbo, de bigodeira tesa atirando as guias para o céu...

(imitando a pistola que empunhava, empertigado)

... destacou-se da porta do edifício que se abrira, seguido de mais quatro façanhudos, de espingardas a sessenta graus.

«Olha! São guardas de fora!», correu, em sussurros, pelas bocas atónitas.

«Não nos quiseram ouvir... agora toma!», disse um amigo para o outro, excitadamente.

«Eh pá! Parece que estás cheio de farnicoques! Deixa lá que isto não vai dar nada.»

Já o sargento, aperaltado, exortava:

«... vão lá mas é para casa!», cortou seco. «Não sabem que a lei não permite ajuntamentos, paragens na via pública de mais de dois indivíduos, reuniões, manifestações, desacatos, barulho à noite...»

«"Tamém no permite gatunagem, e a Câmbra tá-nos a querer roubar"», chapou-lhe, desabrida, na carranca, Rosairita do Cardoso, num manteiguense vernáculo, de que o sargento só apanhou o tom.

«O que é que vossemecê disse?...»

«"E vomecê tá a defender uma ladroeira, na vez de defender os pobres".» Inspirou fundo e completou, entusiasmada consigo própria e com os sinais de apoio que lhe chegavam aos ouvidos, embalando-a na sua razão: «"Desande prá sua terra, é vomecê, mais os matadores que traz consigo, caqui, quem manda é a gente"», e fincou-se bem no chão, de peito adiantado em desafio, e mãos nas ancas, irredutível, depois de ter gesticulado com o braço direito, de dedo apontado.

«Venha cá dentro prestar declarações», ameaçou o graduado, avançando, vermelhusco, com a mão esquerda em garra, entre o escarcéu de apoio da multidão que engrossara rapidamente, com a afluência dos grupos periféricos, atraídos pelo início da disputa.

Houve uma vaga de recuo que Maria do Rosário susteve:

«"Cal claração, cal quê? Nô poago, e pronto. Inda quer mais clarações?... Fora cô Concelho e fora coas augas"», disse, refilona, sacudindo a cabeça com violência, dando vida e tom de afronta a cada uma das palavras, descarregando, num momento, os travos e humilhações de uma vida submissa.

«Está presa por distúrbios, desrespeito à autoridade e afrontas às forças vivas do Concelho.» E o homem agarrou com força tenaz

no braço da mulher, indiferente ao seu ar de desafio e sacudidelas irritadas.

O sussurro forte dos manifestantes aumentou rapidamente de volume, e sentia-se no ar a carga densa das tensões nervosas.

(«Aonde é que leva a mulher, seu cobardolas? Rua daqui para fora! Vão lá para a vossa terra, seus arraianos de merda! Fora, fora! Deixe lá a mulher, que ela tem razão. Gatunos! Fora com as águas, fora com o Concelho! Uhuh!»), ouvia-se, num amálgama desencontrado e confuso, em tons diversos e agitados, denunciando um fervilhar crescente.

O sargento arrastou a mulher, e logo a frente da turbamulta avançou, à uma, sobre os guardas armados, que rapidamente puxaram as culatras das "Mauser", apontando ao magote, a um metro das caras dos primeiros, prontos a disparar se

alguém dissesse "fogo". Depois, sempre tensos, foram recuando sem aliviar a posição ofensiva, perante a impotência dos homens que rangiam os dentes, e quase choravam de raiva. O sargento, de olhos brilhantes e insolentes, passeava a mira da pistola sobre os grupos em que o tumulto era mais forte, esperando um pretexto para demonstrar eficácia e determinação...

(caminho para louvores e promoções)

... que exercitara, em revoltas passadas, no Porto e na Capital.

Desaparecia Rosairita do Cardoso no umbral do edifício, enquanto continuava a gritar ao guarda e às gentes *(«nunca fiz mal a ninguém e quem não deve não teme»)*, avançava, impelido pela raiva, Horácio Menezes, apontando os braços, como lanças, à cara dos atiradores:

«Tenham vergonha, homens, tenham vergonha... a meterem-se com mulheres que nem moscas sabem matar! Na guerra, como eu estive, é que gostava de vos ver a bravura, seus cagões de merda... mas em vos tirando a ponta-e-mola com que esfaqueais nas feiras, não valeis a ponta de um corno, que eu bem vos...»

Uma coronhada cava nas costelas, debaixo do sovaco direito, interrompeu o homem que, logo de seguida, foi aos baldões do destino e dos guardas, em direção à portada sinistra.

Perante a agressão, em resposta à razão, o povo avançou em vaga renovada, com gritos de ameaça coriscando nos ares. Ouviu-se um disparo e uma voz forte, ininteligível entre o bramir da gente em fúria, e, num repente, de cada janela dos Paços do Concelho saiu o cano de uma arma, enquanto, na varanda, quatro homens

acabavam de montar duas metralhadoras, pairando como abutres sobre as cabeças da multidão que se conteve, surpreendida e medrosa, cada um pensando, por instinto imediato, na razão mais próxima para viver.

Foi neste entretanto que, de cabeça baixa e escondida por boina funda, José da Silva, entre dois guardas dos que, havia muito, bebiam vinho de manteiguenses, entrou no edifício a coberto da penumbra das paredes, da confusão gerada, e dos capotes da ordem.

Deixemos, mais uma vez, a gente cá fora, ameaçada de morte...

(afinal, por não terem setenta mil reis, e terem ousado dizê-lo alto)

... e vamos acompanhar os que vimos ir entrando na velha sede municipal, símbolo antigo de uma forma de ser livre. Não vamos

porém deter-nos muito tempo no átrio, onde, em banco raso de madeira, o cidadão de Manteigas, Horácio Menezes, afaga as costelas, resmoneando em ladainha, ao lado da cidadã, Maria do Rosário, que fala sem parar, num nervosismo patente; nem tampouco vamos reparar no guarda que os vigia com ar feroz, como se do Zé do Telhado e a Amiga se tratassem; nem em todos os outros que se movimentam, como se inimigo poderoso lhes quisesse, a ferro e fogo, tomar posições. Vamos mas é seguir o grupo dos três homens que entraram sorrateiramente, porque aquele ar de mistério e modos cautelosos prometem novidades. Mas de passagem...

«Ó Horácio! Não era o senhor Zé da Silva que ia ali, também preso?!»

«Não vi... »

«Parecia-me ele, mas também não sei porquê... ele não tem que pagar coisíssima nenhuma das águas!»

«Se estes malandros nos prenderam a nós, até a mãe deles são capazes de prender, quanto mais um calceteiro.»

O diálogo continuou, em conjeturas e considerações, enquanto o trio subia até à porta do gabinete presidencial, onde aguardou, após três pancadas, certas e cerimoniosas, na madeira antiga.

Vamos aproveitar os momentos em que aguardam o acesso, para sabermos um pouco mais deste homem que nos aparece encarapuçado no meio de uma tempestade de emoções.

José da Silva era lisboeta, nascido para os lados do Castelo. Tinha aparecido, com mais alguns de fora, para fazer obra mais cuidada ao

senhor Carvalho, e por razões que ninguém sabia ao certo, acabara por ficar, mesmo depois da obra pronta, e os companheiros terem partido. Disse-se, durante algum tempo, e à boca pequena, que se entendera com o patrão, em prejuízo dos colegas, a troco da garantia de trabalho por mais uns tempos, em obras dele e de amigos, o que lhe começara a valer a alcunha...

(Manteigas era a capital das alcunhas)

... de Mula; mas, em terra pequena, sempre havia de se inventar alguma coisa para explicar o que não se entendia.

Certo, certo é que, em simpatia e capacidade de contar anedotas picantes, não havia melhor que ele. E histórias de coisas que só acontecem nas cidades. Belas e sonhadoras tardes se tinham passado na venda do Januário, a ouvi-lo entre copos bem bebidos! Risonho, a dar para o

gorducho, brincalhão, meio careca e pitosga, *(«o homem tinha mesmo um "piadão"»)!*

Dava-se com todos, mas só quem fosse cego é que não via que, com os ricos, as maneiras eram outras: mesuras, palmadinhas, excelências e reverências, familiaridades subalternas, enfim... mas cada um tem direito ao seu feitio. *(«"Bô sujeito"»)*, como resumiria Adelino Jorge.

«Quem é?», ouviu-se o secretário da Câmara perguntar, à segunda série de três pancadas reverentes.

«É o cabo Afonso Geraldes, senhor Cruz.»

Entreabriu-se a porta, vigiada por olhar desconfiado.

«Então que se passa?», interrogou o homem do gabinete, dirigindo-se ao cabo da guarda, mas de olho no calceteiro.

«Dá-me licença que entre? Tenho um assunto importante a comunicar ao senhor presidente.

«Entre lá, entre lá...»

«Esperem aqui fora», recomendou o cabo aos outros dois.

De boné a girar nas mãos, meio ofuscado pelo clarão do lustre pomposo, com todas as lâmpadas acesas, contrastando com a luz, quase de luminária, do corredor, o homem dirigiu-se à secretária onde o presidente se sentava com ar preocupado, angustiado mesmo; foi avançando, distribuindo cumprimentos com pequenas paragens de andamento, como tolhido da perna esquerda, a intervalos. Um minuto depois, o homem fardado cochichava ao ouvido direito de Luís Cravino, que ouvia atento, enquanto Joaquim da Cruz, de cabeça pendida para a esquerda, também ouvia, apoiado às costas da

cadeira presidencial, e Manuel Saraiva, de cabeça pendida para a direita, ouvia também, apoiado no tampo negro da secretária, como se a sala estivesse cheia de gente, e o recado fosse coisa que só eles devessem ouvir. Os outros personagens que estavam dentro da sala, dois guardas que se encontravam a ladear a porta de entrada, olhavam um para o outro, com os olhos a formar com a testa expressivos pontos de interrogação. Depois de uns momentos, um deles, conhecido pela alcunha de Fadista, aproximou-se do outro, simulando escutar à porta, e segredou:

«Se o nosso cabo jantou o prato preferido, os gajos, estão aqui, estão a desmaiar.»

«O quê? O bacalhau assado com alho, regadinho a "tintol"?»

E as caras dos homens ficaram de repente congestionadas, a rebentar de riso inoportuno.

«E o senhor Geraldes acha que isso acabava com a desordem, sem molestar ninguém?», inquiriu audivelmente, cheio de dúvidas, o presidente, franzindo os cantos da boca em amargura patente, depois do circunlóquio, cheio de recomendações de discrição, do cabo da guarda da república.

«É como lhe disse... arrecadam-se os cabecilhas», acompanhou com um gesto elucidativo, como quem decapitava, «e a malta vai para casa, sem tugir nem mugir.»

«O que é que acham?», e virou-se para os acólitos.

O administrador do Concelho elevou as sobrancelhas, afastou os queixos, mantendo a boca fechada apenas pela junção dos lábios,

soergueu os ombros, inclinou ligeiramente a cabeça, e manteve-se assim uns momentos, sem dizer “piu”.

O secretário da Câmara tossiu duas vezes, com secura aflita, e pôs-se a arrumar papelada, mais que arrumada, antevendo, preocupado, o seu primo e antigo companheiro de lições de música, aquele Adelino Jorge, sempre num "ferve-ferve", a entrar ali debaixo de armas, a barafustar contra tudo e contra todos.

«Mande lá entrar o homem», acabou por decidir, sem mais horizontes, Luís Cravino, num tom lúgubre que mais parecia um decreto de sentença de morte.

Logo de seguida, entre ordens segredadas, saía o cabo Geraldes, para reentrar, pouco depois, com o calceteiro; saía o Fadista com o companheiro, seguidos pelo secretário da

Câmara; reentrava este; saía de novo o cabo, para entrar, minutos depois, com o sargento Fagundes, empertigado e mais sanhudo que nunca, mas de pistola no coldre; finalmente, entreolharam-se, sentaram-se os civis, e começou a delação, embalada pelos ecos ritmados que chegavam da Praça Luís de Camões: *(«... fora com o Concelho... fora com as águas... fora com o...»)*

* *

Pelas três da manhã, meia dúzia dos mais renitentes, vencidos pelo cansaço e convencidos pelos conselhos pessoais do senhor Cruz e do senhor Saraiva, acabaram por ir para casa, alguns, de olhos marejados, que a repressão dos soluços não conseguia secar.

Minutos depois, saía do edifício da Câmara um homem de boina enterrada sobre os olhos, protegido pela vigilância de um guarda, que esperou, entre as ombreiras, que desaparecesse, afundado na escada para o Chafariz. Antes que o militar fechasse a porta, saiu o cabo com três guardas que, cheios de precauções, foram perscrutar todos os acessos à Praça, acabando por postar-se em lugares que lhes permitiam vigiar todas as entradas. O cabo fez depois um sinal, e, segundos depois, apareceu, enquadrado na portada, Joaquim Baptista e logo José Ascensão, seguido por Teresa Calçana que conversava baixo, virada para trás, com Rosária do Cardoso, e ainda outro e outro, que a luz pouco intensa e os vultos dos guardas, alteados pelos bonés, e que iam saindo de mistura com os presos, não permitiam identificar. Doze. Um a um, subiram

para a camioneta que se aproximara, entreajudando-se fraternalmente, e lá foram a caminho da Guarda, entre lágrimas, espingardas, bonés e medos.

Ao longo da noite, como demónios no Juízo Final, os guardas foram batendo a porta aqui, porta além, arrastando da cama e da família, aqueles que a lista apontava como agitadores, e que não fora possível prender, ainda na Praça, semeando inquietações e receios em todos os que tinham manifestado oposição à decisão da Câmara. Porque se prendia este e não aquele? Que tinha feito este a mais que o outro? Quem mandava prender quem? Que critério distinguia o descontente do insurreto? Foi noite de angústia na vila em insónia.

Surpreendentemente, Adelino Jorge escapou, sabe-se lá se devido a uma rodada de copos na

venda do Januário, bebida na companhia da "boa pessoua" do Zé da Silva, calceteiro. Dormiu como justo, sem sonhar que não tinha sido preso porque bebera um copo no momento certo e com a pessoa certa... e afinal, porque o filho o prendera dentro da própria casa, evitando que tivesse acudido ao apelo de vizinhos que o tinham querido levar para o ajuntamento na Praça. Só de madrugada, a caminho da labuta na fábrica do Outeiro, se deu conta real dos frutos amargos da revolução e do pedaço de história que perdera.

* *

Nessa mesma noite, por contraste, nem pregou olho Luís Cravino, que dava voltas ao bestunto, interrogando-se, duvidando se a

medida teria sido acertada, e magicando como é que ia tirar aquelas pessoas...

(afinal amigos seus)

... da prisão do distrito; nem as duas levas de cidadãos de Manteigas que, longe de casa, e na insegurança de uma cela com grades, rezavam com fervor inusitado, na inquietação que traz o desconhecimento do futuro previsível; nem os maridos e esposas e filhos que, nos leitos pobres, iam misturando lágrimas com súplicas a Deus, por quem se julgavam abandonados; nem José da Silva, o Mula, antevendo, entusiasmado, a dinheirama que as obras prometidas iam fazer entrar no seu pé-de-meia, no verdadeiro rigor do termo.

A madrugada, em tons de cinzento, veio iluminar a cor negra do espaldar do cadeirão solene, onde o presidente da Câmara preparara e

relera já telegramas diversos. Fez mais umas emendas ligeiras, e com um *(«há de ser o que Deus quiser»)*, saiu do edifício e dirigiu-se, solitário, a Fundevila, onde, com pancadas vigorosas na porta de castanho, acordou Manuel Gaspar que assomou à janela com ar de quem vai para zaragata.

«Quem é?... Ah! É o senhor presidente... desculpe lá o preparo em que venho; há novidade?», disse, alterando a expressão do rosto quatro vezes, nos breves segundos que falou.

«Desculpe lá o senhor Gaspar vir incomodá-lo a esta hora, mas tenho aqui uns telegramas por causa das pessoas que foram presas esta noite... quando chegassem às repartições, a ver se isto já lá estava e mandavam as pessoas para suas casas.» Suspirou e, enquanto abanava a cabeça, concluiu em desabafo: «Se alguma vez me

passou pela cabeça que as iam levar para fora do concelho!... Faça-me lá esse favor.»

«Para isso nem precisa pedir... dê-me só tempo de enfiar qualquer coisa.»

Passou-se o dia em telegramas para cá, telegramas para lá, para este e para aquele, mas, para desespero pessoal e institucional de Luís Cravino, as pessoas continuaram retidas para lhes averiguarem as ideias, as palavras e o pensamento, porque isto de violar a Lei e a Ordem cada vez era coisa mais grave.

* *

Três noites depois, quando mesmo a esperança deixou de antever uma data para a libertação dos homens e mulheres que carpiam na Guarda as saudades de Manteigas, um homem

elegantemente vestido de preto, com capa e chapéu a proteger do frio e dos olhares, botas confortáveis para calçadas irregulares, e óculos encavalitados no nariz, para aguçar a visão, saiu de uma porta de casa franca, ao ritmo cadenciado de dez badaladas, espargidas pelas ruas e praças, pelo sino da igreja de São Pedro, ali ao pé. Tomou a rua estreitíssima que conduz ao Largo do Chafariz, e parou, um minuto depois, defronte das alminhas talhadas na casa baixa, ali à direita; benzeu-se, encostando a bengala ao peito, substituiu o pensamento tormentoso por um Pai-Nosso bem-intencionado, e prosseguiu atravessando a ponte sobre o Ribeiro da Vila. Antes de entrar no Largo, subiu à esquerda, e logo à direita, rodeando casita alta e periclitante, em direção à Praça. Já com a Igreja da Misericórdia à vista, parou, hesitando entre avançar nessa

direção, ou continuar a subir pela esquerda, como se fosse para o forno da Rua Chã. Subiu. Antes do edifício comunitário de um só piso, ameaçado pela altura necessária da chaminé, deitou a mão à aldraba de um portão de ferro, entre pilares de granito, recolhido à direita.

(«Vivalma em todo o caminho; ainda bem.»)

Foi entrando, tateando o chão sem luz com a bengala de torneado simples, e acabou a dar três pancadinhas discretas, com os nós dos dedos, na porta ao fundo. Um curto silêncio, e logo uma voz de mulher:

«Joaquim, vem cá depressa; já está aqui.»

Abria-se a porta, enquanto chegava um indivíduo de corpo arredondado, com um sorriso franco na cara larga sobre pescoço grosso, e a mulher se retirava.

«Ó José! Então chega-me pela cozinha?! Estava à sua espera, a ver se o via pela janela da frente»; e logo franqueando a passagem: «Entre, entre. A Maria do Rosário ainda estava de avental, a ultimar umas coisitas, e foi retocar-se como a visita merece. Bem-haja por ter vindo. Vamos lá para o escritório... vá à frente que já conhece os cantos à casa», foi intervalando o anfitrião, com os passos em direção ao interior, a que se seguiram as saudações múltiplas que se iam dirigindo cordialmente.

Na quadra iluminada por um desses candeeiros com um peso e duas roldanas em cerâmica, que permitem regular a altura da lâmpada, resguardada por uma tulipa translúcida, mais azul que verde, sentia-se um bem-estar indefinido. Seria pela singeleza requintada da decoração geral? Afinal, três cadeiras de braços,

estofadas a pano; uma secretária sem torneados de mau gosto, com um tampo a que se sobrepunha uma estante de tábua única, apoiada em quatro pequenos pilares, no lado oposto ao da cadeira; a cobri-la parcialmente, umas folhas manuscritas e umas pautas de música, a justificar os tinteiros, canetas, mata-borrão e pequeno canivete que, juntamente com um busto de Bach, em simetria com um Cristo crucificado, ocupavam a prateleira elevada. Ainda um abre-cartas de prata lavrada, e um pesa-papéis de cristal, gravado subtilmente numa das faces: *Con la amicizia+ammirazione dello P. Perosi. Roma.*

Na parede, duas fotografias: uma, dos pais, em trajes requintados, com ar sério; a segunda, com família alargada, em que se adivinhava já a cara redonda de Joaquim, criança ainda, reflexo

do olhar da mãe. Nesta, o sorriso esbatera ligeiramente a pose.

Enquadradas com gosto, imagem com Nossa Senhora de Lourdes e outra com o Senhor do Calvário. Num canto discreto, por cima de uma viola encostada sobre uma almofada no chão, uma fotografia de Joaquim, com ar formalíssimo, em vestes talares.

A dominar o ambiente, duas estantes prenhes de livros e de papéis; estes, ordenadamente apartados em grupos, por fitas de nastro ou guita. Numa zona com portas de vidros biselados, sobressaíam as obras mais seletas e as edições mais valiosas.

A acalentar o ambiente, uma braseira de cobre, com pá assente sobre o estrado de madeira.

Sentaram-se acompanhados pelas mesuras deferentes, que nenhum queria tomar como privilégio.

«Perdoe-me ter-lhe mandado recado para vir cá, em vez de ir eu a sua casa, mas, como sabe, ando ainda a acabar o tratamento de uma influenza que me deu que fazer. Que Deus lhe pague o incómodo.»

«Bênçãos de Deus nunca são de mais... mas essas coisas não são para nós; quanto lhe devo eu já em atenções!»

«Sabe a razão do pedido, pela nota que lhe mandei...»

«Também eu estava para tomar diligências, mas, confesso, sem saber bem por onde começar.»

«Pensei que seria melhor juntarmos esforços, quer no que se refere ao acompanhamento e

libertação dos presos, quer no apoio às famílias, porque se vislumbram já aí casos de fome a que urge acudir. E na vez de darmos um aspeto de competição descabida, que não existe, acertaríamos a melhor forma de fazer, e obter bons resultados para quem precisa, que é quem mais importa de momento. Isto, se o José estiver de acordo», sintetizou Joaquim.

«Claro que estou, colega. A prioridade é libertar as pessoas: por elas próprias, pelas famílias, e porque é essa a causa dos males consequentes. Ouvi dizer, ao Manuel Gaspar, que o senhor Luís Cravino tem mexido céus e terra no sentido de tirar a gente do calabouço; até agora, sem sucesso. O que acha de irmos falar com ele aos Paços do Concelho, para nos inteirarmos dos meandros, e podermos ajudar a mexer os pauzinhos?» e pausando, enquanto

levava o indicador ao nariz, apontando depois em frente: «Ou melhor ainda: o Joaquim, que é lá de casa, ia falar com ele pessoalmente, que será mais fácil ele abrir-se se houver por aí politiquice a emperrar a libertação. Com essa informação, falávamos de novo, e acertávamos os passos já na direção das pessoas certas, e com os argumentos mais convincentes.»

«Amanhã, pelas dez, mando lá recado a casa. A puxarmos todos no mesmo sentido, aumentamos as possibilidades», cortou Joaquim, num impulso próprio.

«Em qualquer caso, podemos avançar no campo dos paliativos: visitar os presos e amparar as famílias. Nas visitas, parece-me que devíamos ir os dois juntos. O Joaquim pode ir no sábado próximo? Eu falava com o João...»

«E eu falo com o Bernardo; eles tomam conta das coisas. Está combinado: vamos sábado à Guarda. Alugamos o carro do Serafim para nos levar...»

O visitante interrompeu, entrelaçando os dedos das mãos, curvando-se ligeiramente para a frente e inclinando a cabeça para a direita:

«Se o Joaquim se atrevesse, íamos na carreira; o carro fica dispendioso e vamos precisar do dinheiro...»

«Ámen!», suspirou o interlocutor anafado, com um sorriso de assentimento; e pondo as mãos em gesto de oração e elevando os olhos: «Que seja pelos meus pecados!»

«Pelos nossos, pelos nossos», complementou José, de olhos contentes brilhando detrás das lunetas; e logo voltando ao tema: «No que se refere aos suprimentos às famílias, é que talvez

seja melhor cada um de nós ficar pelo seu redil, por causa da pobreza envergonhada...»

«... e do bairrismo doentio. Ainda haviam de aparecer aí alguns, de cima e de baixo, a acicatar quem já está em desespero. É melhor é! Evita-se mexer em feridas e causar cisões, quando é necessária união, mais que nunca.»

«Mas se vir que tem dificuldade em mobilizar meios...» alvitrou o visitante.

«Se vier a ser necessário, não hesitarei em socorrer-me da senhora dona Maria, da Quinta de São Fernando, que não me deixará de mãos a abanar. Mas tenhamos esperança, José, tenhamos esperança que as pessoas não vão ficar neste inferno muito tempo.

«Então parece que temos tudo acertado: começamos ainda amanhã a acudir aos casos mais urgentes; o colega vai à fala com o senhor

Cravino, e encontramo-nos no Hospital... manda-me recado pela Maria José... falamos, e aproveitamos para confortar os doentes; no sábado, vamos à Guarda visitar a nossa gente, e falar com quem for preciso para garantir uma soltura rápida.»

«Se for caso disso, vamos ao Paço... tenho a certeza de que nos recebem.»

«Só se tiver de ser... é preferível não misturar as coisas...»

«Ah, mas se tiver de ser, é!»

«Bom! Então, para já, missão cumprida», rematou o homem, soerguendo-se.

Não concluiu o gesto, porque Maria do Rosário, de bandeja na mão e sorriso na cara...

(só aguardava a conclusão do colóquio)

... entrou pela porta que permanecera aberta.

«O senhor padre José não se vai embora sem provar esta jeropiga e as filhós que fiz de propósito quando o meu irmão me disse que vinha cá.»

«Ai, esta sua irmã que merece o céu pela estima que nos tem!», respondeu o prior de São Pedro, falando para os dois irmãos, com um sorriso bondoso. «Vamos lá provar as filhoses... nem me atrevo a dizer que não!»

Enquanto Maria do Rosário enchia os cálices, continuou, libertando finalmente a curiosidade:

«Vi ali uma pauta fresca na sua secretária… alguma coisa nova?… que se possa saber, claro!»

«Ainda não está ultimado, mas quer ouvir?»

«Ó meu amigo! Se quero!»

«Chegas-me aí a viola, Rosário, se fazes favor?»

Ajeitada no colo, dedilhou, afinou duas cordas, e começou num ritmo suave de valsa doce, enquanto trauteava:

«Tararata tarara ta…»

Pareceu entrar-se numa dimensão superior. Quando terminou, José Baylão estava extasiado e exclamou convicto:

«Ó padre Joaquim! O colega é um génio… esse cântico tem pernas para correr o mundo… isso é música de anjos no céu!»

«Bem! A letra começa de facto com *Santos, Anjos e Arcanjos*… mas ainda não está acabada: falta o arranjo para órgão.

«Não imagina como me fez subir às alturas!

A confraternização cordial, mas curta...

(que o relógio não tinha parado)

... selou o acordo de bem-fazer entre dois homens bons.

«Vá com Deus, senhor padre José», despediu-se Maria do Rosário.

«Fiquem com Deus!... e que Ele nos ajude nesta causa.»

Mais ninguém soube desta reunião. Como muitas coisas que acabam por reger o destino dos humanos, o secretismo foi chave importante. Neste caso, entre pessoas de bem.

Os párocos, Joaquim Dias Parente e José Baylão Pinheiro, comprometeram os seus atos conforme as suas palavras e convicções, e Deus ajudou os seus vigários em Santa Maria e em São Pedro de Manteigas: matou-se a fome aos mais pobres de todos, instilou-se fé nas almas que se julgavam cativas, e libertaram-se, com a cadeia de boas vontades, os "chefes da revolta" que, dias depois, estavam em suas casas gozando, como nunca, as delícias do lar: pobre, mas seu.

* *

Em 1940, já José Mula tinha reconquistado a sua popularidade...

(que as coisas tinham acabado por saber-se, e nunca mais se livrara da alcunha... o que, de algum modo, era um sinal de integração local)

... com o jeito dos seus movimentos de cobra risonha, e piadas espertalhonas. Havia até quem dissesse que *(«se calhar até foi bom ele ter acabado com a revolta, dizendo os nomes, porque a água, assim, sempre é outra limpeza»)*; e aqueles que, tendo perdoado, não tinham esquecido, eram quase olhados como bichos raros: coisas do mundo!

A verdade é que, após as ultimações da rede e o assentamento das ruas, o homem ganhara e

tinha dinheiro como poucos. Num dia que julgou oportuno, com uma série de rodadas de copos, na taberna do Januário, e umas graçolas mais brejeiras, despediu-se com aura de *(«"no fundo até é boa pessoua"»).* José Maria Direito, numa das viagens que fazia para fora de Manteigas, veio a encontrá-lo mais tarde, em Castelo Branco, untuoso como sempre, empreiteiro de obras, com homens a trabalhar para ele, a quem nem pagava copos nem jorna decente.

A população fora-se também vergando à ideia e à comodidade de ter água detrás da porta, em vez de fora dela; em consequência, as tagarelices do entardecer foram morrendo, os cântaros deixaram de reboar, os namorados tiveram de encontrar outros locais para piscar o olho às bem-amadas, os que iam dar de beber ao gado tornaram-se mais soturnos, pela ausência

do elemento feminino, e a civilização isolou uma vez mais, e um pouco mais, os indivíduos.

Mas nem todos.

«Ponha-a lá, mas fique sabendo que não lha gasto.»

E a resistente Josefa, da Travessa Gomes d'Abreu, continuou teimosamente a calcorrear o caminho para a Fonte do Ribeiro, até que, no final do mês, se viu coagida a pagar os três escudos e oitenta centavos...

(quase quatro mil réis)

... do aluguer do contador e do consumo mínimo de um metro cúbico de água. Afundou-se em lágrimas, coitada, em revoltas.

«Mas a "ti" Filomena só pagou três e quatrocentos!...»

«E a senhora Josefa já viu o casinhoto em que ela mora?... Além disso, ela só pode gastar três quartas partes de vossemecê...»

«Mas eu nem gastei nenhuma!...»

«Pois se gastar até mil litros, não paga nem mais um tostão.»

«Ai é?!... Mil litros?!»

Passou-se a palavra, e, a partir desse dia, a Josefa do Estêvão, a Maria José Marcos, a mulher do José Espanhol, a Antónia do Bernardo e outras vizinhas e amigas passaram a calcular, dia a dia, o consumo de água como se fosse azeite, *(«indo amparando com uns cântaros da fonte, para que os mil litros de direito deem para comida, bebida e lavagens, porque, para os trapos, o ribeiro leva muita, graças a Deus.»)*

A inauguração, nesse mesmo ano de 1940, não teve o fulgor que atingiram os festejos da

chegada da luz elétrica, havia uns dez anos, e as histórias dos resistentes continuavam a chegar diariamente aos Paços do Concelho, a fazer soar a nota da contrariedade de muitos, ainda. Era um que se recusara a pôr torneira depois do contador, espalhando aos quatro ventos que não precisava daquilo para nada, mas que fora tirando água à sorrelfa...

(já que tinha que pagar)

... usando a torneira de segurança, e que, avariada esta, teve de ir a gritar à câmara, que lhe fossem acudir, que lhe morriam os coelhos e as galinhas afogados na loja; eram outros que agrediam os canos na rua, para pretextarem o não pagamento, (*«porque aquilo está roto»)*; e finalmente ainda os que, por brio, e aproveitando a benevolência municipal, continuavam a impedir o acesso às casas, tornando impossível a

colocação dos contadores. Os funcionários queixavam-se de ofensas, não só a eles, mas endereçadas também às "Excelências". Os que mantinham o finca-pé blasonavam e reconquistavam adeptos por todas as vendas da terra, e as coisas ameaçavam não ir acalmar-se tão depressa. Reuniu-se a Câmara... pois que se havia de fazer!?

«Então que me diz a isto, senhor Saraiva?»

O interpelado levantou-se com ar de quem cogita alto, e passeando de um lado para o outro, com gestos comedidos e estudados, em tom de quem declama, foi falando, falando, falando, perscrutado por um rosto interrogativo, e outro a disfarçar um sorrisinho astuto. Depois de alguns minutos fartos de dissertação, concluídos por uma peroração enfática, finalizada com um *(«e é assim»)*, sentou-se, satisfeito consigo mesmo,

enquanto Luís Cravino, duvidando intimamente das próprias capacidades, se interrogava, sem se atrever a falar alto: *(«mas é assim como?... o quê?...»)*. E, logo de seguida, como se tivesse percebido alguma coisa:

«E o senhor Cruz, o que acha?

«O senhor presidente já tem alguma ideia?», respondeu o secretário, astuto.

«Eu sei lá?! Vou deixar andar até que se cansem e vejam a razão? Mandar intervir a guarda, para depois ter de andar a mover influências para os livrar de apertos? Chamá-los cá, para falar com cada um em particular, e tentar convencê-los? Eu sei lá!

O secretário previra aquilo tudo, ponto por ponto: a indecisão, o discurso oco, habitual, e a confissão da impossibilidade de decidir. Agora

sim: no tom humilde de quem sugere, mais uma vez, abriu o jogo e mostrou os trunfos.

«O senhor presidente desculpe-me discordar, mas se espera que eles se cansem, a verdade é que cada vez são mais, e uns copos bem bebidos entusiasmam para essas coisas; além disso, se os deixamos habituar, depois nem a Fraga da Cruz a desabar os fará mudar de ideias. Mandar prendê-los, não...» E num aparte: «agora... mandar prendê-los!...» e conduzindo de novo a voz e os olhos para Luís Cravino: «e chamá-los cá, é dar-lhes importância, e se não tem a certeza de que os convence, mais vale deixar ficar como está.»

«Então o que se há de fazer?», cortou o presidente, com o assentimento largo de oscilações de cabeça de Manuel Saraiva.

«Eles não têm que beber água?... Têm!... Mande fechar as fontes públicas e as nascentes,

que, com a água do ribeiro e das levadas não se fazem panelas de caldo.» Calou-se, conclusivo.

«Olha que se calhar...», disse mais para si que para os interlocutores, o presidente.

«Não é se calhar, é de certeza», confirmou o proponente, que fizera já sondagens, e sabia, pelo seguro, que isso era a única medida que os oponentes ao progresso temiam deveras.

Falaram mais um bocado, desfizeram-se dúvidas, pulverizadas pela voz omnipotente de Joaquim da Cruz, e foi com o secreto prazer de quem vence, misturado ainda com o sabor do desafio de quem sabe que ainda pode perder, que Luís Cravino assinou o edital...

(já feito antes da sessão da câmara, por ditado do secretário)

... em que se determinava o encerramento, sem prazo, das fontes mais importantes, e se

vendiam aquelas que, por enquadramento em propriedades de uns ou outros, interessavam e serviam mais o particular que a generalidade da povoação.

Quem pôde comprar, comprou logo, que água própria sempre foi riqueza em terra de agricultores. Com dono legal, serventia de outros, só ao "faz favor", e nem todos estavam dispostos a continuar a cedê-la, arriscando o direito de posse que tinham pago. Os restantes fontanários secaram, por força da lei, e quem quis beber ou cozinhar não teve outro remédio que não fosse socorrer-se da torneira própria ou do vizinho.

Dias depois, não havia taberna em Manteigas em que não se cantasse, com farronca, sentimento, ou por simples chocarrice:

"Senhora cambra, lá do Concelho,

Meta o bedelho, nesta aflição:

Ponha o chafariz na bica,

Ponha a fonte no Picão."

E, com entono, bisavam os dois últimos versos.

Como sitiados na própria casa, os resistentes foram paulatinamente sendo vencidos pela pressão da vizinhança que os socorrera, dando razão ao ditado antigo "quem escuta, de si ouve", através dos tabiques de tábuas centenárias, com frestas de dedo: *(«"no cuer a auga im casa dele, e anda aqui a boer a qué dos outros"»).*

Meses depois, não havia ninguém que não estivesse satisfeito por ter aguinha corrente, ali à mão... e a velha água que Deus dava, havia séculos, voltou a gorgolejar nas fontes de todos, onde se passou a beber por saudade ou por amor. Anos e anos a eito, nas tardes e serões de estio,

levados pelo inconsciente que não esquece, as gentes peregrinaram até à Fonte de São Pedro, juntaram-se em paleio morno no Largo do Chafariz, passearam mansamente pela Fonte do Picão, beijaram-se, com ternura louca, no regaço cavo da Fonte dos Namorados, ou afoitaram-se, em devaneios jovens, até à Fonte do Casão.

E por muitos, muitos anos, o sacristão da igreja antiga teimou em colher a água, para ser benzida, na fonte que corria ali ao pé.

(Veja Notas Coloquiais na página 301)

GRITO

Na serra, sem vida,
Um grito lancei
ao vê-la despida...
De triste, chorei.

Outrora, era cor
De um verde profundo,
Recanto de amor,
Oásis no mundo.

Saudades que sinto
Das frescuras sãs,
No encanto infindo
De verdes manhãs!

Guardo, no meu corpo,
As sombras que tinha.
Tanto que ora sofro!..
Não fosses tu minha!..

Corro os seus atalhos

E piso as veredas,
De olhos turvados
Pelas cinzas negras.

As chamas funestas
Queimaram os ramos,
Os tojos, as giestas,
Os pastos serranos.

Os galhos torcidos
Reclamam, ao céu,
Seus mantos vertidos
Em plúmbeo véu.

Rochas imponentes,
Como estátuas mudas,
Parecem dementes:
Tão sós e desnudas!..

As aves fugiram:
Finou-se o cantar.
As fontes sumiram...
Nem quero lembrar!

Uma raiva fera,
Por fim, me venceu,
Que caí por terra
Pedindo ao Deus meu

Justiça e crueza
Contra a mão que, infame,
Mate a natureza,
Seu sangue derrame,

Que as chamas malditas,
Que a seiva consomem,
Aniquilam vidas,
'stão matando o Homem!

O SENHOR DE PERA E BIGODE

O galo da tia Rita do Pomar deixou a última nota a esvair-se no ar da madrugada. Era o sinal: estiquei as pernas e, ensonado ainda, fui coçando maquinalmente o pescoço, mais para despertar que para aliviar-me das pulgas...

(vizinhas costumeiras)

... e depois de um cerimonial ginástico, que repito todos os dias, limpei as cordas vocais.

«Ãorr!»

Logo de seguida, a cama de ferro gemeu no soalho em cima: uma sacudidela, apenas uma.

«Ãorr, ãorr... ãorr.», fui limpando a garganta.

Desta vez foi uma chiada longa e diversa, acompanhada de bocejos desesperados, interrompidos por duas pancadas surdas, muito juntas, e logo, logo, um cochichar de oração em que distingui sobretudo, *«pai João... mãe Ana... purgatório... fogo do inferno... e eterno descanso»*. Era assim, havia anos... tantos quantos o ti Simão, bom amo, decidira confiar-me a guarda do rebanho.

Enquanto me aperaltava, que o dia era para isso, o ritual continuava na casa, cronométrico e sequencial: o chichi a cair com som de cascata metálica no bacio de esmalte, o bater das botas grossas, o chapinhar alegre da água na bacia azulada com debrum escuro, seguido do "trxx", ao cair nas pedras da quelha...

(sem aviso de "água vai", que, àquela hora, não ia passar ninguém, com certeza)

... o chocar ténue de fivelas e caçoulas, a que se juntou, pouco depois, o cantar alegre de campainhas e chocalhos, e, como música de fundo a tudo isto, uma chinelada suave e apressada, que só ouvido atilado podia distinguir. Esse "plaf- plaf" tinha nome.

«Traz cá o fato, Marizoé.»

Mais uns estalos e chiadeiras de aldrabas e missagras envelhecidas, antes das recomendações sussurradas, a acarinhar:

«A bucha vai no saquito branco. Olha que o migalho de toucinho frito já é de ontem; não o deixes estragar. Não te esqueças de mandar recado por quem venha cá abaixo... e vai com tento, Manel; olha que tem havido lobos, com ovelhas mortas e tudo.»

«És uma santa, mulher! Fica com Deus e não te amofines. Dá um beijo à pequena, quando acordar.»

Um minuto depois, tinha eu a porta aberta, e saltava lampeiro para rua, farejando a vida e o regresso à serra que é onde eu me sinto um senhor.

Cajado de nós polidos, alforge inchado, chapeirão protetor, botas grossas de brochas sonantes, safões ainda para durar, capa longa de burel bem pisoado, e ainda aquele braçado de campainhas, dão ao ti Simão uma figura de respeito; e a cara ajuda... parece que o homem saiu de um livro antigo!

Eu também sou bem-parecido: pernas fortes, grandalhão, olhos a pairar entre a calma fria e a ameaça de tempestade...

(é cá requinte meu, que tanto me serve para afugentar inimigos como cativar namoradas)

... esporões agressivos, dentuça debruada a negro, capaz de meter medo a sete, pescoço grosso e taurino, coleira de picos fortes...

(prenda briosa do meu dono)

... e um lombo nervoso e rijo, que lobo algum se afoitou ainda a morder.

Depois da festa na cabeça, agradecida com lambidela carinhosa, demos costas ao ribeiro da vila, e entestámos a rampa agreste do Picoto. Vencido este, lá continuámos pelo caminho da Carvalheira acima, a sonhar com a passagem pela "Casa das Gadanhas", onde o calvário se adoça com subida menos íngreme. Mas até lá, ui, ui! Língua de fora à cata do fresco, e toca a marchar porque o caminho só mingua se avançarmos.

Amigos do coração, mas respeitando hábito de sempre, íamos trepando sem trocar palavra, poupando fôlego, absortos, cada um nos seus pensamentos: eu, nestes devaneios fanfarrões, e o ti Simão, sei lá, talvez a recear se faltaria alguma cabeça, porque o criado, o António do Carriço,

que lhe ficara com o gado, não era grande coisa para aquilo...

(gente nova!)

... ou a planear a ida para a Idanha, quando a neve apertasse. O que ele não esquecia nunca, de certeza, era o filho que, na tropa, andava lá por Lisboa aos tombos, pela certa, que aquilo era má terra para rapaz novo e solteiro... e, pior que tudo, a correr de revolta para revolta, arriscando apanhar um tiro, com comandante diferente cada dia, com governos a nascer e a morrer todos os meses... e quem sabe se até a prender gente, ou mesmo a fechar templos e a perseguir padres e freiras, por ordens do governo.

(Diz-se por aí, à boca pequena, que o senhor Marcos, sacristão de Santa Maria, de combinação com o senhor Padre Parente, até já fez desaparecer o cálice de ouro e outras coisas valiosas, não fosse surgir por aqui algum

desvairado que lhe desse a doudice para roubar a igreja... um maluco ou um pelotão devidamente instruído, o que seria mais temível ainda!)

Muito rezava o ti Simão para que o filho se não deixasse embrulhar com essas ideias do demónio! E com razão, porque exageros daqueles não prediziam nada de bom... mas exagero era também o do homem...

(e a senhora Maria José, então!...)

... que teimava em sonhar com o paraíso da monarquia, esquecido da fominha que tinham passado, e do desprezo altaneiro com que eram tratados por alguns de meia costela fidalga... que aqui, em Manteigas, não havia que dizer dos senhores das Obras e da Quinta.

E cá com o meu nariz... os republicanos serão melhores? Vejam a pressa com que esqueceram o voto universal que prometiam no tempo de D. Carlos e D. Manuel, logo que se aperceberam

que perderiam as eleições se o instituíssem. Zás: lei à medida para só votarem os que lhes eram favoráveis, e pronto: democrática e legalmente eleitos! Rica pandilha!

E o povinho... da fome não se livrou, e como se não bastasse, cada vez mais ressoam rumores de guerra: diz-se que os nossos amigalhaços ingleses se puseram de panelinha com os alemães para se abarbatarem com as nossas colónias de África... grandes safardanas! Mas, por outro lado, pensando bem: que raio de democratas são os nossos republicanos, que julgam que os pretos não têm direito a governar a terra que é sua?! Nem para nós, nem para os outros gulosos, claro. Deixem-nos lá com a vida deles. Por que raio é que a nossa rapaziada, que tanta falta faz aqui nas terras, nos rebanhos e nos engenhos, tem de ir lá para os infernos fazer guerra por conta dos senhores do mando, a

morrer por coisas que não são nossas? E isto está a ser aprontado por estes, não pelos monárquicos.

(Já outra coisa é ali o rei de Espanha andar com ideias de nos pôr a pata em cima, com o pretexto que a nossa república é um perigo para o tronozinho dele. O Afonsinho XIII venha cá armar-se em "galifão", venha, que a gente, nem que seja com paus, pedras e dentadas, relembra-lhe Aljubarrota e 1640.)

Às vezes, acho que quem tem razão é o ti Manuel de Jesus, que dizia no outro dia para os vizinhos da quelha, ao pé do Rossio, que *«isto são cães e lobos... comem todos»*. Reconheço que é verdade, mas, para mim, acho que sempre é preferível a liberdade... hum... mas que a liberdade de agora está um bocado afunilada, está... larga para quem diz "aquessim" a tudo, mas para os que contestam... bem, resta ter

esperança que um dia, nem que seja daqui a cem anos, haja democracia a sério, com o povo a escolher direta e conscientemente, e os partidos se entendam, com o fito único no bem das pessoas e dos animais; que no parlamento, ou lá como lhe chamam, não passem o tempo a dar à trabécula, como agora fazem, preocupados em achincalhar-se uns aos outros para ganharem votos, em vez de tratarem seriamente dos assuntos de que o país necessita.

Um vago odor a coelho, sem que eu quisesse, arrebitou-me a orelha e roubou-me às fantasias do pensamento; como quem não quer a coisa, saí para a mata, não fosse andar ali perto...

«Fiel!»

Oi! Era o tom que não admitia discussão. Regressei logo ao caminho, pois claro. Afinal sou cão de pastor e não um rafeiro qualquer!

Avassalada pelo globo que se empenhava em começar a espreitar nas costas de São Lourenço, a serra, à nossa esquerda, começava a avermelhar difusamente, ajeitando-se para a entrega, sem pudores, à carícia tépida do astro-deus. Os cantores noturnos tinham-se ido calando pouco a pouco, até ao silêncio perfeito, inquietante, cheio de mistério: é a transição entre a morte e a vida; logo depois vem a aurora, e com ela fogem os temores às almas penadas, espantados pelo desvendar que a luz comporta. A sinfonia do amanhecer impõe-se menos ao consciente que os gritos noturnos: a atenção é simultaneamente cativada pelas cores e contrastes, entre o sombreado e a claridade que, começando apática ou rosada, em breve se vai doirando num tom que faz lembrar histórias de palácios moiros e donzelas encantadas.

Já alguma vez tiveram a dita de, sentados no Vale Formoso, olharem de frente para os penhascos que se elevam ao céu, para o lado do poente, no momento em que o astro criador vai espreguiçando os seus primeiros raios, ensonados ainda, em direção à Terra? Veremos o fraguedo sair, deslizante, do lusco-fusco, e, de um momento para o outro, começar a passar de um vermelho sem calor, para um dourado esplendecente de milagre: é um curto momento de êxtase, que um rosado mais forte corta sem aviso, oferecendo de seguida luz a jorros, forte, dura, sem magia. Os uivos que gritei ao céu nas primeiras vezes que assisti a esta mutação de alquimia! Até que percebi porque chamavam ao sítio, Penhas Douradas.

À maneira que fomos subindo, a Fraga da Cruz fora perdendo a imponência que mostra à vila, no fundo do vale, ombreando agora com os

poios do Frade e a Freira. Tínhamos deixado, entretanto, o Observatório à direita, passáramos entre as Portas do Inferno, galgáramos até à Casa da Fraga e, passando entre os chalés dos ricaços, que ainda bufariam antes de o sono os largar, atalhámos para os lados do Fragão do Corvo. Manteigas começava a esfregar os olhos quando botámos pé...

(*não vejo por que tenha de dizer pata)*

... no Vale das Éguas.

Alfaias arrumadas, e despedido para a vila o Tonito do Carriço, com uns ralhetes e recados às costas, iniciámos a deambulação, serra fora, enchendo o ar com a música de aleluia das ovelhas e cabritas.

Pudesse alongar-me sem maçá-lo, leitor precioso, e ensinar-lhe-ia como faço o meu trabalho de cão-pastor, contaria histórias de lobos e raposas, repetir-lhe-ia algumas das

cantilenas e ladainhas do ti Simão, falar-lhe-ia de como dormimos, comemos, recolhemos o leite, nos defendemos da bicharada... e até era capaz de lhe confidenciar algumas conversas que temos os dois. Sem pormenores brejeiros, ainda mesmo uma aventura ou outra, cá do Fiel, com a Laica e a Esperta. Assim, vamos ao que interessa.

Foi ainda nessa tarde, já o sol ia a murchar, que apareceu um senhor de bigode... bigode e pera afilada. Dei com ele logo ao despontar por detrás do Seixo Branco. Não me teve medo, o figurão! Ladrei, arremeti... e nada; foi-se aproximando, de charuto a fumegar, boina de pala, esquisita, na cabeça, queixo peludo, espetado com arrogância, a guardar olhos pequenos, escuros e irónicos, um certo ar petulante, casaco curto abotoado sobre camisa forte, às riscas, mão num bolso, obrigando o cotovelo a espetar-se para fora, calças com

polainas e sapatos de sola alta. O contraste chocava, porque a indumentária, própria para andanças em terra agreste, estava como saída, no momento, de arcaz cuidado ou de cruzeta bem torneada. Já tinha visto coisa assim nuns livros da menina Fininha, em tarde quente de sorna domingueira; em carne e osso, é que nunca imaginara.

«Boa tarde! Belo cãozarrão, hem!»

Pronto; logo fiz as pazes com o homem de bigode. Este coraçãozito!

«Venha com Deus!», e com o indicador encostado à testa, o pastor levantou o chapéu, um milímetro apenas.

Nã! O ti Simão não engraçou com o homem... ou terá sido só aquela desconfiança inata que, aparentando rudeza, cai de pantana face ao esboço de um sorriso franco?

O gado, como se entendesse alguma coisa daquilo, ia-se dispondo em meia-lua escangalhada, enquadrando os atores em cena.

«Rebanho valente... deve ser leite com fartura!?...»

Um olhar oblíquo e... moita-carrasco.

Mais uma fumaça avaliadora, e novo assalto:

«Por aqui sozinho, deve apertar-lhe saudade da família. Tem fil...?»

«Isso é que nem vossa senhoria sabe...» Pronto, estava vencido. «Tenho uma pequenita ainda na escola, que já veio para o tarde, e me deixou a patroa sempre enfermiça, o que me tem dado ralações que só Deus sabe. Agora é também o rapaz que me levaram para a tropa. Há migalhos que custa... às vezes dou comigo a falar aqui com o Fiel... e o dianho do cão que parece que entende e que até quer responder!» A última

frase tinha já a pincelada de um esboço de sorriso.

Fechada, antes, a sete chaves, a alma do bom homem estava já escancarada, e nem era preciso ser cão para se ver, pela cara e pelo gesto, que o visitante acertara no segredo.

«Só tem dois?!»

«Mais uns gémeos que se foram, ainda anjinhos. Como a mulher ficou pelas ruas da amargura, tive que dar-me a cautelas.»

«Deve custar muito, deve...» Mais uma fumaça, e nova inflexão: «Levaram então o rapaz para a tropa! Mas não queria que o rapaz fosse à tropa?! Olhe que é bom sinal!»

«Eu sei o que o senhor quer dizer... antes isso que aleijadinho... mas enquanto anda a gente a criá-los, ninguém quer saber se estão doentes, se passam frio ou se têm fome; depois de homens feitos e a poderem ajudar a casa, chega aí o

governo e *«passa-os para cá»*. Depois aquilo, nas sortes, os ricos ainda se escapam com pedidos e padrinhos; agora, pessoas como nós, que nem que quiséssemos dar a camisa do corpo, não sabíamos a quem falar... quanto mais pobre se é, mais pobre se fica: é a vida; já assim a encontrámos e assim a havemos de deixar.»

O pastor tinha-se arrimado ao bordão com as duas mãos em concha, em gesto de confidência. Por sua vez, o homem que se encostara a uma pedra alta, com o charuto a fumegar na mão esquerda, junto à cara, enquanto, com a outra, me afagava distraidamente a cabeça que eu colocara a jeito, foi ouvindo tudo de olhos um pouco cerrados; expirou fundo, olhando pensativo para o chão, antes de retorquir:

«Olhe que as coisas estão a mudar, senhor... como é a sua graça?»

«Manuel Justo Simão, para o servir, mas toda a gente me trata por ti Simão, se não for incómodo... já agora, de alcunha, que em Manteigas toda a gente tem apelido, João Badana, que vem de meu pai que Deus haja.»

«As coisas estão a mudar, senhor... ti Simão; a monarquia e os seus males já se foram de vez; a república, embora o país esteja pobre, há de ir acabando com a miséria e os privilégios, e, para já, temos a liberdade instaurada, que é o maior bem que podemos ambicionar.», disse o senhor, com ar convicto e quase ridículo de solene, na circunstância, enquanto o meu amo ia acenando que não, lenta e inexoravelmente.

«Desculpe lá vossemecê, mas se houvesse liberdade, tinham perguntado ao meu João se queria ir para a tropa ou não, e querendo ir, se gostava mais de ficar na Covilhã, ou na Guarda,

ou ir lá para o cabo do mundo, em Lisboa... que a Virgem Santíssima o guarde.

Liberdade?! Olhe que ainda não há muito tempo, um filho do José Leitão, e outro da Maria do Massano foram levados debaixo de armas, dali do Regimento da Covilhã, para manobras em Tancos; eles e mais umas centenas de homens, incluindo oficiais, que são contra a guerra. O governo mandou lá vir um general com um nome esquisito, rodeado de uma mão cheia de cães-grandes carregados de galões e medalhas, com um batalhão, não sei de onde, e forçaram-nos a ir que nem escravos, lá para os tais exercícios militares.

Liberdade, então!? Não senhor... é como antigamente; e olhe que se os da monarquia eram maus como diz, pelo menos deixavam-nos em paz com a nossa religião, e não andavam para aí

a assaltar igrejas e armados em mata-frades, como os da ré.»

Deve ter pensado, o interlocutor, que seria difícil explicar certas coisas a pastor serrano, pelo que tergiversou:

«Mas olhe que há gente de boa vontade entre os que governam a república...»

«Aponte-me um, aponte-me lá um, vossa senhoria, que me parece saber disso, da maneira como fala.», e, por momentos, João Badana, filho de João Badana, julgou-se Deus, decidindo punir Sodoma e Gomorra.

«Olhe, por exemplo, o doutor Afonso Costa, que por sinal é daqui de Seia. Que pensam lá em Manteigas do doutor Afonso Costa?... Não sei se conhece...»

Enquanto ele falava, vi acentuar-se rapidamente, na cara do meu dono, o único esgar cínico da sua vida.

«Então não havia de conhecer um bandido dessa espécie?! Então esse! Pois fique "Vossincelência" sabendo que, tirando o Luís Saragoça, o "Viva a Ré", como nós o chamamos, ninguém daria palavra a um homem desses, um malandro! Então, sem temor de Deus, está a mandar para o degredo os senhores padres jesuítas, a roubar capelas e conventos, a querer acabar com a religião de cada um, a mandar fechar igrejas às ave-marias, e mesmo a proibir o toque dos sinos! Por mando desse ladrão, já o senhor vigário tem que andar de fato, como a gente, e nem a coroa de Nosso Senhor já pode usar na cabeça, para se distinguir das pessoas sem ordens. Esse Afonso Costa é mas é o anticristo! Um maçon de um raio, que vendeu a alma ao diabo, a troco da governança! Em Manteigas é que ele não se atreve a pôr as patas,

não, que nem a secreta que lhe guarda as costas lhe ia valer!» A expressão era já de ameaça.

O homem da boina de orelhas franzira ainda mais o meio da testa, deixara de me coçar a cabeça, passando a mão, em pente, para a barba que ia cofiando devagar, e escutava expectante. O pastor, que eu sempre vira pacato, perdera as estribeiras completamente, e desferia já impropérios que, pelo seu teor, deixo à imaginação de cada um. Não o interrompiam e parecia que não iria parar tão cedo.

«... uma besta mal-educada e sem vergonha, que há de acabar por nos meter na guerra, só para nos ver todos mortos; mas antes disso, vou eu a Lisboa e desfaço-o à cacetada, mandando esse carbonário para o diabo, com quem deve ter feito escritura de sangue!»

«Já vi que se o apanhasse a jeito...»

«Matava-o, já lhe disse!», e o cajado vibrava no ar, com o frenesim que lhe saía do enlevo do discurso.

O desconhecido desencostou-se da pedra onde descansara e, sacudindo as calças, foi deixando cair, após um suspiro extenuado:

«Olhe que o homem não deve ser tão mau como o pintam, ti Simão. Bom... é tarde: vou ter com a família para não dar azo a preocupações. Foi bom ouvi-lo, sabe? Aprendemos sempre alguma coisa. Para comemorar este encontro, tome lá um charuto que lhe oferece o Afonso Costa.», acabou, pensativa e calmamente, deitando a mão ao bolso interior.

O meu amo caiu de joelhos no granito, clamando piedade e perdão, com ar de quem via fantasmas. Eu, fingindo que não percebia nada da cena, fiquei parado, a olhar para longe com ar pateta. O homem da pera afilada partiu,

mantendo vincado o semblante entre triste e sério; voltou-se ainda duas vezes, com a mão esquerda a acenar calma, o charuto da paz, fumegando, entalado entre os dedos. Depois, foi-se afastando lentamente para os lados da Villa Alzira, até se fundir na noite que caía sobre a terra.

Passei o serão a distrair e a animar o meu dono, dando-lhe razão... embora, cá no meu entender, não a tivesse toda.

* * *

Afonso Costa jantou mal, pretextando azia imaginária. Logo depois, saiu de casa e, afundando-se na solidão da serra em luto, meteu pés ao atalho curto que o levou ao alto do Fragão do Corvo. Dali, olhou longamente Manteigas que se adivinhava lá muito ao fundo, embalada pelo

rumorejar do Zêzere. O silêncio impôs-se, solene e avassalador, e, esmagado pela imensidão do céu pejado de estrelas, chorou arfante e perdido em si mesmo.

Nunca contou a ninguém o caso e o porquê.

Eu só o sei porque a Dourada, sua cadela de estimação...

(e minha amiga)

... preocupada com o dono solitário, o seguira, protetora e discreta; e presenciou.

(Veja Notas Coloquiais na página 320)

MANHÃ DE DOMINGO

Manhã de sol, e a Vila calma
Escuta o Rio de águas meigas,
E a missa que conforta a alma
De gente sã: isto é Manteigas.

Fios de prata que, da Serra,
Vêm dar vida às tenras veigas,
Fazem sonhar com brisa incerta
Na ramaria: isto é Manteigas.

Pica o moleiro o seu cavalo...
Leva centeio nas taleigas.
O cheiro a pão é um regalo,
Junto à Rochã: isto é Manteigas.

Cora-se a roupa nos Ribeiros,
Entre canções das lavadeiras.
Vestem-se os fatos domingueiros
Com todo o aprumo: isto é Manteigas.

Há putos que, no Jardinzito,
Saltam as flores, lindas barreiras;
Passeia um velho c´um netito...
Quadro de paz: isto é Manteigas.

Na estrada, os engraxadores
Dão caras lindas e faceiras
Às botas de cultivadores,
Cheias de terra: isto é Manteigas.

Burrico triste olha, pasmado,
Moças que vão, todas gaiteiras.
Gente sorri; falam no Adro.
Tudo é pacato: isto é Manteigas...

"QUEM BEM FAZ, PARA SI FAZ"

Quando Manuel de Jesus deu conta de que a água deixara de fluir no regueiro, interrompeu o trauteio do *Hino da Imaculada Conceição*...

(hábito que se instalara desde que a mãe morrera)

... e foi-se encaminhando para a presa, ao cimo da courela. Enquanto, de passagem, ia ajeitando os tornadouros, prevenindo chuvada inesperada e antecipando manobras para a rega seguinte, veio-lhe à mente o saquitel de pano branco, promissor da merenda que ia saber a maná celestial.

«Que me terá a Maria José arranjado hoje para a bucha?»

Chegado, pegou no pau afiado a preceito, que servia de batoque eficaz, orientou-o com as duas mãos, e meteu-o, com vigor calculado, no buraco que dava passagem à água. Debruçou-se sobre a borda, agarrou dois torrões sólidos e empapados, e completou a vedação da saída. Depois, com o olho do sacho, calcou aqui e além, nos pontos onde lhe pareceu que o líquido precioso se escapava para o ribeiro, na vez de ficar no reservatório amanhado grosseiramente.

«Isto está a precisar de um arranjo a sério, mas sozinho já não me atrevo; a ver se dou uma palavra ao António que está sempre disposto a ajudar e tem jeito para tudo.»

Uma olhadela final aos fios de água que fugiam por onde não deviam, e foi-se

encaminhando para a corte, no outro extremo da quelha, enquanto recomeçava o canto distraído,

Tu, a santa advogada divina,

Padroeira do nosso país...

Interrompeu-se quando deu com o sorriso luminoso do neto que avançava para ele pelo carreiro estreito.

«Então que raio de ventos te trazem às Forcadas?!», inquiriu com admiração, sabendo que o rapaz não era dado a agriculturas.

«Vim ajudá-lo a comer a merenda, e beber um copo do "gravinez" consigo.» A frase saiu mais riso que palavras.

«Devias era ter vindo a ajudar a regar...» Agora, havia clara zombaria carinhosa.

«Isso!!! Venha daí um xi-coração.»

No gesto e no olhar, quão fácil foi adivinhar o orgulho que aquele avô tinha no neto mais velho, filho da sua Teresa!

«Olha que ainda agora estava ali a pensar em pedir ao teu pai, a ver se vinha dar um jeito à presa: já deixa escapar muita água, e cada vez enche menos. Os teus tios não acham o cu com as mãos, e falta-lhes jeito; se não for ele...»

«Quer que eu lhe diga quando chegar a casa? Já sabe que ele, logo que puder...»

«Não, não; eu falo e combinamos logo as coisas; que isto, daqui a pouco, é mais para o filho e para os genros que para mim. No caso do teu pai, é quase a aplicação direta do ditado "quem bem faz, para si faz".»

«Foi exatamente por isso que vim ter consigo.»

«Isso o quê?»

«A lenda com esse nome, que prometeu contar-me.»

«Ah! A lenda do ermitão?», e depois de pausa curta: «Mas aqui?! Em casa...»

«Quer melhor sítio que este, sentadinhos à porta da corte, virados para o cabeço de São Lourenço, um copo do seu vinho na mão, e a comer um bocadito de pão com alguma coisa?»

«Bom! Está bem. Também não demora muito.», concluiu.

Quando viu o Zé tirar um caderno e um lápis de um bolso interior, sorriu...

(sabe-se lá porquê)

... enquanto meneava a cabeça.

Ajeitadas as vitualhas num pano branco, sobre uma pedra promovida a mesa, o avô começou, como se recordasse a forma como lhe tinham contado a ele.

* * *

Há muito tempo atrás, houve nas cercanias de Manteigas um ermitão extremamente santo que,

vivendo apenas para Deus que o criara, pouco dedicava às carências do corpo.

Tinham-no batizado segundo a Lei do Senhor, havia já setenta e tantos anos, com o nome de Domingos Dias.

Dizia-se...

(não sei se com verdade se inventado)

... que tinha vindo de fora, e era de famílias ricas. Teria andado numa guerra onde viu mil barbaridades horrendas, e onde cometeu crueldades escusadas, de que se arrependeu com honestidade e dor.

(Olha que sei bem o que são umas coisas e outras, pelo que vi e fiz durante a Grande Guerra, em Angola... ainda hoje me dói cá dentro... mas vamos à história.)

A verdade é que, quando a paz chegou, ele nunca mais a conseguiu encontrar e viver com

ela, e achou que devia penitenciar-se, durante o resto da sua vida, pelos males que tinha feito.

Foi então que veio para aí.

Escolheu um lugar em plena serra, no sítio onde se ergue a capela vetusta de São Lourenço.

Foi construindo, quase sem utensílios, uma choupana que permitisse usar a vida que Deus lhe dera, proteger-se das birras inclementes da natureza, orar, quando não o podia fazer entre os braços das árvores que abençoam, acender um lume quando se tornava indispensável, alimentar-se em conformidade com as exigências do simples viver, guardar o quase nada de que dispunha, ceder ao repouso que o corpo exige.

Assumiu o anacoreta, com dedicado carinho, cuidar do pequeno templo, reparando aqui e ali, sempre que as investidas formidáveis das intempéries, ou o calor esbraseante do sol ufano, agrediam paredes e cobertura, sem respeito pelo

santo martirizado pelo fogo: era uma luta constante de gigantes.

O ermitão, pobre como era, dirigia para Manteigas os passos vacilantes no último dia da semana, regularmente aos sábados, como reza a tradição, e, esmolando de porta em porta, conseguia o parco sustento que, à custa de privações, tinha de chegar, embora rijo ou putrefacto, até ao sábado seguinte.

Muita fome e frio sofria o pobre solitário! Ainda tentou, algumas vezes, arrancar pão de alguns grãos esperançosos, lançados nas taliscas dos penhascos. Nada! A providência não lhe negava a expiação que procurara.

Barbas brancas, olhar cansado e profundo, andar titubeante, arrimado a tosco bordão, lá vinha ele, rezando sempre, a implorar sobejos de mesas pobres ou fartas. Muitas almas caridosas lhe abriam os portados.

(«Boa tarde, santo homem!»), saudavam, com o coração nos olhos, em atitude compadecida.

(«Santo!... prouvera a Deus que o fosse.»)

(«Olhe que hoje só lhe posso dar esta fatiga de centeio; é pouco, bem sei, mas o meu José tem estado doente e não tem trabalhado.»)

(«Vou rezar pela saúde do seu homem. Muito bem haja. Quem bem faz, para si faz.»)

E, em gesto comedido, voltava-se lento, guardava a esmola, e seguia batendo cadenciadamente o bordão nas lajes duras das ruelas.

Estava-lhe toda a fadiga do mundo talhada no rosto, mas continuava sempre. Ansiando a morte como libertação, desejava porém viver para se redimir dos atos malévolos do passado, frutos irados da vingança, e louvar a Deus, seu criador.

Encontrava, por vezes, no seu mendigar, verdadeiros "mangas de São Francisco".

(«Preparei-lhe este tachinho com prova da matação do porquito. Espero que goste. Depois traz-me a vasilha para a semana, está bem?»)

(«Tanta ralação imerecida, valha-a Deus!... Quem bem faz, para si faz.»)

Recebia então alimentos suficientes para si e para as avezinhas celestes, que amigavelmente lhe faziam companhia durante o seu meditar. Evitava estes mimos, e não conseguia deixar de pensar na morte do animal abatido para alimento dos homens.

Outros havia porém que, embora abastados, lhe negavam até as migalhas de cão. Nada faziam a não ser mandar o criadito de recados...

(lembrava bem este caso)

... que, cheio de verdadeira pena, espreitando o corpo magro, mal coberto pelos andrajos, anunciou compungido:

«A patroa não levou a preço o seu pedido; mas olhe, leve esta mão-cheia de castanhas que eu tinha para comer à tarde.»

Duas lágrimas assomaram, num impulso terno, aos olhos do ancião.

«Bem hajas, meu filho. Que Deus te pague e te abençoe.», e colocando a mão ossuda sobre a cabeça do rapazote, sussurrou numa voz que instintivamente fazia tremer: «quem bem faz, para si faz...»

Quando o manto confuso da penumbra tocava a sua capelinha, nada o segurava já na vila.

«Tenho que ir. Fiquem com Deus, e que a mim não me falte.»

Rezava, rezava todo o caminho, agradecendo as dádivas que transportava no bornal, e

amentando, perante o Senhor, as intenções das pessoas que o tinham ajudado.

Depois da refeição frugal, mas fresca ainda, o descanso no chão duro, coberto de ramos de giesta, e uns trapos sem idade a cobri-lo. Dormia sereno, até que um raio brilhante de sol resplandecente o chamava à oração perpétua.

Os seus olhos, habituados às profundezas da introversão mística, viam bem melhor na escuridão do que à luz do dia, mas o astro de oiro não podia deixar de o alegrar, e logo o seu pensamento, por meio dele, se voltava para o Criador.

Entre as pessoas que regularmente lhe davam esmola, havia uma viúva abastada, beata aos olhos do mundo, mas com alma egoísta e hipócrita como poucas. Sempre e deliberadamente, dava a bola da rapadura ao venerável asceta. Chegava ele, já pela tarde, batia

humildemente as três pancadas do costume, e aguardava cheio de admirável paciência. Tempo depois, espreitava ela, ainda desgrenhada e de olhos inchados, cheirando a alcova e fumo de candeia.

«Estava agora mesmo a descansar no meu valezinho de lençóis, e vossemecê a vir aborrecer-me. Tome lá a sua bola e ponha-se a andar.», rosnava ela, enfadada.

«Quem bem faz, para si faz», agradecia vagamente o místico.

(«Olha o calaceiro do frade, que nunca mais o leva o dianho! Apresenta-se aí com ar de santanário, e vá lá uma pessoa dizer-lhe não... as vizinhas comiam-me viva, as cobras, e haviam de ir logo pichar tudo nos ouvidos do senhor cura. Não aparecer aí um lobo para dar cabo do "morundum" do velho... ou arreganhar aí de frio, no meio de um nevão, o raio do homem!»)

As semanas foram-se esgotando na rotina da vila, acordada, quase só, pelo toque extraordinário dos sinos a festejar batizados, celebrar casamentos, ou dizer adeus a defuntos. A visita do ermitão era também dos acontecimentos que já fazia parte dos hábitos regulares da gente, mas, para o ancião, aquele sábado teve uma pincelada diferente.

Três pancadas na porta. Desta vez, a viúva rezingona demorou menos, não vinha desgrenhada nem descomposta, e não resmungou enquanto entregava a esmola costumeira, embora mantivesse o zigoma crispado.

«Tome lá a sua bola.»

O ermita estranhou, e sentiu-se sorrir levemente, agradecido e esperançoso com a mudança; depois, como sempre, refletida e compassadamente, agradeceu:

«Quem bem faz, para si faz.»

Subiu a montanha, com a cabeça no céu, deixando que os passos, sem que fizesse por isso, ladeassem Pendil, subissem à Cruz das Jugadas e infletissem para São Lourenço, com a capela e a sua choupana guardadas pelas carvalhas centenares. Arrumou as provisões, comeu frugalmente, e deitou-se a dormir na paz do Senhor.

O dia de domingo, que madrugara cheio de sol, resolveu enganar incautos...

(como o rifão diz que o fevereiro faz)

... e, do céu opaco, deram em cair, de uma forma contínua, imensos caudais de água. Chovia a cântaros, como dizia um caçador que saíra pela matina, para a sua obra de destruição de vidas...

(no conceito do santo varão).

A borrasca e o nevoeiro cerrado apanharam-no por ali, e, sujeito pela fadiga, decidiu pedir abrigo ao bondoso ermitão.

Interrompido no seu meditar, o santo homem resmungou levemente, como competia à sua bondade e aos seus anos, mas logo um grande sentimento de compaixão lhe apressou as pernas a abrir a porta de colmo entrelaçado. Ao reconhecer a pessoa que clamara *(«Bom homem, dê-me abrigo pelas alminhas do purgatório.»)*, toda a inocente rabugice se desvaneceu.

«Fuja cá para dentro, fuja, que o temporal dá cabo de si.» O homem nem precisaria de convite, porque se baixou e entrou de imediato, começando a aliviar-se das coisas que lhe pesavam. «Olhem como esta criatura vem!!! Valha-o Deus... sair com um tempo assim! Acendo já um lumezinho para se enxugar... Traz fome?»

O caçador, que se alheara da fala do ancião, na preocupação de se desenvencilhar do chapéu e apetrechos, foi porém despertado pela última

palavra, de tal modo que não conseguiu dominar a expressão do olhar e o gesto...

(como fez com a manifestação oral, que se soltou num grunhido monossilábico)

... no receio envergonhado de pedir a pobrezinho, enquanto imaginava que a bucha, que trazia na bolsa de pano, devia estar uma "paparrada" intragável.

O ermita viu, adivinhou e sorriu, com um expressão de "Deus-Pai".

«Ora, sente-se aí nesse cepo, e ponha-se à vontade, quanto puder.» O visitante, sem saber como agradecer o acolhimento, ia-se limitando a expressar uns bem-haja tão sentidos quão desajeitados. «Chegue-me aí a candeia, desse gancho, para acender a carqueja; há aqui lenha seca que vai pegar depressa. Tem que se secar para não adoecer.»

Enquanto soltava as palavras, envoltas num sorriso, ia fazendo as coisas, na ânsia de agasalhar. Quando ouviu o lume crepitar sob o entusiasmo da chama, avançou para a "obra de misericórdia" seguinte, rebuscando numa arca pequena e escura.

«Bem certo é quando digo que quem bem faz é para si que o faz. Veja que, ontem mesmo, a sua mãezinha me ofereceu esta rica bola, como de costume, aliás. Está linda que é de louvar a Deus! Aqui a tem: é sua. Como vê, não estou a dar-lhe nada.»

A alegria do ancião era tocante, e o rapaz, já com o pão na mão, sentiu-se na necessidade de agradecer de novo:

«Vossemecê é mesmo um santo!» O ermita abanou a cabeça, em negação. «E, já agora, desculpe lá os maus modos de minha mãe... tem lá o seu feitio, mas não é má pessoa.»

E, enquanto o velho de barbas brancas inclinava a cabeça e encolhia os ombros numa bênção de perdão, o homem, faminto e molhado, começou a comer com alguma sofreguidão.

Depois, chegaram-se mais à fogueira, e estenderam as mãos em busca do conforto do calor.

A aura de paz do anacoreta perturbou-se subitamente, quando o visitante soltou um ronco espasmódico, seguido de uma série de convulsões, formidáveis e inesperadas, que o atiraram para o chão de terra granítica. Acudiu o ancião, em aflição e surpresa, tentando salvar, com água da nascente, a vida que se apagava entre as suas mãos incrédulas.

Um estertor final escancarou a porta a uma morte horripilante.

Abatido, o velho caiu sobre os joelhos, chorando silenciosamente, lamentando, com

sentimentos e palavras, toda a sua boa vontade e anterior satisfação, enquanto ia tomando consciência do horror insano da tragédia.

(«Que posso fazer agora, meu Deus?»)

A serra era um inferno de raios coruscantes e ventos desenfreados; a chuva cegava, mas o ancião, com uma energia que não reconhecia como sua, indiferente à intempérie, pegou no cajado, e ei-lo a descer à vila num esforço digno de São Cristóvão.

Na rua deserta, crepitante de chuva, soaram três pancadas lentas numa porta que se entreabriu, passados poucos e longos minutos. O rosto da mulher, que surgiu na abertura, não pôde ocultar o pasmo dos olhos, espelhos de surpresa e terror, em contraste com a expressão do ermita, solene e humilde, por detrás das barbas encanecidas, pingando água tristemente. Quando falou, a voz pareceu vir de muito longe:

«Saiba vossemecê que o seu filho repousa na minha pobre guarida. Recolhi-o do temporal, ofereci-lhe o melhor que tinha, a broa que teve a caridade de me dar, e pouco depois... partiu desta vida.»

A um grito ferino, seguiu-se a maldição da mulher desesperada:

«Ah maldito frade que mataste o meu filho! Envenenaste-o, grande demónio.»

Notou-se, por um segundo apenas, um assomo de cólera no rosto do ancião, perante o desabar da incerteza receosa, mas logo, majestoso e solene, olhou a mulher profundamente, transbordando compaixão; depois, em aflição, dirigiu os olhos aos céus, e exclamou com um vigor estranho, entrecortado com lágrimas:

«Quem bem faz, para si faz...»

A mão livre deu apoio ao coração, e começou a afastar-se penosamente, enfrentando, passo a passo, apoiado ao cajado, as fúrias da natureza, em direção à serra, o seu lar.

Diz-se que a mulher nunca mais desfrutou de juízo perfeito, e que acordava de noite com uivos inumanos que faziam arrepiar os vizinhos, torturada por um sonho recorrente em que se misturavam imagens vívidas de rostos em agonia, pães de que saíam serpentes movediças, e um frasco de um verde misterioso, com rolha de vidro e rótulo preto, donde sobressaía um desenho a amarelo sujo, representando dois ossos em X e uma caveira a casquinar grotescamente, enquanto ia gritando de forma atordoante:

(«quem mal faz, para si faz.»)

* * *

O silêncio, que se alongou, fez despertar para a realidade da calma circundante, para a última pincelada que o sol dava no alto de São Lourenço, para a dureza da pedra onde se sentavam, para o zumbir dos insetos que recomeçavam a labuta, para a necessidade de regressar à vila e a casa.

A fala tardou a vir:

«Que história!... Fiz eu a promessa de escuteiro, lá na capela, e não sabia nada disso. Agora, tenho de lá voltar para sentir o lugar.»

«Mais importante é que tenhas aprendido alguma coisa: mal... nunca faças a ninguém; por outro lado...

(deves conhecer o rifão)

... faz o bem sem olhar a quem!»

«Sabe que eu tenho a obrigação de tentar fazer uma B.A... uma boa ação... todos os dias? É uma das regras do escutismo.», e enquanto

Manuel de Jesus assentia com movimentos de cabeça, José mudou de rumo: «Mas o avô deixou-me com uma pulga no ouvido...», e logo após a reticência que desenhou um ponto de interrogação no rosto do interlocutor: «... que mistério é esse do que fez quando esteve na Grande Guerra?»

Os olhos do homem, por longos segundos, pareceram focar algo muito longínquo mas presente, enquanto os gestos do corpo antecipavam a resposta:

«Foi um acontecimento que durou menos de um minuto, mas que nunca mais esqueci... e já lá vão sessenta e tal anos. Espero que, pelo menos, me tenha tornado melhor pessoa do que seria.», e regressando ao presente que não parara de se esvair: «Talvez um dia te conte, mas agora temos de preparar as coisas e ir para baixo, antes que a tua mãe e a avó comecem a ficar preocupadas.

Por já, só acho que devo dizer-te: tudo o que fizeres aos outros, às mãos te vem parar! E agora, toca a arrumar que se faz tarde.»

«Não me vou esquecer.», replicou o jovem, enquanto dava um abraço ao avô, tentando espantar a tristeza que se lhe instalara no olhar.

Dez minutos depois, a chave...

(quase do tamanho da do céu)

... dava duas voltas na fechadura, e desaparecia detrás de uma pedra solta, na própria parede do abrigo.

Manuel, vergado mais aos oitenta e tal anos que ao saco de couves que levava para casa, vizinhos, galinhas e coelhos, foi subindo penosamente, entre castanheiros e castinceiras, rumo à estrada sobranceira, seguido pelo neto que teimara em levar-lhe a cesta com coisas miúdas da horta.

Começaram depois a descida, em fila, precavendo acidentes, e, sobretudo, porque sentiram necessidade de dar voz ao silêncio que os pássaros desfaziam com chilreios.

«Tão velhinho que está o meu avô! O que é que esta bondade em pessoa terá feito de tão mal, para se atormentar ainda com isso? Em que irá ele a pensar?»

«Bebemos uma pinga de água?», surpreendeu o ancião, enquanto alijava o saco do ombro; e continuou, sentando-se na borda do tanque de granito: «Já tinhas reparado que o arranjo aqui da Fonte do Casão foi feito cinco anos antes de eu nascer? Vê aí a placa: Obras Públicas 1889.»

«Ó avô, naquele tempo isto devia ser o equivalente a um posto de gasolina atual: a fonte para as pessoas, e o tanque para os depósitos dos burros e bestas de carga», largou o José para aliviar a tristura que ainda emergia do ancião.

Saciados, retomaram o caminho e o solilóquio interior.

Junto à capela de Nossa Senhora de Fátima, Manuel de Jesus ajeitou a carga, por forma a poder benzer-se. Repetiu o gesto em São Marcos, ao passar frente ao cemitério, e o neto, que desde que tinham entrado na vila se colocara a seu lado, viu claramente os lábios a formular uma oração sentida.

Entraram no aperto da Rua da Carreira, entre saudações familiares das pessoas com quem se cruzavam, e, já quase a desembocarem na Praça da Louça, Manuel estendeu a mão livre, e indicou:

«Dá cá a cesta.»

«Eu levo-a lá a casa.»

«Não. Já é tarde, e até ao Rossio já não é nada. Dá lá um beijinho à tua mãe e à Milú;

cumprimentos ao teu pai... e não lhe digas nada da presa, que eu logo lhe falo.»

José virou-se para o avô velhinho e deu-lhe um beijo convicto nas faces que sorriram.

«Um beijinho e um chi à avó.», recomendou ainda.

«E não te esqueças, meu filho...» o neto adivinhou...

(ou não conhecesse a bondade sem limites do avô)

... e concluíram juntos...

(concluímos)

... em coro, com um sorriso meigo fundido em amor puro:

«Quem bem faz, para si faz.»

(Veja Notas Coloquiais na página 334)

SERRA DA ESTRELA

Nasci da amplidão de um gesto divino:
Os Céus e a Terra, a Água e o Fogo
Cumpriram seu primeiro ato do destino,
E o Universo jamais voltou a ser um todo:
Fizeram-se os astros, a luz, a noite e o dia,
Os rios, os mares, as plantas: o pão
E o Homem; a tristeza e a alegria,
E a vontade: o dizer sim e o dizer não.
Também nasceu o micróbio pequenino,
O elefante gigantesco e o cruel felino.

O parto foi tremendo:
Ao som da trombeta angelical,
Saiu dos mares o dinossauro horrendo,
Enquanto Deus separava o Bem do Mal;
E das fúrias de um vulcão,
Entre ígneas chamas saí,
Com um meteoro irmão
Que ficou pairando ali;
E olhando o astro fogo, os homens, gemendo,

Chamaram-nos Estrela, que, desde então, fiquei sendo.

Ao espaço, em lampejante tempestade,
Subiu o meu irmão - é a Estrela do Pastor.
Para dar um rumo às coisas, apareceu a Potestade,
Que exigiu ordem ao mundo, e aconselhou amor.
Entretanto, em lavas furiosas o meu ventre ardia,
Até que, lenta, lentamente arrefeceu:
O Sol, muito inclinado, mal luzia,
E, de frio, todo o meu corpo tremeu.
Depois, o gelo branco, numa imensidade,
Cobriu-me com um sudário, sem vida e sem idade.

Depois, o astro-rei elevou-se no horizonte,
E o gelo foi fugindo, derrotado,
Não sem que, em fúria, me rasgasse a fronte,
E me deixasse o ventre, em dor, dilacerado...
Dizem, hoje, que é famoso
E que é lindo de se ver
Este rasgão grandioso
Que tanto me fez sofrer!
...Chorei, do mais alto do meu monte,
E deixei lágrimas fluir, em eterna fonte.

Depois do luto alvar, vesti-me de verde tinto.
Vieram animais mordiscar-me com ternura:
Mil ovelhinhas fofas foram chegando, balindo.

Os homens saíram da planura,
E para suster o pranto e o meu carpir,
Trouxeram plantas, a crescer ainda,
Começaram a adornar-me e a vestir,
E acabei por ficar mais linda...
Vieram mulheres embalando crianças, sorrindo,
E a todos me entreguei com ternura e amor infindo.

E os séculos voaram...
Fui pasto, fui sombra, fui fonte,
Fui castelo romano e de mouros que em mim tombaram,
Fui refúgio de rebanhos e pastores do monte,
Fui abrigo de lusitanos, sem mostras de pavor,
Fui tugúrio de animais ferozes, bravios,
Fui repouso de poeta e prosador,
Fui vida de regadios,
Fui sonho que alguns sonharam,
E fui história que ainda não contaram...

Um dia (parecia um pesadelo, estranho sonho)
Senti meu corpo fremir,
E vi um inferno medonho
Que meu manto e meu rosto estava a destruir.
Lembrou-me quando nascera...
Mas este fogo não era criador!
Quando acabou, minha beleza fenecera:
Estava engelhada, negra... hiante, no horror,
Gritei pragas aos homens maus de que me envergonho,

E que acuso! No libelo da vileza, o meu nome aponho.

Dias e noites de sofrimento,
Manhãs e tardes de solidão,
Tristeza, revolta e desalento,
E a ideia fixa, a recordação
De homens loucos correndo e cuspindo lume,
Queimando a esmo, com o diabo no olhar,
Afrontando a Humanidade e a Natureza, nume,
Enquanto outros, com denodo, a batalhar,
Tentam salvar-me, lutando contra o fogo e o vento,
Dando-me a vida, o corpo e o sentimento.

Depois, veio a chuva, a neve e o granizo
A limpar-me as chagas negras e hediondas;
E veio a primavera e seu mistério antigo
Que o campo todo faz reverdecer, em ondas...
E veio a esperança, com o amor à Natureza:
Fui esquecendo toda a má recordação,
E sonho agora reaver toda a beleza,
Quando oiço os homens falar de florestação.
Pode ser lindo o futuro!... Dá-me o braço, anda comigo,
Que o meu corpo é o teu corpo, Homem amigo.

VIRIL, ALTO

e decidido, o homem saltou o muro, com apoio destro ao cajado agreste. Continuou, descendo firme, o terreno declivoso, acabando por deter-se, com ar cansado e triste, frente à choupana olorosa. Largou o varapau nodoso que encostou, pensativo, à ombreira da porta, e baixou-se para entrar, enquanto limpava as mãos, num gesto sem intenção, à pele que cobria o peito.

Num receio submisso, a mulher conteve o impulso de um abraço, e levantou o olhar, num

adivinhar de cão, para saber com que largueza ia mostrar a alegria.

«Então, homem!?»... continuava a olhar, inquirindo.

Como se não tivesse ouvido, foi atravessando a quadra, indiferente ao cheiro a peixe que assava no braseiro; ajoelhou pesadamente, desapertou a pele de ovelha, do ombro esquerdo e cintura, deixando tombar o corpo sobre as mantas já delidas, dispostas no canto ao fundo.

«Traz lá água quente.», disse numa expiração profunda.

«Outra vez ferido, homem? Endovélico dê vida e força ao teu corpo e ao teu braço!», e enquanto repetia a oração, foi tirando água fervente de vasilha acachapada ao lume, para um vaso de barro cru. Com isto e um pano branco, correu pressurosa ao catre.

De bordo fundo e direito, aquele golpe era de gládio. Não os conhecesse ela já! O marido, não era a primeira vez que tratava, e pelos cuidados das suas mãos, quantos vizinhos e forasteiros tinham já passado, camponeses e pastores que teimavam em opor-se aos legionários de Roma.

Quase uma lua fora de casa, e vinha-lhe agora assim. *«Mas que desgraça de vida!»*

O último trambolhão tinha sido quando se viram obrigados a deixar a casa de pedra e colmo, do castro, lá mais para este, na colina, e virem refugiar-se naquele vale, embora aprazível, longe da vista de inimigos. E a tempo, porque os mercenários de Roma tinham acabado por arrasá-las todas: a deles e as dos vizinhos. Depois, por umas coisas e outras, a incerteza e o medo nunca mais tinham parado. Não fosse o rio e a hortita, e o rebanho que fora grande, já se teria ido, de fome... e com ela os dois garotos.

Mas também, virem lá do fim do mundo guerreiros sem profissão, só para matar gente e roubar haveres, não era de guardar paus e pedras. Mas doía ver assim o seu homem, uma vez e outra...

«Os meus filhos?»

«Foram à ordenha. Estão aqui, estão aí.»

Após ter limpo bem a ferida, Tarreja pegou num punhal velho que tirara do brasido, ao rubro, e à luz inquieta da candeia, queimou a carne em três pontos de aspeto mais purulento; depois, de um pote com tampa, tirou ervas pisadas que espalhou, com rigoroso cuidado, pela ferida a ressumbrar; cobriu com cinza escolhida na pilheira, e ligou com pano forte, enquanto bichanava palavras de mistério, e desenhava, com os olhos e as mãos, traçados místicos, no ar em volta.

O cheiro a peixe, mais intenso, fez apressá-la.

«À noite vêm amigos.» E o homem afundou-se no sono, com longo e fundo suspiro.

* * *

Mal tirara os peixes para o granito escurecido, que a fogueira distraída aquecia levemente, deu conta, lá fora, de gritos de alegria:

«Está cá o pai... olha o bordão!»

Correu à porta que abriu lesta, e com um ar de medo e carinho, elevou as mãos abertas ao lado do rosto expressivo.

Ao gesto e ao sussurro *«o pai está a dormir»*, os rapazelhos vivazes arreganharam a boca, como quem fez maldades sem querer, e exageradamente, pé ante pé, entraram no abrigo. Pousaram as vasilhas com o leite, e, com expressão gulosa, começaram a lamber os beiços,

de olho nos peixes que fumegavam na pedra. Sentaram-se em tocos rasos, enquanto a mãe lhes punha em frente uma vasilha de boca larga, largando, em volutas grossas, vapor morno adocicado; deu-lhes, em mão, alguns peixes que soprou para arrefecerem, e, por fim, pôs-lhes a jeito um púcaro com água fria.

«Outra vez castanhas!», chalaceou, malandrete, o mais velho para o outro.

Repetiu a matrona o mesmo gesto de silêncio, e disse em confidência triste:

«O pai está ferido: de gládio.»

«À próxima, quem se vai aos Romanos com o pai, sou eu», rugiu surdo o mais novo, espremendo, de raiva, o peixe que tinha na mão.

«Já era bom que não estragasses o que comes... já era uma ajuda», respondeu a mãe, preocupada com o feitio agreste do rapazelho.

Trombudo, meteu na boca o peixe, à mão cheia, em desafio claro.

Depois, ficaram em silêncio, mastigando e remoendo castanhas e pensamentos.

* * *

Tinha sido casal farto, tinha... carne, leite, peixe, pão, castanhas que a natureza dava a ricos e a pobres, queijo e manteiga dos melhores, e tudo o que era de cultivo... até que, de leste e sul, tinham chegado grupos de gente acossada, faminta e revoltada, falando de invasores sangrentos, aldeias ardendo a eito, carnificinas sem conta, homens pagos para lutar, soberbos, altivos, maus, falando uma língua estranha, carregando apenas armas, sem uma alfaia sequer, e usando para lutar movimentos nunca vistos.

Vinham muitos sem família, trazendo apenas a esperança que os vales sombrios e fundos e as serras e penedias do agreste Monte Hermínio, e a ajuda dos seus pastores, fossem capazes de conter a onda avassaladora das legiões dos Romanos.

O seu homem não queria, não… filho e neto de pastores, amava a família, a paz, os teres e a casa; mas, quando os foragidos vinham já de trás de serra, ali perto do seu lar, então fora ele próprio que movera os homens da região, e partira à frente deles, com instrumentos agrícolas que pudessem agredir, fundas, redes de caça e estacas de madeira, opondo a vontade e o peito aos legionários de Roma.

Não tardaram a juntar-se aos que combatiam já de modo organizado e bem armados, e, logo nas primeiras escaramuças, o seu esposo fora apreciado publicamente por Tantalus, coman-

dante lusitano, por seu modo de ser, sóbrio, resistente e equitativo.

* * *

«Já não quero mais.»

«Nem eu!»

Tarreja saiu da hipnose que o crepitar das brasas ajudara a induzir, e foi mesmo em tom de incómodo que respondeu aos rapazes:

«Vá, vão lá para fora. Subam ao cabeço e, olho vivo. O pai espera gente. Vejam se fazem o sinal. Mas olhem que antes que a lua passe pelo Castanheiro Grande, quero-os aqui, mesmo que ninguém tenha vindo. Hoje os astros não estão bons para quem precisa de crescer.»

Não tinha deixado ainda de ouvir os passos lestos, já se acocorava ao fundo, ao pé do

homem, candeia de sebo ao lado, de chama bruxuleando às carícias das correntes.

«O meu homem, o meu homem!...», suspirou, já lacrimante, contorcendo as mãos nervosas sob o queixo que fremia.

O corpo, quase gigantesco, só a impressionara a sério no dia em que se deitara com ele a primeira vez: corpo lindo! Alto, de proporções rigorosas, musculação agradável, tufos de pelo sedoso, bem desenhados no peito...

(sorriu sem querer)

... não era coisa de esquecer, não, todo aquele arfar fogoso e jovem, ávido de conquista e descoberta... o seu homem, o seu homem!

Anos felizes! Dois rapagões: o mais velho, dos lados dela, e o segundo tal qual o pai. Umas terras desbravadas em comum com toda a aldeia, outras herdadas dos pais, um rebanho que crescera sob os auspícios dos deuses... depois,

passara a ser um corrupio de ir e vir, levando saúde, deixando saudade, e trazendo feridas, cansaço e fome... *«ai, ai! Malditos Romanos!»*

«Que a sombra do Grande Castanheiro te cubra e proteja», formulou num ímpeto, enquanto repetia alguns dos gestos, calmos e estranhos, que já desenhara antes.

Aconchegou-se meigamente e continuou memorando.

* * *

Ao princípio, nos recontros com as legiões de Roma, a sua fama de invencíveis desaparecera como fumo. Os pastores afoitos dos Montes Hermínios destroçaram centúrias e decúrias romanas, mais facilmente e com menos perigo do que caçavam javalis ferozes e veados ligeiros. Habituados a corromper primeiro, para fazerem

depois os saques e conquistas, sem oposição capaz, os soldados do império tinham acabado por tornar-se confiantes; mas logo que os desaires os fizeram adivinhar que a ordem das coisas tinha mudado, depressa readquiriram a destreza que os combates pelas terras da Gália e planícies de Cartago lhes tinham ensinado, pela mão experiente dos seus generais, e pela fúria indómita dos que defendiam a terra que fora de pais e avós.

Vieram revezes, e os pastores tiveram que armar-se melhor. Todos os ferreiros de aldeias serranas, e mesmo os das terras baixas, das manteigas, lá para o vale do Osecarius, ao fundo da serra, quase nem dormiam, nem deixavam dormir, de tanto malhar os metais ao rubro. Até no castro da várzea, a jusante, os agricultores se afadigavam a improvisar armas sólidas e eficazes. As mulheres, então, tinham relegado

para segundo plano as vidas de casa, e afadigavam-se a curtir peles e a endurecer os cortes de couro, para depois talharem escudos de guerra e bons peitorais. Entretanto, os moradores do povo cimeiro e do vale das amoreiras, enquanto aprimoravam alfaias, tinham destacado os mais ágeis e astutos para espiarem os passos dos invasores.

Os pastores e camponeses transformaram-se em guerreiros, e os campos de família e os que eram coletivos perderam, a pouco e pouco, a pujança vigorosa que anos de cavas fundas e mil lutas sem história lhes tinham oferecido. E os Lusitanos resistiam: uns, briosos da sua ascendência céltica e nórdica; outros, irmanados com os antigos conquistadores na defesa comum, mostrando, por ações e com bravura, que a estatura pequena dos antigos iberos os não

acanhava quando se tratava de lutar pela terra que tinham por sua.

O seu homem era um fruto apurado deste cruzar de raças: o olhar altivo e calmo, cabeleira negra e basta, corpo esbelto como poucos, uma argúcia sem limites, e destreza inesperada, que os anos de vida calma não tinham, nunca, deixado revelar. Homem danado, aquele! Pedras, fogo, água, arribas e vales, animais selvagens, escuridão ou sol frontal, simulações e disfarces, tudo lhe servia para se opor a Fábio Serviliano e ao seu orgulho de cônsul de Roma, na Ibéria. E valentia, sim, que o seu esposo, ali, era um valente! Quando os homens não podiam ser poupados, era à frente deles que lutava com denodo: escudo redondo espiralado, espada curta na mão, cabelo ao vento, olhos fulgentes, tronco ao sol, perlado de suor ardente, arremetia em fúria calma, dentes cerrados, sem um grito de

triunfo ou de queixume pelos golpes dados ou sofridos: os seus guerreiros adoravam-no; o inimigo temia-o com respeito... e pouca gente lhe sabia o nome, como se o segredo fosse também arma de guerra.

Oh! Se se lembrava bem do dia em que o tinham aclamado chefe dos Lusitanos! Um general de Roma conseguira escapar aos esculcas atentos dos homens da terra, e viera, descrevendo larga curva, estabelecer acampamento fortificado no planalto sobranceiro ao covão de antigos castanheiros, onde, havia alguns anos já, tinham construído aquela casa de refúgio. A angústia que dominou aqueles casais, de súbito à mercê das legiões, aquarteladas com arrogância e pompa, ali mesmo, tão pertinho, mandando, por todo o lado, proclamações cravadas com flechas nas costas de prisioneiros mortos, atados a

burricos das aldeias, dizendo enfaticamente: *«agora o campo é romano!»*

A aflição não lhes deu tempo a ponderar: escolheram-se, a esmo, dois rapazes dos mais velhos que tinham ficado com as mães, e lá foram, tementes mas ufanos, entregues às deidades da floresta e à argúcia de garotos serranos, levar o recado angustiante aos guerreiros que, lá para as bandas de Oppidana, Talabara e Igaedita, se afadigavam em escaramuças constantes.

Contaram-lhe que, ao receber a mensagem, o seu homem ficou estático, levantou a cabeça, como um peso sem medida, o queixo fremente, à força dos dentes que rangiam, boca entreaberta, narinas dilatadas, olhos chispando, e disse apenas:

«Dali não passarão. O "campo romano" vai dar pão como nunca deu, porque dentro de

poucos dias, vai ser regado com sangue de homens.»

Enviou mensagens aos chefes das aldeias e tribos amigas, e marchou célere com os seus guerreiros, para o Covão do Caçador, bem conhecido e abrigado, a poente do castro romano, a duas horas de marcha do planalto. Chegados, desbastaram terreno e acamparam.

De Vissaium, Longóbriga, Ocelum, Eburóbris, Caliabriga, Tritium, Vallécula, de todo o lado, até de Bunili, Danegia e Magnetum, homens armados foram chegando nos dias seguintes, a coberto da noite, aliada de sempre. Ninguém tinha visto, nunca, acorrer a um só apelo, tanto homem da Lusitânia!

Reuniram-se os chefes. Discutiram: as questiúnculas que os opunham sobrepujaram o bom senso, e, cada um por si, recusava ferozmente ceder o comando a quem quer que

fosse; tudo indicava que as tribos combateriam em grupos dispersos, pequenos e autónomos, como sempre tinham feito. Só o chefe do Vale dos Castanheiros, que afinal os reunira ali, se mantivera calado e constrangido, depois das explicações que dera. Havia já sinais de impaciência, preparando-se alguns para retirar, quando o seu homem se levantou, com lágrimas a turvar os olhos, e disse com voz forte e triste:

«Eu e os meus homens seremos conduzidos no combate pelo melhor de vós. Recuso-me a lutar sozinho»... ouviu-se um sussurro... «e ai de quem me chamar cobarde!» Olhou-os torvamente. «Os nossos pés assentam na Lusitânia, ao pisarem o meu domínio. Nunca vacilei ao vosso lado, e lutei nas vossas terras e casais, como a experiência aconselhou que se lutasse. Quando deixei família e meios de sustento, para batalhar, não foi em busca de

riqueza e poderio, mas para expulsar os Romanos destas terras que os avoengos, celtas e iberos, escolheram para viver com as famílias e o seu gado. Riqueza e poderio se os quisesse, ficaria em casa e armaria brigas com os meus vizinhos mais fracos ou mais pobres... ou vendia-me aos Romanos, como alguns, na Bética e para os lados do rio Anas, já fizeram… e não foi à falta de o tentarem.»

Fez uma pausa aureolada de silêncio, e continuou, mais firme e mais sereno:

«Temos travado uma luta de astúcia e de guerrilha: é com sombras e um punhado de homens ágeis, rápidos e destros, que ela se faz. Foi a experiência e os revezes que o ensinaram; mas amanhã, as legiões de Roma vão estar no lugar certo para lutarem. Conheço-o, palmo a palmo, de ceifas de anos no estio: é plano, desafogado e amplo. Nunca ouvistes contar que

as hostes romanas são invencíveis na planície? Nunca ouvistes falar na estratégia maciça e precisa dos movimentos das suas coortes?» O tom de voz ia subindo arrebatado, e caíra no covão um silêncio cósmico que só o prenúncio de grandes catástrofes reproduz. «Julgais, acaso, que os povos conquistados, de Roma até aqui, eram poltrões, frouxos e cobardes??? e que não tinham tanto apego as suas casas, como nós às nossas??? e que não ficaram de peito trespassado, olhando o sol num derradeiro adeus, por esses plainos nos confins do mundo?»

Quebrou abruptamente o discurso, o tempo apenas de olhar rapidamente cada um dos rostos que o rodeavam.

«Só a águia que voa nos Hermínios pode vencer a que paira sobre Roma... nunca um bando de passarinhos chilreantes!»

Sentia-se que estava tudo dito, e concluiu apenas:

«Este solo, os casais das manteigas no vale do Osecarius e o "campo que é romano", como eles apregoam, são terras do meu domínio, mas entrego a sorte da família, da casa e da minha vida, na mão de um de vós. Amanhã, tem de ser a Lusitânia contra Roma: uma vontade só, uma só alma, um só destino... ou vencemos, ou perdemos para sempre a liberdade... e quem sabe se a vida!», concluiu, enquanto se sentava, quase vazio.

Um velho ergueu-se, calma e firmemente, deixando ver as cãs a espreitar, solenes, sob um solidéu de couro tratado; levantou o braço com o dedo esticado, que sacudiu repetidamente apontando o homem alto e veemente que os enfrentara, e acabou por dizer num tom misto de apreço e ameaça:

«Tu... tu é que vais ser o chefe... falaste com bom senso, a terra é tua, conheces o campo e… quem sabe obedecer dessa forma, sabe mandar. Vais ser tu o chefe... amanhã.»

O gigante levantou-se abruptamente, gesticulando em recusa, sem palavras, mas já quase todos assentiam, confiantes; num rosto ou outro, sinais de dúvida esperançosa; num ou dois, o olhar inexpressivo do despeito.

«Então, ao romper d´Alva, todos aqui!», gritou, dando ombros ao destino... e logo, baixo, ao mais profundo da sua alma: «O romano vai lembrar esta batalha: ou porque a perdeu sem glória, ou porque a Lusitânia morre nela às suas mãos.»

Dizem que, nessa noite, o seu homem não dormiu; embrulhado numa manta esburacada, ficou sentado a olhar, com ar distante, a fogueira que ia alimentando sem vontade, pensativo, rosto

duro. O esvair de Lúcifer no firmamento, deixou-o calmo, pronto e resoluto.

Levantou-se maquinalmente, subiu a pequena elevação, poisou a manta que o cobrira, virou-se para onde o sol ia nascer, mãos ao alto, braços e pernas quase em X perfeito, e invocou os poderes divinos para aquele dia especial, ficando em oração estática, indiferente ao bulício progressivo que, no covão, começava a fervilhar. Parou apenas quando os raios cor de fogo, com sua magia cósmica e sem idade, lhe douraram o olhar brilhante e fixo.

Logo depois, como se brincasse, de joelhos sobre o orvalho, foi colocando paus e pedras pequeninas em posições diversas, corrigindo aqui e além, desfazendo uma parte ou outra, para refazer diferente. Em pé, observou calmamente tudo aquilo, e dirigiu-se aonde pernoitara,

oscilando a cabeça em anuência, longe ainda do mundo à sua volta.

Indiferente aos remoques de alguns chefes, sobre o tardio da chegada, postou-se no espaço livre, na boca da ferradura que, por instinto, tinham formado, e disse autoritário:

«Quem não quiser combater comigo, que o diga agora, e aceitarei que vá pelejar sozinho com os seus homens.»

Todos, com ar digno, solene mesmo, ficaram calados onde estavam, esperando o que se seguiria. Apenas Catolo "Clava", um chefe que viera com uns trinta homens, das terras próximas do mar, oferecer os seus serviços de guerreiro, se adiantou, ocupando o lado esquerdo do seu esposo, que se interrompeu, dizendo num tom claro de franqueza:

«Comigo podes contar, bem o sabes!»

Não chegou a ver-se bem o ar surpreso de alguns rostos, porque o chefe incontestado disse pronto:

«Venham comigo!»

À volta das construções que arquitetara no chão, o gigante foi explicando, apontando, nomeando, respondendo a questões postas, tudo em voz baixa mas firme, sem uma hesitação ou dúvida, como se todo o plano da batalha e as suas mil evoluções possíveis tivessem sido previstos. O rosto de alguns homens, céticos e escarninhos, ao princípio, foram mudando para a aceitação convicta, e patenteavam o seu entusiasmo, desenhando gestos ferozes de agressão animada e até sentida.

«... e lembrem-se», concluiu o chefe, «costas sempre para o ocaso: convencê-los, em caso de derrota, que é este ponto que queremos defender, para protegermos a zona dos casais que fica no

vale a nordeste. Se os pudermos escorraçar, fá-lo-emos para trás da serra, onde os guerreiros que ainda vêm a caminho acabarão com eles, um a um. Que Toutates e a Sombra do Grande Castanheiro protejam todos os que lutarem com bravura!»

Pouco depois, de diversos pontos do covão, elevaram-se hinos e gritos de guerra, e homens e bestas começaram a mover-se com fito no "campo romano".

Dizem que nunca se vira espetáculo assim! Tantos Lusitanos juntos, Carpetanos, Vetões, Vaceus, Galaicos, todos atrás do mesmo homem que caminhava à frente, de tronco nu e cabelo ao vento, escudo redondo às costas, facalhão de caça à cinta, e espada, meio pendente, atada ao pulso esquerdo.

Grande parte dos guerreiros tinha um ar medonhamente fero: de tanto tempo que

andavam a monte, barbas e cabelo cresciam sem ferro, confundindo-se, em muitos, com as peles espessas em que se embrulhavam, semanas a fio, apesar do verão que corria quente; muitos dos que eram mais jovens, tomando o exemplo do homem da frente, seguiam quase nus, pouco mais cobertos que com cinturões, armas e escudos, num gesto singelo de admiração; os mais comedidos ou experientes protegiam as pernas com polainas de couro, e vestiam couraças de linho, ou cotas de malha espessa sob um cinturão, à maneira celta; alguns protegiam cerviz e cabeça com capacetes de tríplice cimeira ou elmos de nervos, muitos deles ornados com troféus de guerra ou caça, tranças de cabelo, ou metais diversos. De mocas brochadas a lanças esguias, machados, podoas, alfaias diversas, espadas grosseiras, escudos desiguais, e pilos e gládios, ganhos nas batalhas, de tudo se via nas

mãos dos guerreiros. Matar inimigos para ter liberdade é que era importante... fosse como fosse.

Alertadas pelas sentinelas, as trombetas de Roma não tardaram a soar, seguidas do corrupio sem ordem aparente, que se foi organizando, quase sem se dar por isso, acabando nas formações rigorosas com que as legiões de Roma sempre prepararam o combate em campo aberto.

Rutilante e contrastante aquele exército, com as hordas que ousavam afrontá-los! Escudos longos, retangulares, armas erguidas num gesto só, os capacetes bem ajustados, boas couraças e assim perneiras, sandálias fortes, pilos, espadas, cores uniformes, vivas, brilhantes, dando a ideia a quem quer que visse, de comando forte e de disciplina.

Caio Nigídio e os seus tribunos trotavam, altivos, nos seus cavalos, capas de sangue

cobrindo as costas. Conferenciavam e transmitiam ordens, iam e vinham com frieza calma, penachos agressivos no ar da manhã velha.

Ao chegar a turbamulta, ao outro extremo do planalto, o general gritou uma ordem seca e curta; segundos depois, todos aqueles homens, em bloco, sem desfazer o traço rígido dos manípulos alinhados, movimentaram-se à uma, avançando em marcha certa umas dezenas de metros, parando do mesmo modo como tinham começado, com rigor inexcedível. Os Lusitanos pararam, estupefactos, com aquela precisão desconhecida. Os que ainda duvidavam em lutar sob as ordens de um só chefe, naquele dia, abandonaram as reservas de uma vez. Tinha razão o gigante, e bem fizera o ancião ao apontá-lo! A partir desse momento, os netos dos

celtiberos sentiram-se uma nação, um só corpo e uma só alma.

* * *

Já a candeia de sebo se apagara, e Tarreja continuava acocorada, agora num escabelo que puxara, atenta ao ofegar cadenciado, entremeado com palavras desconexas que saíam do peito do enfermo, tentando adivinhar o que fazer para lhe minorar o sofrimento, quiçá apressar a cura... afinal partir de novo... se ele já fora de outras vezes, mesmo febril e enfraquecido, acudir a gente aflita e aldeias em desespero!... como amava o seu esposo! Perdeu-se de novo a vê-lo, tão estranhamente nítido, dando forma às descrições que lhe tinham repetido muitos, uma vez e outra, com entusiasmo e orgulho, por terem estado com ele na luta em "campo romano".

* * *

Como ele enganara os inimigos! Os grupos saíram correndo, desde o cabo do planalto, cada um com um chefe à frente, dando gritos e cantando numa confusão tremenda. (Contaram-lhe que havia homens que riam como tontinhos, gozando previamente com o que iria sair daquela espécie de jogo...

(que essa de ir lutar, a correr para ali e para lá, como garotos à solta, era experiência nova...)

Para o general romano, aquele era mais um ataque de bárbaros, sempre igual. Gauleses e bretões esmagara ele, tribo a tribo. Assim, fez um gesto com a mão aberta, e pôs-se à espera que viessem esmagar-se na barreira intransponível dos pilos e escudos das suas frentes cerradas; os manípulos de reserva

acabariam com eles; sempre assim fora: a vitória era segura.

De repente, toda aquela confusão pareceu criar alguma forma: um grupo daquele magote desviou-se para sul, e muito menos que estes apartaram-se para norte, mas sem darem qualquer mostra de quererem atacar, a correrem sem porquê, em grita ensurdecedora; os outros grupos do centro deixaram de estar dispersos, e avançaram em trapézio, de base curta apontada as centúrias da vanguarda, desenvolvendo, no avanço, como que pontas de chifre que, desde a base maior, se aproximavam da frente, e, sem uma hesitação, a segundos do embate, já na confusão dos gritos com o ressoar das trombetas, a um sinal do seu gigante, as centenas de guerreiros, mais altos e mais possantes, que empunhavam escudos largos e conduziam o ataque, afastaram-se num ápice, ladeando a

formação, e deixando a descoberto muitas dúzias de animais, cabras, cães, bestas de carga, que, na correria louca, foram espetar-se nos pilos; os de trás, empurrados, galgaram por todo o lado, destroçando, num momento, toda a frente dos manípulos da legião altaneira. Como tentáculos mortais, as pontas que, desde a base, o comandante de Roma ainda vira esboçar-se, envolviam já os flancos da legião, enquanto os primeiros grupos, que se tinham desviado para norte e para sul, corriam a fustigar a retaguarda dos quadrados, acometendo com pedras, lançadas à mão e à funda, aglomerados romanos que, ainda surpreendidos, estavam a aguardar ordens. Os animais sobreviventes aumentavam a confusão, e muitos dos nossos guerreiros usaram-nos como montada, ou proteção eficaz, para melhor se infiltrarem entre as fileiras dispersas dos velhos conquistadores.

Mostraram bravura os Romanos. Os que, isolados, não puderam debandar, empurrados para norte, e acossados duramente pelos mais destros e velozes guerreiros da Lusitânia, lutaram até ao último homem, junto de uma fraga com que quiseram proteger-se.

Caía o último legionário, subia o seu homem à Fraga da Batalha, como passaram a chamar-lhe, e era aclamado chefe dos guerreiros lusitanos, *«até que um romano pise o nosso solo»*, conforme proclamou ali Marcossex, o chefe de cabelo branco que, na noite anterior, lhe pusera aos ombros a responsabilidade de salvar a terra que era deles.

Depois deste recontro épico, tinham sido vitórias sucessivas, em que os Romanos foram quase expulsos até às fronteiras dos Turdetanos, que recusaram unir-se aos nossos, amolecidos já com o ouro podre dos conquistadores do império.

Esfaceladas, na Lusitânia, as legiões de Roma, o imperador enviou Fábio Serviliano, com plenipotência para negociar um tratado...

* * *

«Tarreja», disse uma voz pigarreada, no escuro.

Silenciosamente, a mulher deslizou para o chão e abraçou, confiada no tom de voz, o homem que enchia toda a sua vida e afeto.

* * *

Se algum espião de Roma tivesse vindo, alapado ao tronco velho de um castanheiro, espreitar o que se passava no pequeno vale cheio de árvores gigantescas e idosas, teria visto uma cena interessante, e até mesmo aureolada de

mistério. Logo para lá da área em que as árvores estendiam, no espaço, os braços expressivos e fantásticos, que a luz da lua, com o brilho e palidez de uma deusa, iluminava com tons de calafrio, corria com mansidão, magro e gorgolejante, o rio Munda que rutilava, aqui e ali, pelos contrastes de luz e sombra que o ambiente lhe emprestava; ao fundo, recortava-se, com nitidez, a elevação curvilínea de terreno que enquadrava o vale, e o tornava convidativo para viver; na falda, para lá do rio, na margem esquerda, a silhueta de uma cabana de madeira, meio confundida com o ambiente à volta, e que, àquela hora, se vislumbrava à luz esquiva de curtos clarões alaranjados.

Quem, a partir dali, deslizasse os olhos para a direita, veria que a noite fora violada por fogueira mole, de crepitar surdo. À volta, com o ar fantasmagórico que o bruxulear do fogo

imprime às coisas, treze homens estavam sentados sobre troncos derrubados, dispostos no espaço em ferradura gigantesca. O som das vozes é baixo, e todo aquele enigma dá vontade de aproximar, intentando ouvir.

«... e volto a repetir que o general dos Romanos não nos merece confiança... ou já esqueceram, alguns de vós, o número de vidas que nos custou o ter acreditado em emissários de Roma?! Quem é que já esqueceu as aldeias e os casais exterminados a ferro e fogo por mercenários e soldados, apenas três luas depois de Fábio Serviliano nos ter garantido a independência e a liberdade de toda a região da Lusitânia, traindo, como já fizera Galba, os que, antes de nós, neles tinham acreditado?! Nessa altura, foram mais de sete mil guerreiros, mulheres e seus filhos, chacinados na cilada mortal; connosco, foi só o tempo de esperar que

voltássemos às nossas vidas de camponeses e pastores. Não arrisco, nem mais uma gota de sangue lusitano, fiado em tratados de paz com os romanos conquistadores; a ambição e o orgulho já lhes fizeram perder a vergonha... mas quem não tem vergonha, sempre pode sentir medo. É com a nossa força e com o medo deles que seremos verdadeiramente livres.»

O homem que encontrámos a falar sentava-se sozinho na boca da ferradura, e, enquanto ia dizendo, o seu olhar denotava um misto de tristeza, dor, revolta e firmeza. O semblante de todos patenteava aquela rigidez pesada, de traços fortes, que o rosto humano exprime quando é a hora de grandes decisões: decisões de vida e morte era do que se tratava ali.

«No meu castro morre-se de fome: o gado desaparece, e ainda ontem mesmo tive notícia

que o meu filho mais pequeno faleceu... não sou guerreiro... quero é paz!»

«E é aos Romanos que queres pedir a paz?!» Quem respondia ao homem forte, de cabelo hirsuto, a enquadrar uma cara ingénua de menino grande, era Marcossex, o chefe com rosto de pergaminho velho e cabelo branco, que, já noutras ocasiões, tínhamos visto tomar posições firmes. «Queres pedir paz a quem nos trouxe a guerra, e nela porfia? Pedir paz a gente que se vangloria de ter conquistado o mundo? Esperar a paz de homens cuja profissão de sempre é a arte de matar e destruir, como engenhos insensíveis?»

Tinha-se levantado, envolto no ar majestoso que por magia o envolvia, e, no gesto habitual de desafio, apontou o dedo tremente em direção ao companheiro que falara, e proferiu:

«Assinaremos, de novo, tratado com os Romanos, sim... mas desta vez, não será nas

minhas terras, mas na tua aldeia. Assim, será a tua casa a primeira vítima da nossa estupidez cega e renovada, no dia em que o general de Roma resolver trair de novo.» Dos olhos brilhantes de emoção, pareceu terem caído duas lágrimas.

«Estou com o chefe!», cortou, de chofre, Catolo "Clava", que até ali defendera, discreto, a proposta de paz romana.

Entretanto, calmamente, cofiando a barba, Legero, o homem de ar ingénuo e meigo, erguia-se, pesado e triste, dizendo com resignação:

«Têm razão... têm razão... até haver um romano na Lusitânia, estaremos contigo, eu e os meus homens...», assentiu, virado para o homem alto que enfrentava o grupo de chefes. «Mais vale a fome e a miséria que um ferro romano nas costas.»

Os homens aquiesceram.

Quando o gigante quis erguer-se da pedra que lhe servia de assento, já Marcossex e Catolo se tinham aproximado para o ajudar. Logo que levantados, estabeleceram em termos breves que, na manhã seguinte, decidiriam ações.

Trocando palavras em surdina, os defensores da Lusitânia foram-se dirigindo para os abrigos improvisados para passar a noite, enquanto o chefe se aproximava da cabana, dominando a dor e a febre, à força violenta da vontade.

E a noite conquistou o vale, aniquilando os últimos lampejos da fogueira moribunda.

* * *

Uma sombra móvel, escura e furtiva, deslizou rastejante da cabana de madeira, e, acocorada e às arrecuas, foi descendo em corridas curtas, felinas, em direção ao rio que passava um pouco

abaixo; atravessou-o a vau, mantendo a cabeça baixa, e, em corrida leve, foi acolher-se à sombra cúmplice do castanheiro que se erguia mais perto da linha de água. Daí, espreitou, observando o caminho que percorrera, perscrutou, com olhar desconfiado, a pequena encosta sobranceira ao Munda, tentando decifrar as sombras e cambiantes, e por fim, mais confiado, mas olhando amiúde para trás, foi-se embrenhando por entre as árvores, misturando os passos com os ruídos agoirentos da noite. Depois, perdidos de vista, o vale, o rio e a cabana, obliquou decididamente para nordeste, em gesto de quem conhecia o caminho.

Impávida, a lua foi iluminando os atalhos da serra, ajudando o vulto de olhar sombrio e ansioso, e impregnando tudo com o mistério diáfano e lívido dos fantasmas.

* * *

A manhã, brumosa e húmida, contrastava com a pujança de luz e calor que abafara o vale nos últimos dias; e não era apenas a ausência do sol que transmutara o aspeto do vale que conhecemos, paradisíaco.

Por todo o lado se viam guerreiros, empunhando ou trazendo pendentes as mais diversas armas, alfaias e escudos, que conversavam baixo, em grandes ou pequenos grupos, ou se deslocavam, uns, apressados, como quem leva missão, outros, deambulando abandonadamente pelas margens ou entre as árvores seculares.

Um grupo de mulheres rodeava um castanheiro monstruoso, colossal e solene de grandeza, carpindo de forma horripilante, em gritos e uivos, num gesticular de cabala, puxando

os cabelos com veemência, sacudindo as arrecadas, bem lavradas, em convulsões amplas do pescoço, arranhando a terra com as mãos, elevando os punhados ao céu, e deixando cair as mãos abertas, passando-as crispadas, em garra, pela cara, num ritual patético e ancestral.

Na clareira, entre o castanheiro e a cabana de madeira, onze homens de cabeça descoberta, postados em pé, descrevendo um semicírculo amplo, enquadravam uma pira alta de madeira e troncos ligados por vergas e liames verdes; mantinham-se silenciosos e de rosto endurecido e calmo. No espaço aberto, um homem alto e de ar ascético, em vestes longas e brancas de pano bem tecido, pronunciava palavras estranhas e rituais, enquanto espargia, com gestos misteriosos, sobre o altar de madeira, um líquido odorífico.

Chocantemente, da cabana não saía fumo, e ouviam-se dois cães que, entre uivos plangentes, latiam chorosos, arranhando a porta de entrada com insistência insegura.

Bruscamente, ressoaram trompas pelo vale, e os guerreiros começaram mecanicamente a confluir à eira, postando-se silenciosos e mais ou menos ordenados, em grupos longos, por detrás dos seus chefes.

Pouco depois, a porta da cabana abriu-se, os cães entraram de rompante, ganindo lancinantemente, e as mulheres acorreram, em gritaria redobrada, fazendo corredor à saída da porta. Da penumbra da quadra, foram saindo dois homens, de costas, curvados pelo esforço, e, pouco a pouco, foi surgindo à luz pesada do dia, uma padiola longa em que um gigante jazia, de peito nu, mostrando aos olhares revoltos, tristes e saudosos, as chagas fundas dos golpes da traição.

À frente do estrado, que seis homens carregaram aos ombros, colocaram-se dois rapazes: o mais novo transportava nos braços um escudo redondo, espada robusta e faca embainhada, sobre uma pele manchada de sangue; o outro, uma capa grosseira de pano acastanhado, um bordão nodoso e uma foice.

Ladeando o ataúde, os dois cães imponentes, de focinho caído, emitiam queixumes meigos.

Atrás do féretro, as mulheres, envoltas agora num silêncio lúgubre, amparavam Tarreja, de olhos perdidos no espaço para lá do Castanheiro Grande.

Logo que o cortejo se pôs em marcha, o homem de cabeleira branca avançou um passo, em ar de quem vai proclamar, mas a voz prendeu-se-lhe na garganta, enquanto o fácies se mostrava angustiado, e lágrimas corriam dos olhos injetados de sangue.

Depostos os símbolos da vida terrena, sobre a pira, e antes que o corpo fosse depositado no altar, os onze chefes vieram, um a um, colocaram a mão direita sobre o corpo exangue, e, logo de seguida, bateram com a palma aberta no próprio peito, num som cavo e impressionante. Tomaram, depois, a padiola ao seu cuidado, e foram-na solevando, enquanto o sacerdote de vestes alvacentas, continuava com murmúrios e aspersões.

Dois homens que ajudavam o druida atearam fogo à pira. Quando a primeira labareda acariciou o corpo, os onze chefes empunharam armas e elevaram-nas com veemência ao céu, no que foram imitados, quase num gesto de fúria, por todos os seus guerreiros; brotou um clamor trovejante das bocas de toda a gente, e, sobrepondo-se ao ruído, a voz de Marcossex

clamou tonitruante e compassada, reboando pelas encostas circundantes:

«Honra e glória a Viriato! Honra e glória a Viriato! Honra e glória a Viriato!»

Os homens foram repetindo a aclamação, inebriados, sem nexo, como se os gritos saíssem da alma, e de físico houvesse apenas as lágrimas que corriam pelas caras másculas.

O clamor apagou-se com a última chama fugidia.

Os onze chefes rodearam o braseiro, em preces íntimas, hipnotizados pelo rubro incandescente, esvaziados pela amplidão da perda.

Dois homens tinham deixado o Conselho: o libertador da Lusitânia que entregava as cinzas à terra-mãe, e Catolo "Clava" que, nessa mesma hora, recebia de um lacaio de Sirvilio Cipião, os denários da traição e da infâmia.

(Veja Notas Coloquiais na página 339)

IMAGENS

Era miúdo; relembro...
A neve caía branda,
Num triste e feio dezembro,
Nas ferragens da varanda.

C´o nariz esborrachado
Na vidraça, fria e nua,
Sentia o corpo gelado,
Olhando a gente, na rua.

Vi a Ti Ana "Sardinha",
Arrimando a idade, ao pau,
Arrastando, coitadinha!..
A vida p´lo mundo mau.

O Ti João "Corta-Rabos",
De olhar triste, sob o monte
De guarda-chuvas virados,
Ia atravessando a ponte.

A velhinha do Eirô

Que me dera uma maçã,
Cruzou-se com meu avô
Que saía p´la manhã.

O "Beto Guia", pateta,
Tão simples! Bom coração...
Passou, regendo uma orquestra,
Dando vida à ilusão!

O "Cossito", que vivia
Mais pobrezito que eu,
Passou cheio de alegria
P´la neve que o Céu lhe deu.

Fui-me alheando do mundo:
Refugiei-me a sonhar;
Caí em sono profundo,
Sem desejo de acordar.

Sonhei c´um mundo quentinho,
Com lagoas de águas meigas
E gente feliz, sorrindo,
Sendo a capital... Manteigas!

Desperto de olho pisco...
«Acorda, Zé! Mariola!»
...Afinal o mundo é isto...
Tinha de ir para a escola.

AS BOTAS DO ZÉ

têm, nada mais, nada menos, que dezoito anos e uns meses... ou serão dezanove anos e tal??? O tempo que já lá vai!... A verdade é que elas são um padrão da aliança entre a qualidade do produto e os cuidados do trabalho com empenho. E olhem que pareceriam novas se, paulatinamente, o tempo não lhes tivesse arrancado o pelo, nas saliências mais ousadas do cabedal, deixando, em seu lugar, rastos negros como rugas venerandas.

É certo que um quase eterno serviço militar de três anos, três meses e dez dias, contados, sol a sol, lhes deram umas folgas apreciáveis: apenas

trabalhavam elas nos invernos, e quando o dono tinha férias.

Mas, verdade, verdadinha: é ao pai do Zé que as botas devem agradecer a cara de saúde, nos ombros de uma longevidade incontestada; é que o senhor António Jorge, em rapaz, foi sapateiro. Digo sapateiro, e não, remendão, porque de bocados informes de couros, calfes, linhas e pez, fazia botas e sapatos que era um regalo de ver.

Haviam de ter ouvido o senhor António Tavares...

(«que Deus haja»)

... mais conhecido por António da Laura, mas a quem os sapateiros mais jovens chamavam apenas Mestre, numa aceitação implícita da sua direção magna... e do salário exíguo.

O Mestre pagava pouco, mas não era mau sujeito, não senhores; os tempos é que eram levados do diabo, e, se ali se ganhava mal, nos outros lados a fartura era a mesma.

Trabalho, sim... disso era à tripa-forra para a rapaziada e patrão; entravam de manhã cedo, e era uma "lufalufa" todo o malfadado dia, entrecortada com o caldo com qualquer coisa, lá pela uma da tarde. De estômago a chocalhar, atiravam-se de novo à faina, enfiando as mãos onde a clientela enfiava os pés...

(a que a higiene daqueles tempos não concedia muita limpeza)

... e as sete horas da tarde alongavam-se em chegar, arrastadas pelo sol que, gasto pela folia, terminava por ir deitar-se atrás da Fraga da Cruz. É que até o sol morria por um descanso! António da Laura é que não tinha a bondade do Criador, e era tão certo como eu ser Zé, que, no

momento exato em que um dos rapazes, fosse o João Marcos ou o Joaquim d'Avó, descalçasse as "maneotas" em jeito de...

(«Bonda!»)

... se levantava com modos indecisos, e, de voz um quanto saltitante, disparava que havia muita obra a fazer e a acabar, e que teriam de fazer serão, não fosse a freguesia dar à sola para outro lado.

Era verdade: Manteigas, a terra do Zé, tinha uma quantidade de sapateiros que era um louvar a Deus, e, mesmo assim, era numerosa a caterva da gente descalça que se via ainda por todo o lado. Olhem que só na oficina do Mestre Tavares, uma lojeca a dar para a estreiteza tortuosa da Rua Chã, chegavam a juntar-se oito homens, sempre atulhados de botifarras, sapatos e chinelos fedorentos. Podem-no confirmar o

António Pico, o António Muxano ou o António Gago...

(O destino juntara naquela oficina, mal aparentada, a mais bela coleção de Antónios!)

A fabricação em série não estava ainda divulgada, e não faltava trabalho a quem soubesse fazer uma linha a preceito; porém, os bons profissionais abundavam, e a freguesia sempre foi movediça... entre mestres e oficiais, conheciam-se Alberto Poleinas, sempre com uma palavra a dizer, o Olímpio Gabriel, ali bem perto do Tavares, Joaquim Jorge, simpático até à medula, José Ambrósio, avesso ao riso barato, mas comunicativo, e lá mais para os lados de S. Pedro, José Peteto, bonacheirão afável, e João Lúcia, bufando ares de eterno insatisfeito.

É claro que, tão grande possibilidade na escolha de obreiros, assustava os profissionais da sovela, que receavam não ter trabalho e dinheiro

se os utilizadores de "chambarcos" debandassem à cata de melhores serviços... e o remédio era sujeitar-se a tudo!

António Tavares e a freguesia usavam o facto como arma assestada ao peito dos rapazes: o Mestre ia conseguindo seroadas... que não pagava...

(quem falava em remunerar trabalho extraordinário???)

... e os fregueses, por outro lado, atascavam a oficina com sapatos que iam à graxa, que a boa tradição mandava fosse gratuita.

No meio desta jigajoga toda, quem se tramava sempre era o Jorge e Companhia, que se viam em vascas para agradar aos Gregos e ao Troiano. O que ainda valia, no meio de tanta desventura, era que os oficiais tinham gosto por aquilo que faziam... a aprendizagem, aliás, saía-lhes cara, à força de suor e lágrimas, quantas

vezes! É que se alguém botava na cabeça aprender a arte, tinha de se devotar com todas as veras ao trabalho, durante três ou quatro anos, sem a mercê de uma só moeda de dez reis para compensar um pouco a fadiga. À falta do incentivo da remuneração, sobrepunha-se, imperiosa, a vontade de fazer bem, para poder abandonar, mais cedo, tão dura forma de estágio; depois, ficava o gosto pela perfeição, mais notória nuns que noutros, como é natural.

Era nisto que António Jorge era exímio, e o Mestre sabia-o. Sempre que, de quando em quando, aparecia obra de encomenda, era quase um ritual: Mestre Tavares levantava-se, no seu jeito muito peculiar, e largava:

«Ó António!»

Sincronamente, quatro cabeças se erguiam, e oito olhos de Antónios, repuxados para cima,

fixavam o patrão António. «Tomas conta disto?», perguntava ele ao Jorge.

«Estou a acabar...»

«Hum! Deixa isso... pousa ali... toma nota: são uns sapatos para o senhor Tomás.»

Dava-lhe um pequeno lamiré de "é assim e assado", e lá principiava o António Jorge, com mãos de artista, a faina rude e delicada: escolher o material, cortar, talhar, criando, de bocados sem forma, coisa com algum jeito.

Depois, era o preparar das linhas com rigor: deslanar com subtileza o linho, juntar outras fiadas com movimentos longos, justapor as extremidades à distância exata, torcer e lanar em movimentos precisos, escolher as cerdas e fixá-las, por uma técnica quase cirúrgica, e, por fim, dar cera ou pez, em movimentos amplos, vigorosos e eficazes.

«Que tal a linha, Mestre?!»

O olhar e o aceno valiam um discurso.

Dias depois, a obra ficou pronta, à custa de destreza, suor e engenho; entretanto, tinha sido o coser dos sapatos nascituros, entalados entre as pernas protegidas pelos safões, enquanto a linha era puxada pelas mãos, semicobertas por "maneotas", que, ora faziam força, de veias tumefactas, ora apontavam com justeza a sovela, depois do gesto inconsciente de enfiar a ponta na sacola das costas da "maneota" esquerda, cheia de sebo lubrificante. Primeiro, as partes mais delicadas e clamando perfeição: as peças de pele que iriam cobrir os pés; depois, acoplar tudo ao forro, palmilha e sola, exigindo força e habilidade, garantindo estanquidade, robustez e vida longa. Ainda as aparadelas finas com a faca de aço, afiada em ritmo vivo no assentador, as passagens de grosa e lixa fina, uns toquezinhos

de martelo, a domar a rigidez das costuras, a graxa final... e o par de sapatos nascera.

«Quer dar uma olhadela, Mestre?». Ao António Jorge, em pé, com as mãos em suporte, e os sapatos apontados à frente, encostados ao peitilho de cabedal, brilhavam os olhos de pura satisfação.

António Tavares levantou-se também e aproximou-se da porta, à cata da luz, para melhor observação. Esquadrinhou com minúcia os sapatos em que pegara, e disparou com força interior:

«Porra António, que isto é obra! Sabes que mais? Pega numa caixa de papelão, e vai pô-los na montra do senhor Miguel Esteves, que não os tem lá, nem melhores, nem mais perfeitos. Ponde aqui os olhos!», terminou, voltando-se para os outros, como se aquilo fosse obra sua.

Miguel Esteves era o comerciante que, em Manteigas, patenteava ao público o calçado fabricado mais durável, estético e confortável, pelo que, a tirada de Mestre Tavares, sabedor do seu ofício, era um autêntico galardão em honra de António Jorge. O oficial, conhecida a exigência do patrão, pouco dado a louvores, nunca mais esqueceu a recordação do elogio; nem quando andava já de chinelos e bengala de três pernas, lutando contra a destruição de uma trombose.

Um dia, o rapaz que era brioso, e de bruto não tinha nada, deu-lhe para começar a pensar:

«Do meu trabalho não tem o Mestre razão de queixa. Pelo contrário! Ainda no outro dia, quando o Ti Afonso Sameira cá veio encomendar umas botas, me fartei de rir cá por dentro. Cliente cheio de esquisitices e exigências, queria forte e bem feito. Sem mais

aquelas, o Mestre entregou-me o trabalho. Ai a cara do Ti Sameira!

"Ó Tavares d' um demonho! Então tu metes o trabalho das minhas botas, na mão do mais fraquito?! Olha que se elas meterem uma gota de água que seja, venho-tas cá pôr, para calçares tu."

"Vais ver o que ele faz..."

"Ai, quero ver, quero."

Depois da obra feita, Afonso Sameira mirou, remirou, e acabou por conceder:

"Bom!!! Bonitas s´tão... quero ver é os pés num charco quando vier a chuva.", ameaçou.

"Descansa, que água, só pelo cano, que por onde foi cosido, não entra de certeza.", afirmou, orgulhoso, António da Laura.

E não entrava mesmo, porque botas cosidas por mim, com linha a cruzar, ficavam com as solas mais agarradas que unhas a carne.

A verdade, porém, é quem nem os parabéns que o cliente veio apresentar, semanas depois, me fizeram esquecer que o Mestre pagava à obra; ora se ele me dava sempre trabalhos que exigiam maior perfeição e solidez, como é que eu podia aprontar a mesma quantidade dos outros, cujos afazeres exigiam apenas que se atamancasse aqui ou ali, muitas vezes?»

Decidiu-se e foi ter com o Mestre. Falou, discutiu, argumentou, rebateu, explicou, subentendeu ameaças, motivou os outros... e passaram a ganhar ao dia. Continuava era a faltar quem pagasse as noites, que nem o diabo, como seu patrono, remunerava. Era desesperante: eles, ali, na oficina, recurvados sobre o trabalho, tarde avançada, e a verem passar na rua em frente, já "de ponto em branco", os antigos companheiros

de escola, agora operários na fábrica, tendo saído mais cedo, e recebendo ordenadinho certo.

Depois, eram ainda aqueles serões malditos que, por alturas da páscoa e vésperas de festa, chegavam a colar com a manhã seguinte... e sem um homem ganhar nada com isso. Para "tirar algum de parte", era preciso ir ainda, aos domingos de manhã, para a estrada em frente da igreja, engraxar sapatos a uns e a outros, enfiado na farpela velha e suja da semana, num contraste chocante com os fatos domingueiros dos demais. Doía mesmo lá por dentro: doía e revoltava.

E era ainda a Teresa; todos tinham tempo para namorar e beber um copo, e ele ali, dia e noite, como um forçado.

O Mestre tinha de compreender.

Às boas não foi lá, o patrão Tavares: que não se podia afugentar a clientela, que diabo de ideias eram aquelas, que sempre fora assim, que

o importante era pôr trabalho na rua... e que pagar não podia, porque, como eles sabiam...

(António Jorge e Companhia)

... do calçado à graxa não se cobrava nada, e as noitadas de ante-festas eram destinadas a essa faina, muitas vezes.

«É então com o nosso lombo que o Mestre faz os seus favores?!»

Não ficou na história o que o António-patrão respondeu, porque resmungou, tão baixinho, tão baixinho, que ninguém ouviu.

O que é verdade é que nesse mesmo dia, à tardinha, quando o João Marcos se levantou da cadeira de palha, endireitando o dorso, e enquanto desprendia o peitilho, ia dizendo:

«Bom... então até...»

«Logo à noite havia aqui umas coisinhas para acabar.», cortou António da Laura, apontando o monte horroroso de "chambarcos" mal

encarados. «A ver se se entregam amanhã... hum... venham às nove, que já lhes dá tempo para um copito.»

Surgiu na cara de todos a imagem da resignação costumeira, mas, dessa vez, António Jorge não pôde coibir-se de pensar que o tempo de que ia dispor era mesmo para um copito, porque se o copo fosse grande, teria de deixar metade no taberneiro.

A badalada do sino, anunciando as nove e meia da noite, ouviu-a o filho de Adelino Jorge...

(ai se ele soubesse!)

... de camisa lavada, a caminho do Eirô; a companhia de Teresa Marcos era, de longe, muito mais agradável que a de António da Laura, mesmo quando o Ti Manuel de Jesus e a Tia Maria José passavam o serão de olhos pespegados no par.

«Então! Não foram seroar?!». Parecia milagre.

«Foram...»

«Mas tu...»

«Eu não fui.»

«Mas porquê? Vê lá...»

Ele explicou, e seguindo o conselho da namorada "viu"... e "viu" tão bem, que faltou ao serão três dias seguidos, dando, para cada ausência, uma explicação cada vez menos convincente. Mestre Tavares acabou também por "ver". Houve discussões, ameaças veladas, argumentos a bradar ao coração, mais que à razão, e finalmente:

«Vivoo!!!», pensaram em uníssono as cabeças dos assalariados.

O patrão decidira pagar as horas dos serões... que passaram a ser mais raros.

* * *

Euforia pela conquista? Preocupação com a hora de levantar, porque a Banda ia animar festa em terra raiana? Planos de casamento demasiado adiados? Voltas e reviravoltas entre as baetas, e o sono a divertir-se por quelhas e ruelas, em vez de vir ter com ele e cumprir a missão de o aquietar.

Levantou-se na esperança de quebrar o enguiço, e para beber água...

(cerimonial complicado que implicou subir à cozinha de pés nus para não ranger tábuas, inclinar, em ângulo preciso, o cântaro para o copo de esmalte, beber no limite da sofreguidão, e repor tudo no sítios, sem perturbar o sono do pai, colega na filarmónica Boa União)

... e foi quando se estendeu de novo e respirou fundo, abrindo-se ao repouso de Morfeu, que a insónia, usando aquele meio termo

que não permite sono nem vigília, resolveu evidenciar a causa: a memória, reacendida, da via de dor e esperança, entre o primeiro dia como aprendiz de sapateiro, e a hora em que fizera valer o seu préstimo de oficial reconhecido, para dignificar as condições do labor de cada dia.

Há quantos anos! A caminho de quinze??? Teria sido aí por volta de 1931... fins de junho...

* *

«Abelardo Jerónimo Antunes.»

O rapazito, alto e magrizela, deslizou lateralmente do assento da carteira, e perfilou-se, ligeiramente curvado, de braços pendidos e rosto inquieto. «Pronto.»

«Aprovado. Adérito Pimpão dos Santos.»

Sentou-se o garoto, com um ténue e quase escondido sorriso para o companheiro de

assento, enquanto esfregava discretamente as mãos em contentamento refreado. Entretanto, como se tivessem ensaiado mil vezes, levantava-se, com movimentação semelhante, um gorduchito de cara larga.

«Rrreprovado.», sublinhou o mestre, com um olhar a condizer com a sentença. «Andaste armado em moinante e aqui tens o resultado. Nem as "bolas" que levaste te abriram os olhos e o juízo. Para o ano voltas a caminhar para cá.»

A condenação e a tirada fizeram gelar o Tonito Jorge na carteira... a ordem alfabética esticava o dedo para ele.

«António de Almeida Serra.»

O pequenito, em que as únicas coisas grandes eram os olhos e a guedelha compacta, deu-se postura de soldadinho de chumbo, a contrastar com o ar aflito.

«Aprovado com distinção...» e o professor Almeida, sem desafivelar completamente a máscara de severidade, juntou: «... quem me dera que fossem todos assim! E fizeste a terceira e quarta num ano! Continua assim, gigante...

(expressão privada e talvez carinhosa do professor, pelo contraste com a altura do aluno)

... Belisário da Costa Eustáquio.»

O cerimonial de final de ano prosseguiu, com o sobe e desce dos discentes, a intervalar com as classificações e raros comentários da autoridade escolar.

Com farnicoques de chegar a casa e contar à mãe...

(o pai só chegaria mais tarde, quando largasse o tear na fábrica dos Pereiras)

... o Tonito fazia um esforço tremendo para não se distrair da ladainha do professor, conhecido pela exigência feroz.

Finalmente:

«Bom! Para acabar: arranjai um trabalho de que gosteis e com que possais governar a vida. Os que tiverem cabeça e possibilidades, estudem. Fazei-vos homens! Os preguiçosos e os brutinhos, cá os esperamos para outubro. Arrumai as vossas coisas e saí... sem barulho!»

Ouviam-se os pássaros no pátio do recreio, a emoldurar as poucas palavras sussurradas, os toques dos ponteiros nas ardósias, e o deslizar dos livros para dentro dos sacos de serapilheira, ou malas, raras, mais ou menos aprimoradas. Logo depois, o patear suave dos pés descalços...

(com exceção de dois pares)

... no soalho de tábuas de madeira puída, e o começo da ladainha estatuída, em tom cantado, cada um por sua vez, ao sair da porta:

«Boa tarde, senhor professor!»

Logo que se apanhou na rua, António Jorge...

(que lhe importava o nome de batismo!)

... ajeitou a sacola no ombro e largou a correr para o Eirô, pés ligeiros, habituados às agruras da calçada. Ultrapassada a Quelha das Ferreiras, entrou quase sem fôlego naquela em que morava, galgou o balcão à esquerda e, logo que abriu a porta, gritou para dentro:

«Ó minha mãe! Passei! Com distinção, disse o senhor professor.»

«Boa tarde, ao menos!» Lourdes de Almeida, sorriu. «Mas conta lá...»

«O senhor professor Almeida disse que fiquei aprovado com distinção, e falou bem de mim à frente de todos. Mais no fim, recomendou que os pais fossem depois à escola buscar os papéis.»

«E mais?»

«Uhn! Mais nada... que os que tivessem cabeça e possibilidades que estudassem... e que nos fizéssemos homenzinhos.»

«Tu, para te fazeres homem, ainda tens de comer muito sal... e cresceres um bom bocado.»

«Vossemecê também é baixinha!»

«Mas chego aonde as outras chegam!», replicou pronta e com uma genica muito dela.

«E eu também hei de chegar...» e, nesse momento, António concebeu o propósito de passar a ir ao saleiro, com regularidade, rapinar umas pedrinhas de sal para crescer mais depressa.

Já eram quase oito da noite quando Adelino Jorge puxou a aldraba da porta e entrou.

«"Nossenhor" vos dê boas noites.»

«Vem com Deus, homem.»

«Boa noite, meu pai!», e António desbobinou, de um fôlego, todas as novidades do dia, com os realces nos sítios certos.

A réplica veio com as pausas próprias de quem sabe música:

Pausa de semibreve lenta. «Uhnnn.» Pausa de mínima. «A ceia já está pronta, Maria de Lourdes?» Pausa de semínima. «Vou só lavar as mãos e a cara, e já falamos.»

Sentados, o homem e o garoto, no banco corrido encostado ao tabique negro da cozinha, com o janelo à esquerda a deixar passar as última pinceladas de luz, a matriarca, em assento quase raso no topo da lareira, debruçou-se sobre a panela de ferro junto às brasas já mortiças, e, com uma gadanha de alumínio baço, foi enchendo três malgas de barro com caldo de couves, que foi entregando a cada um, já com uma colher dentro. Ajeitadas no colo...

(o António tinha o hábito de encaixar o fundo na saliência do joelho esquerdo, que elevava, colocando o pé sobre a pilheira)

... foi Adelino, como competia, que retomou o curso da conversa:

«Acabaste então a escola...» o miúdo acenou contente com a cabeça... «já pensaste no que vais fazer?... A idade da mandriagem acabou-se.»

«Ó Adelino! Com franqueza! Então o garoto vem todo contente por ter sido aprovado com distinção, e parece que só houve dois ou três, e já estás a empurrá-lo para o trabalho?»

«O que é que lhe queres fazer? Metê-lo numa redoma? Só a ajudar-me nas hortas e a ir ao mato não é vida nem se vai governar com isso; tem que aprender a fazer alguma coisa, com certeza.»

A mãe antecipou-se:

«Ó meu filho, o que é que gostavas de fazer?»

«Não sei... eu gostava era de aprender mais... senão, trabalhar na farmácia ou no concelho...»

«”Rais t’impisquem”! Quem é que quer um fedelho como tu na farmácia?.. Ainda

envenenavas alguém a trocares os pós e as mistelas!»

«Isso não, porque eu sei ler bem.»

«Também eu sei ler, escrever e contar como poucos, e, no fim de uma vida de trabalho, não passei de tecelão; não são as letras do que leio que nos dão de comer.» Duas colheradas à boca, envoltas em silêncio ponderado, antes de prosseguir: «E para a câmara, apesar do meu primo Joaquim estar lá bem colocado, não me afoito a ir pedir-lhe colocação para "galhavano" do teu tamanho.»

O rosto da criança perdera a luminosidade inicial e, descaída a cabeça para a esquerda, na direção da tigela, ia mastigando as couves que começavam a enrolar-se mais na boca. Foi a mãe que espantou o silêncio, com o coração a querer acudir à tristeza que se via instalar:

«Estudar, só se... mas tu não queres ir para padre...», experimentou.

«Isso não senhora. Quando fosse grande queria casar-me, como vossemecês.»

Mais um período de silêncio que as colheres de alumínio a bater no barro realçavam. Engolida a última "mastigadela", Adelino poisou a colher, e deu-se ares de ter descoberto um bom caminho:

«Por farmácia, lembrou-me agora: queres que fale com o tio António para te arranjar trabalho no sanatório, na Guarda, como fez para as tuas irmãs?»

Foi de novo Lourdes que, percebendo um rasto de aflição no olhar do garoto, decepou a ideia:

«Ó homem, com franqueza!.. Então queres pôr o garoto a despejar penicos no hospital? A Maria José e a Rosária são mulheres...»

«O meu irmão é homem e trabalha lá!»

«Mas já está noutra posição...»

«Só falei nisto porque o dianho do garoto parece que não quer fazer o que os outros fazem. É claro que posso pedir ao senhor Pereira, que ainda é nosso primo e não dirá que não, para o deixar ir para a fábrica do Outeiro.»

«Não era má ideia, mas se depois o pudesse encaminhar...», avançou a mulher, e emendando logo, ao ler o rosto do filho, que parecia agora uma flor murcha e vazia de vida.

Seguindo o seu próprio pensamento, o chefe da família continuou:

«Para a agricultura, ainda é fraquito, mas lá diz o rifão que *trabalho de criança é pouco, mas quem o desperdiça é louco*. Para pastor... não há tradição na família, mas podia falar com o Paisana ou outro... sei lá...»

«Assim, antes queria ser sapateiro.» A voz saiu tão esvaída que mal se ouviu.

«O quê? Sapateiro?!»

«Sim. Como o primo Joaquim e como foi o avô Jorge.»

«Uhn!» ia a interromper Adelino.

«E queria aprender música e ir para a Banda...», concluiu António, de cabeça ainda baixa e olhos a apontar para os interlocutores, alternando receosos entre os dois, como mendigo desesperado.

«Gostavas?», inquiriu a mãe, pressurosa e esperançada.

A resposta foi, desta vez, um acenar afirmativo com a cabeça.

«Homessa! Nunca tinha pensado que querias ser sapateiro... mas está bem; amanhã já vou falar com o meu sobrinho Joaquim para te aceitar lá como aprendiz... e se quiser pode ser ele também a começar a ensinar-te as primeiras

notas e o solfejo, que eu já não tenho paciência para isso.»

«Mas o primo é clarinete e eu queria tocar trompete.»

«Ó Maria de Lourdes! Já viste o pivete que nos saiu na sorte?! Ainda não distingue uma clave de sol de uma de fá, e já quer ser trompete!», e virando-se para o filho, intimamente satisfeito por ter encontrado uma solução, e sobretudo porque ia haver mais um Jorge...

(e o seu irmão Porfírio era considerado o melhor músico das duas bandas)

... na Música Velha: «Hás de começar com trompa, como os outros, e, se tiveres unhas, logo se verá se te metem uma trompete nas mãos, porque isso não é para todos, não julgues!»

E já readquirindo luz nos olhos:

«Hei de ser primeiro trompete e hei de sair a primeira vez com o pai a tocar. Vai ver!»

Os olhos, anatomicamente mortiços, de Lourdes Almeida, sorriam embevecidos.

Na segunda-feira imediata, António foi acordado cedo, bebeu um copo grande de infusão de erva-cidreira, a empurrar o pão centeio mal coberto por uma nesga de marmelada e, estranhamente, sentiu-se um homenzinho quando se despediu:

«Até logo, minha mãe!»

«Até logo, se Deus quiser!»

Pedira para não ir de calções e, com um sorriso e um encolher de ombros, tinham-lhe feito a vontade, apesar do calor. E porque não? Calças, calções, camisa tinham sido aproveitados de roupa coçada do pai. Cortes adequados e costuras inteligentes a eliminarem ou esconderem as zonas mais puídas, e pronto:

roupa muito boa para usar de cote. É certo que a camisa de virados abertos tinha largura a mais e sobrepunha um bocado de pano para poder ser enfiada dentro das calças. Estas, de pano cinzento e grosso, tinham mais vincos horizontais que verticais, e, na zona dos joelhos, as bolsas enormes clamavam pelo calor humedecido de um ferro esbraseado...

(o jogo do berlinde e outros quejandos, nas ruas e praças, não mantinham requintes de engomadoria)

... pelo que caíam, completamente redondas, como saias longas, até ao fundo das canelas; e, confessemos, a pedincharem já que lhes descessem mais um pouco as bainhas, alongando o comprimento. Ao fundo, sapatos de cinco pontas, como os garotos designavam galhofeiramente os pés descalços. A segurar o

conjunto todo, uma correia meio torcida agarrada a uma fivela, a fazer de cinto.

O caminho era curto: saiu da quelha e começou a descer a Rua do Eirô, dardejado impiedosamente pelo sol de verão; a Praça da Louça era logo ali.

«Bom dia, primo.»

«Ora, já chegou o novo oficial!», exclamou Joaquim, acolhedor. «Então não dás a salvação ao senhor Tomás?»

António, ainda da porta, franziu os olhos e a testa, enquanto punha a mão em pala, tentando ver lá para dentro. A oficina, baixa e escura, com a porta virada a poente, contrastava abruptamente com a luminosidade do pequeno largo. Só longos segundos depois, e quando desceu o primeiro degrau, é que conseguiu começar a distinguir os vultos das pessoas e das coisas que conhecia já.

«Bom dia, senhor Tomás. Não conseguia ver, encandeado com o sol...»

«Estavas era tão ancho por vires a aprender a sapateiro, que nem falavas a ninguém!», brincou o cliente.

«Não foi, não senhor.», replicou o miúdo, encabulado. «Não se via nada.»

Despediu-se o homem, com o *Fiquem com Deus* costumeiro, e Joaquim pousou as botas que cosia, ao mesmo tempo que se levantava.

«Então vamos lá arranjar-te que fazer.», e, com paciência sorridente, foi explicando ao primo mais novo todos os recantos, utensílios, materiais e ferramentas, detendo-se longamente nos pormenores da banqueta de trabalho, móvel tosco de madeira, assente em quatro pernas, com uma gaveta puxada por argola de ferro. O tampo, rodeado por um rebordo de tábua a toda a volta, estava coberto, de forma irregular, por divisórias

de madeira, dando-lhe ar de castelo medieval; cada alvéolo, assim formado, servia de caixa aberta para cada tipo de alfaia, material ou utensílio. Ali se organizavam as facas, turqueses, alicates, sovelas para borracha e couro, assentadores, lixas, martelos, grosas, pregos de tamanhos crescentes e fins específicos, pez, "maneotas", linho, ferros de vincar e brunir, frascos com tintas de várias cores, pomadas de graxa, compassos, fitas métricas, brochas, protetores, sebo, molhinhos de cerdas e outras coisas, que o candidato a aprendiz, concentrado a mais não poder, não conseguiu fixar à primeira. Na visita guiada, não lhe escapara a pia para demolhar materiais, a pedra de afiar, os pregos enormes a servir de cabides para as formas de madeira, um balde...

(só para emergências, porque o Caneiro não ficava longe)

... as vassouras, o canto onde o lixo se acumulava, a zona do calçado a reparar, e a do que estava pronto para entrega...

(em ambos os casos, cada um ligado ao seu par, pelos atacadores ou correias de aperto)

... a área dos materiais maiores, de reserva, e ainda os pregos disponíveis ou ocupados, espetados na parede, destinados às perneiras, safões, peitilhos e roupa dos profissionais.

Quando acabou, Joaquim perguntou com bonomia:

«Então, fixaste alguma coisa do que te expliquei?»

«Só consegui decorar algumas coisas. Não sei se sou capaz de aprender.» O tom soava a aflito.

«Ó rapaz! Se aprendesses tudo hoje, o que é que havias de aprender amanhã? Se eu consegui, tu também consegues, porque, ao que ouvi dizer, de burro não tens nada.»

«Com quem aprendeu o primo?»

«Ainda foi com o nosso avô.», e rindo enquanto falava: «E olha que ele tinha menos paciência do que eu a ensinar!»

«Então o que quer que faça?»

«Há água da pia para substituir, e lixo para deitar fora; o que queres fazer primeiro?»

Sem saber como empreender nenhuma das coisas, avançou com a que lhe pareceu menos complexa.

«O lixo.»

O mestre mostrou-lhe a vassoura de pé curto, a pá e duas sacas de serapilheira, e explicou, exemplificando, um pouco de cada tarefa. Concluiu com uma recomendação em tom paternal:

«Cuidado com as mãos e os pés, porque, aí misturados, há pregos tortos, brochas e protetores

velhos, e ainda pedaços de vidro. Não quero que te cortes, ouviste? Muita atenção!»

António pegou nos utensílios, entusiasmado para começar, mas deteve-se.

«Ó primo! Para que é que um sapateiro precisa de vidros?»

«Muito bem perguntado, sim senhor! Estou a ver que vamos ter artista. Queres ver?»

Baixou-se na direção do sítio onde se encostavam pranchas de solas de couro, e retirou com precaução, detrás, uma placa de vidro de bordos como navalhas. Pegou numa lima larga, raspou com ela, em quina, numa saliência, apertou entre a lâmina da ferramenta e o polegar, fez um pequeno torção e, com um estalo seco, partiu um pedaço em forma de cimitarra. Sorriu para o miúdo de olhos fitos, boca entreaberta e duas rugazinhas entre as sobrancelhas. A mão esquerda avançou para um sapato a reparar,

sentou-se, apoiando-o sobre a perneira, e, de seguida, a mão direita, onde a lâmina de vidro brilhava entre o polegar e indicador dobrado, fez movimentos suaves, raspando o bordo do sapato, que se viu ficar polido, quase por milagre.

«Passa aqui o teu dedo.», desafiou.

A criança aceitou o convite.

«Está lisinho! Depois há de ensinar-me a cortar o vidro, porque a raspar, parece-me que já sei.» Entusiasmara-se.

«Bom! Agora vamos ao trabalho.»

O aprendiz deu boa conta dos afazeres, nesse dia e nos que se seguiram. Para o premiar, o mestre, aproveitando o bom tempo do verão que não tardaria a debandar para sul, mandava-o embora mais cedo para que tivesse tempo de retouçar com os amigos. Saía dali em corrida para o Largo do Senhor do Calvário, e era um fartar de berlinde, barra-do-lenço, moca, rilha,

saltinvão e mais outras brincadeiras que incentivavam saúde, destreza, companheirismo e alegria.

À primeira badalada do sino, para o toque das ave-marias, a garotada debandava, à uma...

(estivesse o jogo como estivesse)

... em correria sem tréguas para casa. Bernardo Marcos, manobrando os badalos em toque harmonioso e potente, sorria ao ver o bando a galgar a escadaria em frente da igreja, como láparos a fugir de caçador, em direção ao Rossio, Carreira, Quelhas várias e Cimo da Vila. É que chegar a casa, depois das trindades, era razão suficiente para verdascada, lambada ou pontapé; no mínimo *(«Não ouviste o sino? Livra-te de voltares a chegar tarde!»).* E, nestas coisas de cumprimento de regras, Lourdes Almeida era do tipo de dar primeiro e dizer *(«Toma!»)* a seguir.

Como em todas as épocas laboriosas, o tempo deu-se asas, e, meio ano depois da estreia, já o rapaz soprava trompa com algum jeito...

(para satisfação ufana do primo e do pai... e do resto da família de músicos)

... e já fazia de tudo um pouco na oficina, quando a obra não era muito exigente em força e esmero.

Um dia em que o rapazito se afadigava em conserto a pedir qualidade, sob o olhar disfarçado e aprovador de Joaquim Jorge, este não se conteve:

«Ó António! Havemos de fazer uns sapatos para ti.» O garoto olhou com estranheza. «Até parece mal um sapateiro andar descalço!»

«Eu ainda não sou sapateiro... e sei lá usar sapatos! E depois, não tenho dinheiro para o material... nem os sei fazer ainda.»

«Deixa lá isso comigo! Vamos fazendo devagarinho, até aproveitando sobras mais pequenas de material que já não deem para outra coisa. Olha! A estreia vai ser no domingo seguinte a fazeres um ano na oficina. Mas caluda, que vai ser surpresa.»

Como se lembrava, agora que a insónia o incomodava, da noite que passara sem dormir a sonhar com os sapatos. Como se sapatos fossem coisa do outro mundo. Desenhou-os e redesenhou-os com a imaginação excitada, e alimentada à maneira que as coisas iam surgindo, pedaço a pedaço, ponto a ponto. Entusiasmava-se e esmerava-se, incentivado pelo primo que reconhecia, em cada dia, que o filho do tio Adelino ia fazer-se oficial de primeira.

Foi-se chegando o tempo, e os sapatos foram dados por acabados, em sábado a apagar-se. Umas folhas de jornal a embrulharem a obra e

umas meias que Joaquim lhe comprara, e a recomendação final:

«Entras em casa e vais meter isto debaixo da cama. Sem tua mãe ver. Quando vieres do mato, e te preparares para ir à missa, é que os calças. Amanhã a Música vai tocar fora, mas quero-te no Valazedo quando a camioneta chegar, que é para te ver todo apinocado, e observar a cara de teu pai. Agora é que as raparigas te vão começar a piscar o olho!»

«Ó primo!», retorquiu, encabulado, pensando na Mariazita. E logo de seguida: «Posso contar ao Manuel Xaqueto que vai comigo ao mato, como é costume? Somos amigos, e parece mal aparecer depois calçado sem lhe ter dito nada.»

«Está bem; mas só depois de chegarem à Carvalheira.»

Nesse domingo, o molho de malhada foi ugado com maior rapidez, e desceu para a vila a

voar sobre pés com asas. Até o companheiro das agruras...

(da lenha roubada para a lareira e do mato para alimentar as terras)

... se deu pressas para ver o amigo enfiado nuns sapatos.

As lavagens...

(aos bocados, porque o alguidar não dava para mais)

... levaram mais requintes que o costume. O pentear da grenha negra e forte...

(herança materna)

... parecia que não ia acabar, numa luta entre domador e fera. A roupa levou alisamentos a que não estava acostumada, com passagens das mãos bafejadas junto à boca, uma vez e outra, sobre as dobras mais vincadas.

«Ó António! Deixaste-te dormir, ou quê? Olha que já tocou a última vez para a missa.»

«Já vou, minha mãe; já só falta...». Travou a tempo o («calçar os sapatos»). «Já vou mesmo.»

Retirou o embrulho debaixo do leito, e calçou-se à pressa.

Lourdes Almeida esperava-o já fora da porta, ao cimo do balcão, de chave na mão.

«Que raio trazes tu nos pés!?»

Pelo tom, o garoto não soube logo como responder, mas acabou por deixar sair, expectante:

«Uns sapatos...»

«Que são uns sapatos vejo eu. O teu pai sabe disto?»

«Não senhora... o primo Joaquim disse que era para fazer uma surpresa.» Sentiu dúvidas a raiar a angústia, sobre a bondade da ideia.

«Bem! Toca lá a andar para a igreja, que depois logo falamos.»

Galgaram a rua que acentuava o declive junto à Casa das Obras, e desceram a escadaria, já na frente da torre dos sinos.

Desde o meio do percurso que António ia descobrindo que andar calçado fazia doer os pés e, com maior pungimento, o dedo grande do pé esquerdo. O sorriso já não era bem o que imaginara ao longo dos devaneios sonhadores.

Separou-se da mãe, para ir para a capela-mor, para junto dos homens.

Manuel Xaqueto esperava-o à porta.

«Ena, pá! Vens mesmo todo "à fenoque"!»

António sorriu sem grande convicção, e entraram.

No final da cerimónia maior, não fazia a mais ténue ideia do que é que o senhor Padre Parente tinha dito na homilia, com a mente absorvida pelos pés, sem pingo que fosse de atenção para os ouvidos.

O jantar, depois da saída da missa, só mãe e filho, foi mastigado com perguntas, arrazoados, esclarecimentos, dúvidas e receios de borrasca.

«Por mim, está feito, está feito... mas vamos lá ver o que teu pai diz.»

Às seis da tarde, já António tinha batido à porta da casa onde morava o amigo Manuel...

(precisava de apoio, para o que desse e viesse)

... na Praça da Louça, e esperava agora, à entrada da vila, que chegasse a camioneta da Empresa com a Banda Boa União. Não estavam só eles, porque era quase um ritual, um grupo variável de pessoas, por causa de uma filarmónica ou da outra, vir esperar a chegada de familiares e amigos, ou apenas pelo simples prazer de ouvir ainda uma arruada vibrante, a caminho da casa de ensaios respetiva.

«Já vem ao Tinte!», apontou um; e o coração do rapaz...

(o coração tem razões...)

... confrangeu-se. *(«O pai, se dava para o torto, não era bom de assoar, não senhor. Mas também, que mal tinham uns sapatos que o primo e mestre lhe tinha quase oferecido? Calma!»)*

A camioneta deixou de roncar fumegando, e saiu o primeiro fardado, a esticar as pernas e os braços. Depois outro e outro. Foi a vez do primo Joaquim e do irmão José, de clarinetes apoiados no braço. Olharam para o miúdo e piscaram o olho com exuberância de gestos, realçados com os polegares elevados ao céu, em aprovação sem reticências, correspondidos por um sorriso que pretendia não ser triste nem envergonhado.

Por fim, Adelino Duarte Serra desceu o degrau, e o garoto, por instinto natural, correu

para ele à procura do beijo mais ou menos formal.

O músico recuou para ganhar ângulo, e exclamou com entono, os olhos de fuinha a coriscar:

«Que porra é essa que trazes nos pés?! A quem pediste ordem para usares sapatos? Descalça já isso aí!» O braço apontava como arma em ameaça.

António, amarfanhado pela vergonha e desilusão, baixou-se para soltar os atacadores, quando os primos se aproximaram. Joaquim intrometeu-se:

«Então, tio! Que preparos são esses aqui na rua, na frente das pessoas e dos outros músicos? Que mal é que o garoto fez? Os sapatos são obra de nós os dois, e fui eu que o desafiei a fazê-los. Havia de ficar contente, e está a ralhar-lhe?!»

«Se foste tu, ainda és pior que ele, e já devias ter juízo porque és mais velho. Ele é algum fidalgo para andar de sapatos? Alguém usa sapatos lá em casa? Uns tamancos, para começar, ou mesmo umas botas, vá que não vá; agora, sapatos?!»

António suspendera o ato, e mantinha-se de joelho esquerdo no chão, com os dedos a girar as pontas dos cordões do sapato direito, a aguardar o veredito final, olhando desconsoladamente para os interlocutores.

«O tio tem cada uma! Tão revolucionário é lá com os sindicatos e os direitos, e noutras coisas continua... olhe, é mesmo: bota-de-elástico. Deixe...»

«Não me faltes ao respeito, ouviste? Tens alguma coisa a ver se uso botas-de-elástico ou não? Na minha casa mando eu!»

«Calma!», contemporizou o sobrinho, secundado pelo irmão José. «Deixe lá o rapaz ir calçado para o Eirô, e depois logo se entendem quando chegarem a casa. Agora temos de ir para a formatura, porque o mestre já está à nossa espera.»

«Vai lá, que já falamos.», ameaçou, para o António que, mal viu o pai de costas, se levantou e começou a subir em direção à igreja, empapando as lágrimas na manga da camisa "de-ver-a-deus", enquanto o amigo Manuel, que se mantivera afastado da cena tormentosa, o acalmava pondo-lhe a mão no ombro, enquanto o consolava:

«Deixa lá, que o teu pai é doido!»

Uns metros atrás, a banda arrancou com marcha alegre e briosa, a caminho da sala de ensaios. Desta vez, o aprendiz de trompa não

seguia atrás, escorraçado da euforia do grupo de adeptos.

Não quis roubar-lhe, leitor, a oportunidade de imaginar as caras, expressões e sussurros que corriam entretanto, entre os que, sem esperarem, foram obrigados a esta cena. Pense: terra pequena em que toda a gente se conhece, em que tão prestes se é a ajudar quem cai, como a derrubar quem está em pé... está a ver-se, de joelho no chão, a ser reduzido a nada, sem poder ripostar à injustiça, contido por uma parte de si mesmo?... E com dezenas de olhares díspares a alvejá-lo sem poder furtar-se! Se já experimentou angústia semelhante, mesmo noutras circunstâncias, entenderá melhor, do que eu podia descrever-lhe, o que se passou ali no largo tentacular do Valazedo. Pense!

No dia seguinte, já António esperava à porta que o primo chegasse para abrir a oficina. Este já

o tinha visto da janelita da casa baixa, enquanto acabava de mastigar o almoço: cabeça pendida, olhando as pedras da calçada, a roupita de todos os dias, sapatos na mão esquerda, apertados entre o polegar e o indicador, descalço, como sempre, mas com um dedo entrapado em pano branco devidamente atado. *(«Rais partam o feitio do tio Adelino!»)*, pensou Joaquim, com tristeza determinada. Apressou-se e saiu.

«Então!? Vens descalço por causa dessa "boneca" no dedo? Deste alguma "topadela" ou quê?», aligeirou amistosamente para desembaciar o ambiente, enquanto rodava a chave na porta.

«Não senhor, primo. Foram os sapatos... mas se não fosse isso, meu pai também não mos deixou calçar. Disse que se a ideia era sua, que os calçasse vossemecê: que lá em casa não havia senhores.»

Joaquim Duarte Serra abanou a cabeça e decidiu:

«Isso há de resolver-se. Vou pedir ao meu pai que vá comigo à vossa casa. O tio Adelino tem lá uma consideração especial pelo irmão José, e entre dois teimosos... Senão até com o senhor Pereira vou falar, para o aperrear na fábrica. Não te preocupes.» A nuvem densa, na cara do pequeno, ia dando mostras de querer desfazer-se em fiapos. «Agora diz-me lá: essa ferida no dedo, foram os sapatos?! Estão apertados?! Eles até devem estar francos para o pé poder crescer um bocado. Deixa lá ver.»

E enquanto António explicava a sensação incómoda e estranha inicial, que se fora desvanecendo enquanto o dedo esquerdo lhe doía em crescendo, o mestre foi tateando com atenção, um sapato e o outro, começando a rir e interrompendo o aprendiz:

«É que me saíste cá um sapateiro! Então andas com um prego espetado no dedo todo o dia, e não és capaz de lhe dar uma martelada para o meter na ordem?! Não te doía?»

«Doía... mas pensei que andar calçado era assim.»

«Valha-te São Pisco Abade!», e o mestre cuidadoso ensinou como detetar a anomalia e como resolvê-la. E foi o aprendiz que, em vingança desfasada, lhe deu o golpe final:

«Toma que já não magoas ninguém!»

* *

António deu mais uma volta na cama e, abrindo uma fisga do olho esquerdo, apercebeu-se de que principiava a clarear. Mais um bocadinho e tinha de se fardar...

(fazia-o sempre garbosamente)

... para irem tocar a Quadrazais. Aconchegou-se. O despertador lhe indicaria a hora certa de acordar.

* *

O tio José fora lá a casa com o primo Joaquim. Começaram a falar; altercaram; saíram os três, não se sabe para onde; só regressou Adelino, um bom naco de tempo mais tarde. Bichanou com a sua Maria de Lourdes, e, à hora da ceia, no momento em que a rodilha comunitária ia limpando o unto do toucinho frito, dos cantos da boca dos comensais, o chefe da casa fez um ar solene, e decretou aos arrancos:

«Estás autorizado a calçar os sapatos... só aos domingos... depois de vires do mato ou da malhada. Isto porque foste tu que os fizeste... mas para a próxima!!!»

A mãe sorria quase impercetivelmente. António limitou-se a dizer *(«sim, senhor»),* antes que o pai se arrependesse. O sentimento esteve longe de ser de satisfação plena, depois de tão profundo, longo e constrito amarfanhamento.

Quando, tempos depois, Lourdes deixou cair...

(«Com o pé a crescer, daqui a pouco não vai conseguir enfiar os sapatos. Não é melhor calçá-los quando quiser, do que ficarem depois para aí arrumados, Adelino?»

«Que calce!»)

... o miúdo sapateiro, então sim, respirou fundo e sentiu o coração alegrar-se em batidas de pardal solto.

* *

A campainha agressiva, a sobrepor-se ao "tranque-tranque" monótono do despertador Reguladora, pôs fim à viagem ao passado e à noite mal dormida. Inesperadamente, porém, António sentiu-se em plenitude consigo e com o universo. A vitória na oficina? O caminho conquistado? A festa desse dia? A imagem de Teresa a iluminar-lhe o futuro? Sei lá! Está-se feliz porque se está, e pronto.

Desceu ao Valazedo com o pai, ainda músico, para apanharem a Magirus. A trompete brilhava sob o sovaco. Os sapatos reluziam.

Quando chegou o primo Joaquim, com o clarinete apoiado ao longo do braço, aproximou-se para o cumprimentar, e não resistiu a partilhar o sonho e a alegria interior:

«Ó primo! Ainda se lembra do dia em que calcei sapatos a primeira vez?»

«Então não lembro?... E o prego espetado no pé?!»

Riram.

* * *

Os tempos foram correndo, e as linhas da vida, tão bem adivinhadas pelas ciganas, foram empurrando cada um para seu lado.

António Tavares continuou a ser sempre "da Laura" e morreu, mestre de sapateiros.

António Muxano foi batendo sola, até que, farto de suar sem proveito, foi até França ganhar uns cobres, e acabou regressando à terra e à arte.

Não sei o que aconteceu a Joaquim d'Avó.

António Gago decidiu-se por comprar uma junta de bois possantes, e passou a alugar os braços, conduzindo e controlando a força bruta das alimárias, numa vida bastante sossegada...

(que bois subjugados a carroça carregada não andam depressa.)

João Marcos a quem as mãos pesadonas nunca permitiram obra de jeito, foi atamancando aqui e acolá, acabando por enveredar para atividades pró agrícolas: nascera para uma arte muito mais sublime a que se devotou: a música.

De António Pico, perdi também o rasto.

Manuel Xaqueto foi aprender para sapateiro, casou com uma filha do mestre, voaram alto por África, e regressaram para uma vida com maior prosperidade.

Mantiveram sempre laços de amizade próxima, mesmo depois de alguns se terem zangado por despique de brios alheios a coisas de sapatos.

António Jorge, já com vinte e sete anos e tal, acabou por desposar a sua Teresa. Explicavelmente, passados meses, ela começou a ter

vómitos, e o chefe de família, ao calcular o orçamento do ano seguinte, constatou preocupado que, a continuar a arranjar sapatos para os outros, se arriscava a voltar a andar descalço, como já lhe acontecera quando aprendiz. Tinha de esgravatar trabalho por outro lado, ou iriam passar mal... além de que tinha planos para os filhos que viessem.

Bom oficial como era, custou-lhe deixar a arte para recomeçar num emprego mais bem pago e certinho...

(dos que permitia "andar de ponto em branco")

... mas a criança vinha a caminho e...

Em outubro do ano seguinte, nascia o Zé, de quem o pai se recorda como *«feio, anegrado, "bocarrudo", mas de quem comecei a gostar, por ser meu filho, logo que lhe dei o primeiro beijo.»*

Foi a partir daí, que a alma de artista do António começou a construir o seu grande poema.

«E se fizesses uns sapatinhos para o menino?...»

«Sei lá fazer sapatos de menino!»

«Oh! Então não sabes?.. Tens tanto jeito para tudo...»

«Anh!»

Nessa tarde ainda, passou pela loja de José da Fonte Santa, e escolheu o material mais delicado que pôde.

Semanas depois, mostrou à Teresa, de olhos risonhos, uns sapatinhos dignos do Menino Jesus...

(se naquele tempo não usassem sandálias!)

«Que tal?!»

Um beijinho cheio de elogios ternurentos e gratidão carinhosa foi a resposta.

(Sua Excelência, o fedelho José António, tinha já um par de sapatos, antes de ter nascido e aprender a andar: assim se vingava da vida o ex-menino-aprendiz-de-sapateiro-descalço.)

Tinha começado a obra extraordinária do trabalho-amor: deixara de ser a féria o móbil do fazer, ou uns laivos de competição, a causa do deixar perfeito: era agora arte pura, amalgamada com muito de si próprio. A partir daí, António Jorge deixou de ser um forçado pago, para se transmutar num artista com a sublimidade do mais refinado pintor ou estatuário, concebendo com inspiração, talhando com doçura, cuidando do pormenor, escolhendo o material com tato experiente, apertando cada ponto como se fosse único, retocando com subtileza e sentimento.

Entretanto, os pés do Zé foram crescendo, e deram em jogar à bola e retouçar. Tinha,

entrementes, aparecido lá por casa, mais um rebento, a Milú...

(para o miúdo seria sempre a "nossa mana")

... com uma predileção especial por saltar à corda, e os sapatos de um e outro... era a hora em que se compunham; e novos, nem pensar, enquanto aqueles durassem, porque dinheiro era contado e recontado. Quantos desvelos os do pai António! Ponto aqui, aparadela acolá, e eis uma família remediada, notória por andar sempre de calçado arranjadinho e engraxado com brio.

Sabe o leitor, pelo que lhe ensinou a vida, como o Tempo é cavalo que galopa e nos arrasta na garupa em direção à meta que vemos aproximar-se em crescendo descontrolado.

Teria o Zé os seus dezassete anos, quando, no mercado de sábado, os pais lhe compraram as botas: caras como o diabo! Cento e oitenta escudos batidos, depois de uma discussão com o

feirante que rendeu vinte mil reis, arrancados a turquês. Elegantes, bonitas, fortes: prometendo. Ao António Jorge, fizeram lembrar as que manufaturara para o Ti Afonso Sameira... nunca se iria esquecer dos parabéns francos do homem!

No domingo da estreia, o Zé achava-se rico, e não parava de as olhar, sobranceiro; eram de cano alto, biqueira aguçada com elegância, tacão levemente alteado... o rapaz não pensou noutra coisa a cada hora, e imaginou que toda a gente da vila pacata lhe remirava os pés. Que dia!

Depois veio o hábito, e as botas foram calcorreando caminhos menos lisos, tratadas menos cerimoniosamente e, com os tempos...

(ai, o Tempo!)

... começaram a clamar por solas novas... uma vez e outra... e, um dia, o Zé decretou que estavam fora de moda e velhas. Ele fazia vida em Lisboa, e já não ficava bem andar enfiado

naquilo, em terra fina. Ficariam para a "tiradela" das batatas...

* * *

(o Tempo também faz milagres)

O Zé viu, com surpresa, umas botas iguaizinhas às suas, calçadas com elegância, em plena Baixa lisboeta, e lembrou, saudoso, que as velhas botas, ofendidas de tanta desconsideração, continuavam lá, em Manteigas, sujas da terra das Quartelas.

«E se o meu pai fosse ainda capaz de as compor???»

Encheu-se de coragem, e lá foi uma carta anunciando o pedido simples, mas envolto em reticências, carregadas de dúvidas:

(«Se tiverem recuperação... se o pai tiver um pouco de tempo... se não der muito incómodo

procurá-las... devem estar por aí na loja... se vir que ainda é capaz... eu pagava o material, se os canos ainda se aproveitassem... se... se...»)

O pai, como ele receava, não deu troco às questões na carta de resposta, e o citadino deitou-se a adivinhar o pensamento do progenitor, que sempre usara a agricultura com gosto muito íntimo. *(«Pois se as botas eram boas, passados tantos anos, porque é que o fidalgo as tinha abandonado, para a agricultura?! Um braço de trabalho daqueles, que, para ajudar a tirar um cesto de batatas, uma vez por ano, tinha de usar botas de cano alto para a terra não lhe sujar os pés, e embrulhar as mãos em lenços velhos de assoar, para a enxada não lhe fazer bolhas nas mãozinhas de prior...»).* É claro que o Zé nunca mais se atreveu a apontar sequer para o assunto.

O Natal seguinte foi o Zé passá-lo com os pais. Sem aviso, como habitualmente, foi

preparando a surpresa: entrou, subiu cada degrau dos dois lanços de escadas, pé ante pé, e, já no andar de cima da casa, disfarçando os passos com os ruídos da cozinha, onde a mãe preparava o almoço, enquanto cantava janeiras antigas, introduziu-se no quarto e pousou o malote de viagem. Só depois, já de porta encostada, levantou os olhos. Pela telha de vidro, entrava um largo traço de sol na direção da mesinha-de-cabeceira, onde as botas se aprumavam, lado a lado, orgulhosas da sua cara nova, perfeitas a não poder mais... dignas da montra longínqua do senhor Miguel Esteves.

Aproximou-se, num misto de espanto, respeito e alegria, quase infantis, contemplando com embevecimento aquela dádiva de amor, mais que de trabalho.

«Lindas!», sussurrou, juntando as mãos.

Sobre os canos, a uni-las, estava um cartãozito branco que leu, turvado por duas lágrima: *(«Prenda do Menino Jesus - Pai e Mãe»).*

(Veja Notas Coloquiais na página 348)

Notas Coloquiais

... de ÁGUA

Um conto é sempre uma invenção de palavras, mais ou menos bem engendradas, ainda que busque enraizar-se no húmus fértil da história.

Assim acontece com este alinhamento de episódios: são inventados...

(e como tal devem ser entendidos)

... embora assentem em acontecimentos dramáticos, passados na vila de Manteigas.

> Para identidade dos personagens, ora usei nomes reais, ora inventados: criteriosamente. Se, reais, nada mais pretendo que homenagear pessoas que habitam, com saudade e carinho, no meu álbum de memórias afetivas, de tempos em que fui criança ou jovem. Para os vilões, inventei nomes, poupando-me a labores intelectuais, limitando-me a usar o que a experiência de vida me atirou para o estro imaginativo.

> Manteigas teve quelhas e becos, de que a maior parte dos meus conterrâneos não faz ideia; nem falo do casario, remetendo para escritores que o descreveram melhor do que eu poderia. Ora, ao começar a história, necessitei precisamente de uma quelha, e lembrei-me das ruelas da Ilha do Faial...

(quase aposto que há jovens hodiernos, mais dados a rodas que a pernas, que nunca lá botaram pé.)

... Meti lá meu bisavô, e pu-lo a levar com a bacia de água com que eu, de facto, fui encharcado, corria já a primeira parte da década de 1960... verdade!

> Conforme testemunham ainda fotos antigas...

(veja-se, por exemplo:

http://manteigasemimagens.blogspot.pt, ou http://old-postcards.blogspot.pt, ou espólios fotográficos de A. Oneto ou ainda de João Cleto Leitão, João Merrinha, para amigos e conhecidos)

... ao tempo do primeiro episódio, a Igreja de Santa Maria tinha apenas uma torre de pedra bruta, com passagem para o relógio, estreitíssima e perigosa para andanças. Sobrinho-neto de sacristão, subi-a uma vez, sentindo o coração a palpitar acima do seu lugar, enquanto a atividade cerebral se transferia para o extremo oposto do

tronco. Sobrevivi eu ao susto objetivo, ampliado pela imaginação inexperiente, e sobrevive a torre, que continua a clamar simetria com a nova que lhe ofereceram.

> Pendil, ao pé dos Mortórios, é um barrocal fundo e declivoso, onde os homens tentaram arranhar leiras...

(quando há fome não há ruim pão... nem terra)

... que ajudassem a saciar panelas e amassadeiras. Herdeiro, pelo menos de meu bisavô Jorge, lá me calharam em sorte duas nesgas, do tamanho de meios quartos minguantes, quase ao fundo da ladeira. Local excelente para descansar de ruídos e bulícios...

(se não fossem as silvas, urtigas, pedras e galhos secos e afilados; por estas e outras razões as doei já a antigo colega de escola… que os meus ancestrais me perdoem)

... ou desenterrar uma panela com ouro e pedras preciosas, no sonho inglório de que algum mouro desesperado ali tenha procurado abrigo escuso, a fugir de...

(pouco)

... cristãos.

> Para leitor estranho à Terra, deixo informação do que são os termos Macarroncos, Chavecos e Sameirentos. Não passam de mimos...

(as próprias palavras exsudam doçura)

... com que os fregueses de São Pedro acicatavam os "de cima"; os de Santa Maria ripostavam aos "de baixo", e ambos atiravam aos da aldeia próxima, de Sameiro. A estes, já sem ódio que o desprezo arrogante substituía.

A porta da muralha de confronto foi-se estabelecendo no Passadiço, onde houve mesmo sangue a pintalgar a calçada. Os centros do

bairrismo falavam grosso no Eirô e em Fundevila. As duas associações musicais, Banda Boa União e Filarmónica Popular Manteiguense, eram alfobre dos desaguisados, desafios, afrontas e petulâncias. Vivem e convivem hoje, na certeza de que uma é sempre melhor que a outra e vice-versa. A caminho do segundo centenário, mostram vitalidade e qualidade a que não será estranho o despique desde o batismo.

> À história da Banda estão ligados nomes de alguns personagens deste conto: Jorge, Adelino e António, meus antecessores na arte de viver. Curioso, por ser raro, é que, para além das alcunhas que cada um foi granjeando, seguindo a fatalidade da terra, quer o filho, quer o neto, eram conhecidos por "Jorge", em apêndice ao nome próprio.

Também um Covão...

(um "paraíso perdido", aquele covão!)

... para o lado das Penhas Douradas, herdou o nome do Jorge, caçador que por ali deambulava, quando não estava a consertar botifarras, tamancos e sapatos, rotos, cambados ou descosidos, num tugúrio que chamava oficina.

Já não herdei o nome-alcunha Jorge, o que não impediu que viesse integrar-se, na minha lista de bens, a machadita que passeava debaixo do braço de meu bisavô, a caminho do Largo do Chafariz. Exilada para terras de Sintra, dorme, venerada mas dolente, esquecida de antigos assomos, em arrecadação perto do céu.

> Campainhas de gado foram sinónimo de Aleluia nas igrejas da vila, durante muitos anos. Havia séculos que os pastores tinham experienciado a alegria simples, induzida pelo som das campânulas, mesmo dos chocalhos, refletido nos fraguedos da serra. Associar essa alegria da alma, ao júbilo da ressurreição de

Jesus, foi tão simples como olhos que brilham quando se está feliz. Assim, ao descerrar dos panais negros e opacos que tapavam os altares e janelas, mergulhando os templos no escuro penitencial da quaresma, e à aclamação...

(«Já ressuscitou como disse! Aleluia!»)

... as paredes e tetos estremeciam com o som de centenares de campainhas tilintantes, e chocalhos de tom grave, num extravasar de sentimentos de euforia e comunhão real, que, saindo das trevas, elevava ao céu.

Assim foi, até que um vigário birrento...

(omitem-se outros dons)

... posterior a esta história, proibiu esta forma "indecorosa" que os homens tinham escolhido para se aproximar de Deus. Agora, nem campainhas e quase nem homens aparecem no templo, para festejar o mistério do ressurgir da morte.

PS- Na última páscoa, dei conta de que "ressuscitaram" as campainhas. Alegrei-me por isso, mas não consegui conter a pena de que os homens escasseiem para as tocar, e os pastores que as inspiraram tenham quase desparecido.

> O Ribeiro da Vila é hoje um passeio pedestre feliz, que apetece acariciar com os movimentos dos pés, o escutar dos ouvidos e o vaguear dos olhos. O empedrado certo convida, o marulhar das águas ensaia melodias sem fim, e os tons de verde, a predominar entre o multicolorido de origens várias, acalmam e pacificam.

Esta descrição não tem obviamente nada a ver com as referências nauseabundas que aparecem no texto; a verdade...

(é importuna, às vezes, a verdade)

... é que não há ainda muitas décadas que o ditoso Ribeiro era uma cloaca pública, a céu

aberto, alternando com pequenos édenes, onde as donas de casa e as criadas de outras moradias lavavam as roupas familiares e domésticas.

O que chamamos hoje casas de banho era luxo; latrinas, em casa, eram raridade... e a humanidade não tinha caraterísticas angélicas, necessitando fazer o que sempre tinha feito, e provavelmente necessitará nos tempos que virão. Assim sendo!..

Valeria outra história descrever a função social do Ribeiro e dos regos que corriam ao longo da vila, à procura das hortas sequiosas, para além do que ficou implícito: partilha de informação social, espaço lúdico para a garotada, estudos de fauna e flora, recanto privilegiado para ludibriar o recato público...

Apenas mais um episódio

(prometo que só conto um).

1962, talvez. Vindo do colégio, lá para os fundos de São Domingos, chego ao Eirô, a casa de meus avós, ali na Travessa Gomes de Abreu; entro aflito, dirijo-me ao balde de latão, colocado no canto da sala, à direita, mesmo por debaixo da torneira, retiro a bacia de esmalte azul que o tapava, e clamo: «Avó, tenho de fazer cocó». Estou a vê-la, de lenço escuro na cabeça, a emoldurar o rosto entre severo e trocista-risonho, a cruzar os braços de forma ostensiva frente à blusa, acima do saiote protegido pelo eterno avental às riscas cinzentas e brancas, e disparar: «É que está aqui um homem, que me vem da rua cagar a casa!!!»

E tinha razão: era, de facto, dupla tarefa, porque alguém teria de levar o balde em passeio noturno até ao Ribeiro, que, humilde, se encarregava de ir empurrando o conteúdo para o

Zêzere, que o entregaria ao Tejo, ali por Constança, para o vir desaguar em Lisboa.

Talvez, subconscientemente, tenha vindo habitar para estas bandas, para poupar tanto incómodo à Natureza.

> Pergunto-me se alguém que tenha nascido depois do Euro, em 1999, irá ler estas notas. Pelo sim, pelo não, e também por causa dos citadinos, menos afeitos à terminologia que a tradição legava, deixo algumas explicações sobre designação monetária contida no texto.

Setenta mil réis era a designação manteiguense, comum, de setenta escudos...

(ainda com garantia republicana "vale ouro")

... traduzidos atualmente por trinta e cinco cêntimos. Acreditem, jovens, ou não, era muito dinheiro para as bolsas comuns, naquele tempo, na vila serrana.

Sete e quinhentos...

(pouco mais de três cêntimos)

... eram sete escudos e cinquenta centavos, que havia dificuldade em pagar mensalmente.

Podíamos ainda referir sete com um tostão...

(tostão, com que D. Sebastião já comprava queijadas, nas correrias a Sintra)

... para dizer sete escudos e dez centavos. Ou um cruzado, para designar quatro tostões ou quarenta centavos...

(o cêntimo modesto é equivalente a cinco cruzados!)

Era comum chamar dez tostões a um escudo, a unidade monetária. Para mil escudos...

(cinco euros)

(quase uma história de ficção para a maioria das pessoas; quem sabe se também por isso)

... a designação era um conto de reis.

> Permitam-me considerações breves sobre alguns personagens em particular, referidos, nalguns casos, de modo discretíssimo:

- Padre Joaquim Dias Parente, pároco de Santa Maria de Manteigas. Figura proeminente que ultrapassou a fronteira da terra e do país. Autor de cânticos que correram mundo, como é o caso de *Santos Anjos e Arcanjos*...

(embora sem qualidade sonora ou interpretativa, pode ver http://canticossagrados-jefth.blogspot.pt/2011/04/santos-anjos-e-arcanjos.html)

... ou *Ó Anjos Cantai Comigo*. Músico de excelência, na composição, regência e execução.

Badaladas foram as suas buscas às tabernas da freguesia, em missão denodada de salvar almas. Entrava sem alarde, avaliava quais os paroquianos já avinhados e, sem cerimónia, ia de um a um: «Não tens vergonha, tu aqui nesse

estado, a gastares o pouco que tens, e a tua mulher e filhos, em casa, a passarem mal?! Toca a andar já à minha frente». Raros se atreviam a remoques, mas iam da mesma, vergados à autoridade e à vergonha... até à próxima, porque a miséria é mesmo assim.

Curiosidade literária: aparece sob o nome de Padre Barradas, em *A Lã e a Neve*, de Ferreira de Castro.

Sobre ele se escreveu já vasta obra. Deixo como referências:

 # "PADRE JOAQUIM DIAS PARENTE - O HOMEM. A OBRA. A MISSÃO. A MENSAGEM - NOS 50 ANOS DA SUA MORTE". Autor e Coordenador: Dr. Manuel Ferreira da Silva. Edição: Paróquia de Santa Maria - Manteigas - 2007.

 # "Pe. Joaquim Dias Parente e a sua obra musical - I - Percurso II - Obras escolhidas".

Autor do Estudo e Compilação: José Joaquim Pinto Geada. Edição: Igreja Paroquial de Santa Maria - Manteigas - 2010.

 # "Banda Boa União - 'Música Velha' - 1865 - 2005 - 140 Anos - Padre Joaquim Dias Parente - Autor do Hino - 10º Regente".

 # "Memória do Padre Joaquim Dias Parente - Outras Memórias... Vivências...". Autor e Editor: Padre João Saraiva André - 2005.

- Maria do Rosário Parente, irmã e governanta do Padre Parente. Também ela é personagem de *A Lã e a Neve*, sob o nome de senhora Alice.

- Padre José Baylão Pinheiro, pároco de São Pedro de Manteigas. Homem culto e viajante que sabia aproximar-se do povo, a quem deixou saudade. Veja-se a monografia *"Pe. JOSÉ BAILÃO PINHEIRO - PASTOR EXEMPLAR - Evocação nos 50 anos do seu falecimento".*

Autores: Vários. Edição: Comissão Fabriqueira de S. Pedro de Manteigas - 2002.

- Bernardo Marcos Leitão, sacristão de Santa Maria. Artista genuíno, dedicou-se, de alma e coração, ao teatro, ao folclore coreografado, ao desenho e pintura. Ficou pelo caminho a investigação fotográfica e a invenção de um motor. Admirado pela família nobre da terra, foi instado a fazer estudos, às suas custas. Porque o pai o considerou indispensável para a ajuda do sustento da família, teve de confinar-se aos horizontes de Manteigas. Talentos reconhecidos pelo padre Parente, tornou-se seu amigo do peito, colaborador indispensável, braço direito disponível. Tem nome em placa de rua, mesmo junto ao Largo Padre Joaquim Dias Parente. Justamente.

- João Martins Eugénio, sacristão de São Pedro. Homem de confiança do Padre José.

Tronco de família de artistas dedicados à música, canto, artes manuais e literárias. Afável e humano. Aparece discretamente no texto, em companhia do seu "concorrente de cima", referidos em: "Eu falava com o João...»

«E eu falo com o Bernardo; eles tomam conta das coisas."

> Se eu fosse meu pai, deixar-lhes-ia o problema de lerem uma pauta com a música da canção popular, *Senhora Câmbra...* Como não sou capaz das suas artes, convido-os a visitar *htpps://youtu.be/jzre7xtQ4rY*

> As Fontes mereciam, em Manteigas, um roteiro documentado; acompanharíamos, por exemplo, o fontanário que, do Largo do Rossio (do centro da vila), peregrinou pela Praça da Louça, encostado à Casa das Obras, antes de fincar pé ao cimo da Rua do Eirô; veríamos as que persistiram, as que descambaram, as que se

alindaram; e, por exemplo, a Fonte dos Namorados que reagiu...

(louca como os namorados costumam ser)

... à boa vontade louvável de a tornar mais bela, fazendo sumir a água de onde os humanos a queriam dignificar.

Ter-se-á arrependido e esperará, amuada, uma nova tentativa mais judiciosa?

PS – Arrependeu-se: está hoje linda e aconchegante. Desta vez não se espaventou contra a mão diligente que a cuidou.

Mas que Água e suas Fontes mereciam ser um símbolo de Manteigas, mereciam.

... de O SENHOR DE PERA E BIGODE

Esta história, retocada embora pelo sabor imaginativo, dizem que é verdadeira. Escrevi-a em homenagem ao Cão da Serra, ao Pastor de Manteigas, e às qualidades...

(esqueçamos os defeitos)

... do Senhor de pera e bigode.

Poderia tê-la fechado com uma verdade histórica, mas preferi guardá-la para abrir estas anotações; em nome da justiça, entrego-lha: … e, vá lá saber-se porquê, Afonso Costa mandou edificar em Manteigas um hospital amplo,

granítico e bem delineado, acudindo a necessidades vitais da população perdida entre as serranias. É verdade também que não adivinhou que, anos mais tarde, eram irmãs religiosas que se encarregavam do apoio caridoso aos doentes; enfim: manigâncias da História!

Se o eventual leitor é também viajante culto, permita-me que lhe fale resumidamente dos sítios e dos personagens reais que a viveram; em local próprio, encontrará expressões regionais que possam suscitar mais dúvida ou curiosidade.

> Casa da Fraga - Construída por Alfredo César Henriques, a 1475 metros de altitude, longe da sua Santarém. Porquê?

A morte deu-lhe conta que intentava levá-lo cedo, metendo-lhe uma tuberculose no corpo.

Entre vergar-se e lutar, optou por tentar viver.

Na demanda, encontrou o doutor Sousa Martins.

Medicamentos não suportavam esperança sólida, mas ar purificado, de altitude... estudos e experiências prometiam boas hipóteses. E o médico foi adiantando que ele próprio estava empenhadíssimo em provar a solidez da teoria na Serra da Estrela... o pior era a falta de meios.

«Se o problema é esse... o senhor doutor acompanha-me na parte técnica?»

«Mas o senhor César Henriques quer mesmo avançar?!»

«Não que não quero!»

Procurou-se o lugar ideal e encontrou-se: Penhas Douradas.

Escolheu-se o fraguedo certo que servisse a ideia: ali mesmo, na confluência da estrada com o atalho, suficientemente perto, mas bastante

afastado das casas de veraneio que já por ali havia.

Convinha ter o mínimo de conforto e recantos, onde os micróbios pudessem querer instalar-se: mais simples era.

Pedreiros de Manteigas esmeraram-se, e a obra final traduziu o sonho.

O doente ali viveu o tempo necessário, sob os conselhos tutelares do médico sábio, e curou-se.

A construção, ainda bem visível...

(apesar de delapidada por mãos ladras)

... merece agora uma visita. Venha.

> Casa das Gadanhas - designação popular, local, do Observatório Meteorológico das Penhas Douradas. A "alcunha" teve origem nos *moulinettes* com três braços, em forma de conchas de sopa, que permitem fazer medições do vento.

O Observatório foi instituído e organizado por João Carlos de Brito Capelo, português ilustre, filho do governador do Castelo de Palmela, Félix António Gomes Capelo que foi pai, também, de Hermenegildo Capelo, explorador dos territórios de África entre Angola e Moçambique, e ainda de mais quatro filhos, dois dos quais se distinguiram também. Muitos manteiguenses conheceram, e recordam ainda, a professora dedicada e exigente, Ida Capelo, filha de João Carlos.

Neste edifício torreado, como castelo antigo, vivi as férias de seis anos juvenis, tantos quantos meu pai desempenhou funções de meteorologista. Curiosamente, sem uma simples constipação; nem ele, nem minha mãe: o doutor Sousa Martins tinha razão.

> Regimento da Covilhã - Infantaria 21 esteve aquartelado no edifício onde funciona atualmente o Museu de Lanifícios e a UBI.

Fosse por influências sindicalistas e anarquistas, predominantes em cidade de forte implantação industrial, fosse por empurrão do partido de Brito Camacho, oposição, na altura, em 22 de abril de 1916, duas companhias rebelaram-se, recusando seguir para Tancos, onde se planeava instruir o que seria o Corpo Expedicionário Português.

O general Tamagnini, disciplinador e fidelíssimo à república, rodeado de um pequeno "estado-maior", à cabeça do Regimento de Infantaria 16, conseguiu submeter os insurretos, que desarmou, e fez seguir para o campo de manobras militares, onde, afinal, as armas disponíveis não chegavam para todos os homens mobilizados.

> Afonso Costa - Não vou escrever sobre o personagem. A história dos vencedores, as enciclopédias e a internet prestarão melhor serviço, do que eu, ao leitor que pretenda saber mais sobre este político da primeira república.

Vou deixar apenas alguns apontamentos que, talvez, esses meios não refiram.

- Li, há muitos anos já, no Dicionário Excêntrico, de Amadeu Ferreira d'Almeida, uma quadra mesclada que cito de cor, atribuída ao republicano famoso, e escrita a certa *madame*, quando viveu em França:

Suivez-moi dans mon village,
(Siga-me para a minha terra,)
Je vous dirai coisas meigas.
(Dir-lhe-ei coisas meigas.)
La vie, lá bas, c'est fromage!
(A vida, lá em baixo, é queijo!)
Fromage... não, c'est Manteigas...

(Queijo... não, é Manteigas...)

- Em tempos de anticlericalismo e anti-muitas-outras-coisas, em fim de jantar formal que encerrava reunião de estado com representantes da igreja católica...

(zurzidos e vexados, a mais não poder, pelo paladino do governo)

... Afonso Costa, com o ego a sobrevoar os cumes da Estrela, e o estômago a abarrotar de iguarias apreciadas, encostou-se para trás, refestelando-se na cadeira, e exclamou, enquanto dava palmadinhas na pancinha proeminente:

«Comi que nem um abade!»

O comensal, no lugar à sua frente, de batina negra, cabeção e olhar severos, replicou, pronto e corrosivo:

«Vossa Excelência comeu foi como uma besta, porque abade sou eu, e não comi nem metade do que o senhor enfardou.»

Sei como acabou a história... e o leitor também.

- Duas construções mantêm ainda o nome do "senhor de pera e bigode" ligado às Penhas Douradas: a Villa Alzira, que já referi, e um edifício de linhas direitas, em zona mais plana e de acesso fácil, até hoje designado iniludivelmente por "Garagem do Afonso Costa"... à espera da sua visita, em passeio salutar.

> Luís Saragoça, de sobre-alcunha o "Viva a Ré", era trigueiro, republicano, adepto de "tintol", e tio de minha avó.

Desde rapaz moço, o moreno da pele lhe granjeara...

(sem esforço)

... o aditivo que designa o tecido grosseiro das terras duras de Aragão.

Dera-lhe o coração, ainda novo, para se sentir republicano...

(mais pelo que não queria da monarquia, que pelo engodo do que lhe prometia a república)

... em terra em que o povo era desconfiado e avesso a mudanças; devia sentir-se sozinho e incompreendido, coitado, porque a meia dúzia de progressistas iluminados do burgo era gente de outra laia. Assim, desforrava-se quando, perdido o medo, escudado por um bom tinto de adega escusa, disparava para o escuro das ruas tortuosas a exclamação clandestina...

(que lhe valeria o segundo epíteto)

... "viva a ré"!

Naquelas circunstâncias, a jaculatória nunca servira de afronta aos leais súbditos de el-rei, que atribuíam o grito apaixonado e convicto às propriedades desconcertantes da uva fermentada.

Se o desabafo era em família, então, tudo acabava em risada coletiva, com referências...

(sempre as mesmas)

... aos *«milagres do "gravinez"»*, *«arranja uma mulher de jeito e casa-te, mas é, para ver se tomas juízo»*, *«vê lá se a ronda te ouve e te enfia na cadeia»*.

Morreu sóbrio, solteiro e livre... até das panaceias com que endeusara a república.

> Marcos (Manuel Marcos Leitão) foi sacristão da igreja de Santa Maria, em tempo de desmandos da república revolucionária, tendo acolitado ainda o Padre Joaquim Dias Parente, a quem me refiro noutro contexto.

Herdou o cargo do pai, que o recebera do padrinho de batismo; transmitiu-o, por sua vez, ao seu filho Bernardo, que o entregou ao sobrinho José, que o deixou ao seu filho Bernardo. Todos de apelido Marcos. A dinastia

foi cerceada, antes do tempo certo, pela cegueira da morte.

É verdadeira a história da ocultação do cálice de ouro e outras preciosidades pertencentes à paróquia, em parede tosca atrás da pilheira, na casa modesta do sacristão...

(onde vivi seis anos)

... no Eirô. Merece história própria; talvez, um dia... talvez, porque sou bisneto de Manuel Marcos... embora ele não tivesse sabido, nunca, que iria ser meu bisavô, e lhe iria desvendar o segredo tão religiosamente guardado.

> "senhores das Obras e da Quinta" - famílias nobres com possessões em Manteigas. Deles se dizia que tinham matado a fome a famílias em desespero. Ainda conheci alguns descendentes dos "Portugal" e particularmente a Senhora Dona Maria, da Quinta de São Fernando.

A Quinta continua a sua vida, pelas mãos de outras pessoas.

A Casa das Obras...

(solar que levou muito tempo a concluir... daí o nome)

... foi reabilitada e funciona como turismo de habitação. É dos edifícios mais notáveis da vila.

> Sousa Martins (José Tomás de) foi médico insigne e professor catedrático, que viveu entre 1843 e 1897.

Entusiasmado pelo êxito conseguido na cura de César Henriques, desenvolveu todos os esforços possíveis no sentido de transformar a Casa da Fraga no embrião do primeiro sanatório de montanha, em Portugal. Os poderes, ontem como sempre, pendem para o lado dos apaniguados, independentemente da ciência e da objetividade da razão. Neste caso...

(do mal o menos)

... conseguiu o clínico dedicado que o sanatório fosse erguido na cidade da Guarda.

O país ergueu-lhe estátua em Lisboa. Merecidamente.

Nota curiosa é que, inspirados pela sua bondade e fama de intercessor correto junto de Deus, muitos espíritas veneram permanentemente a sua memória.

... de “QUEM BEM FAZ, PARA SI FAZ”

EM GRATIDÃO

- Às pessoas mais bondosas que tenho encontrado na passagem pela Terra, personificadas no homem de bem que foi o meu avô materno, Manuel de Jesus Ramos Leitão.

- Aos que, forçados à guerra, dela souberam colher amor, convertido em bem-fazer.

São terras afortunadas as que têm tradição e cultura; não a tradição que, como alguém definiu com excelência, se transforma numa *ditadura*

dos que morreram, sobre aqueles que estão vivos, mas a que naturalmente toma raízes na alma comum de um povo, com a sua perenidade imanente.

É...

(que continue, ou que volte a ser)

... o caso de Manteigas.

Cada um de nós é responsável pela sua guarda.

Esta lenda...

(ou história)

... é uma das riquezas do seu património, que eu descrevi como fui capaz.

> O Hino da Imaculada Conceição é um cântico religioso, capaz de despertar emoções elevadas a pedras da calçada. Quem, alguma vez, tenha estado na Igreja de Santa Maria, participando no encerramento das novenas a Nossa Senhora, recordará certamente o arrepio,

qual carícia sublime, quando homens e mulheres, novos e velhos, que enchiam o templo do coro ao altar-mor, começavam o refrão...

(Ó formosa rainha dos céus,

Esperança dos pobres mortais...)

... com entonação vibrante.

Parecia que o céu nos caía em cima, esquecendo que éramos nós que ascendíamos até ele. Há momentos na nossa vida, religiosos ou não, que parecem elevar-nos ao sentimento de ligação a Deus; creio que, nalguns desses, o senti. Daí, a saudade.

Disseram-me que, anualmente, se mantém a tradição deste cântico; assim sendo, ponha em causa o que acabo de lhe dizer: venha à igreja de Santa Maria de Manteigas no dia 8 de dezembro; deixe os preconceitos antes da porta, e entre confiante; mergulhe no templo e caminhe para dentro de si; se o espaço não estiver a abarrotar

de pessoas e de fé, imagine-o assim, para se transportar aos anos da minha juventude. Quando chegar o momento, escute com os ouvidos, e junte-lhe o seu eco interior. Solte as emoções: chega de reprimir-se.

Que tal? Gostou da experiência?

O Hino é obra do Padre Joaquim Dias Parente, referido já noutro contexto. Se não puder mesmo vir beber à fonte, poderá o leitor contentar-se em aceder à letra e à pauta musical, nas páginas 198 a 201 da obra: *"Pe. Joaquim Dias Parente e a sua obra musical - I - Percurso II - Obras escolhidas".* Autor do Estudo e Compilação: José Joaquim Pinto Geada. Edição: Igreja Paroquial de Santa Maria - Manteigas - 2010.

Se não souber ler música, deixo-lhe, via internet, amostra possível, como foto desfocada de pessoa distante e querida:

https://www.youtube.com/watch?v=nsvWlghTUHU

> As “obras de misericórdia” ...

(7 corporais e 7 espirituais)

... são um repositório de atitudes altruístas que o catecismo católico aconselha ao Homem. Sem qualquer intento proselítico, que bom seria que os mundanais...

(e os que o não são)

... fizessem delas prática corrente!

Não! Não lhe deixo a lista, para lhe espevitar a curiosidade.

... de VIRIL, ALTO

Quem conta um conto…

Quem conta um conto não tem obrigação de seguir o trilho da história, como se fosse a única realidade possível.

Mesmo os que mandam nas nações manipulam os seus heróis, como bonifrates empurrados para o serviço das teorias e modas de momento; e, a esses, competiria serem rigorosos e respeitadores no que concerne à verdade dos factos.

Se é assim, quem me lapidará se, levado pelo amor à minha Terra e à minha Serra, me apropriei de Viriato, o meti a viver num casebre, na Castanheira, Covão da Ponte, ali mesmo na margem esquerda do Mondego, lhe organizei o culto fúnebre, no lado oposto do rio, em local aprazível, lhe dei honras de estratega eleito, nas clareiras livres do Covão do Jorge, e o deixei pelejar, com denodo implacável, no plaino de Campo Romão, onde ainda hoje se referencia a Fraga da Batalha?

E não me perdoariam uma pequena ara a Endovélico, divindade autóctone, no montículo onde se ergue a capela à Senhora do Carmo?

Afoitando-me a estragar o romantismo brioso do conto heróico, mandou-me a consciência que deixasse, aos mais exigentes, algumas pinceladas da verdade possível, mas sem pretensões de exaustão do tema, ou tentação de exuberância;

certamente, angústia de velho, porque não tive esse prurido quando tracei a história simples, vai para vinte e cinco anos.

> Mal estaria, de facto, a liberdade lusitana, se, em tempos de Viriato, já os Romanos se atrevessem a afrontar o Monte Hermínio, um dos últimos redutos da resistência à *pax romana*, imposta pelos ferros dos pilos. Provavelmente, só cerca de trinta anos depois da morte violenta do herói lusitano, os legionários de Roma se terão atrevido a afoitar-se pelas serranias agrestes, defendidas por homens bravos e obstáculos altaneiros.

> Aparece escrito que terá nascido em Lobriga, (Loriga), cento e oitenta anos antes de Jesus Cristo ter vindo a dar azo ao início de uma nova referência na contagem do tempo. Possuía teres e haveres, em terras e gados; tomaria por mulher uma filha de Astoplas, homem rico da

Bética, planície longínqua regada pelo Guadalquivir, para lá do rio Anas, (Guadiana), e que se estendia até à Serra Morena. Malfadada ligação à mulher turdetana, porque o sogro era dado à aceitação da paz com Roma, o que lhe permitiria continuar rico, assim o esperava, sem as perturbações das pelejas e saques contínuos. O próprio Viriato parece que fazia a guerra, mas com o fito na tranquilidade honrosa. Vencedor, assinou tratados de paz respeitosa com Roma, garantindo a autonomia da Lusitânia. Do seu povo ganhou os epítetos de "salvador e benfeitor"; pelos que o combateram, foi nomeado "amigo do povo romano". Mas o orgulho voraz de Roma levou o senado a desrespeitar o pacto assinado, obrigando o nosso herói a pisar-lhe, de novo, a cerviz.

> Catolo "Clava" aparece na história como o subserviente meloso que trai, na primeira

oportunidade, ao ponto de assassinar a troco de uns denários. Conheci, de perto, uma criatura a quem corresponde a descrição: quis expô-la, nesta história, como referência pública desta forma abjeta de ser, mas, pelo que deixo clarificado… ele não poderia ter sido o assassino de Viriato: nem para isso teria fibra. A vileza coube a Audas, Ditalco e Minuros. Audas, irmão de sua mulher… malfadada ligação! O destino determina, porém, que nem sempre a traição é compensada: procurando, na capital do império, a recompensa da perfídia, Junius Brutus, que os aliciara por ordem de Serviliano Cipião, mandou-lhes recado *«Roma não paga a traidores»*, e, entendo eu, num sinal de respeito pela bravura e dignidade do chefe dos Lusitanos, atraiçoado por aqueles em quem mais confiara, mandou que fossem executados publicamente, sob o libelo da vileza.

> Também Legero e Marcossex são personagens de agora que transportei para a trama; homenageio, num, a bondade disponível, e noutro, a frontalidade justa.

> O conto faz de Viriato um notável quase privado da nossa terra. Tudo se passa aqui à volta, e até as armas são incandescidas nas forjas da terra das Manteigas e na sua Vargem do Crasto, e temperadas na torrente do Zêzere. Ora o herói cavalgou e calcorreou para muito mais longe. Em Viseu, tem estátua a reivindicar pertença; Zamora ergueu-lhe monumento inspirado, em que o proclama *terror romanorum*; já vimos que foi buscar mulher lá para sul, perto de Gades, (Cádis), entre os turdetanos; chegou a ser aclamado, também, chefe dos celtiberos e dos numantinos, já na Hispânia Citerior; na gesta das suas vitórias, fala-se da conquista de Segobriga, (Segóvia), nos domínios dos galaicos e dos

povos das Astúrias, e Toletum, (Toledo), capital da Carpetânia…

> Não vou escrever mais, porque apenas quis desnudar, um pouco, a verdade que o conto pode ter enroupado. Uma das angústias dos nossos tempos é haver tanta informação disponível, que nos oprime não termos tempo de vida que chegue para podermos aprender a conta justa do que ansiamos. Se o Leitor quiser, disporá de literatura variada e de qualidade diversa, sobre o tema.

Duas referências finais, para sentirmos que, afinal, Viriato e a Lusitânia fazem parte de nós. O nosso herói, provavelmente nascido em Loriga, como citei, pode ter sido assassinado quando se recolhia no Monte de Vénus, (Serra da Gardunha)… afinal não tão longe, assim, da nossa Castanheira. Além disso, a maior parte do território que foi definido como Lusitânia,

corresponde a muitíssimo do espaço do que é hoje a terra que Portugal chama sua.

> Correspondência atual de alguns nomes:

Bunili – Penafiel (Boelhe)

Caliábriga – Foz Côa

Danegia – Penafiel (Mozinho)

Eburóbris – Fundão

Igaedita – Idanha-a-Velha

Longóbriga – Mêda

Magnetum – Lousada

Munda – Mondego *

Ocelum – Ferro

Oppidana – Guarda

Osecarius – Zêzere

Talabara – Alpedrinha

Tritium – Covilhã

Vallecula – Valhelhas

Vissaium – Viseu

* Não resisto a desafiar o Leitor a analisar comigo o termo “Munda”, que designava o Rio Mondego.

Se lhe falar de “mundo”, pensará certamente nesta esfera enorme em que a raça humana se desenvolveu; mas se pronunciar “imundo”... *(contrário de mundo)*... associará aos conceitos de sujo, conspurcado, turvo de porcaria. Mas “mundo” também significa limpo, puro... então porque chamariam “Munda”... *(o conceito de rio era feminino, e ainda o é nalgumas línguas modernas)*... ao Mondego atual?

... de AS BOTAS DO ZÉ

Congeminei esta história na sequência de uma promessa feita a meu Pai, contornando, por afeto, um pilar orientador da minha vida: prometer apenas o que já tenho na mão, para cumprir.

Um conto...

(inventado, portanto)

... de gente real, e bebendo de histórias que traçaram rumos, iniciei-o, pela sua natureza e conteúdo, por uma Dedicatória:

"A todos os obreiros que ajudaram as gentes da minha terra a andar calçadas, mais ou menos decentemente. A meu Pai, que é para mim o melhor de todos."

Repito-a, recomposta, com particular empenhamento, porque nenhum dos homenageados a poderá reler já.

É facto que, à data da primeira versão que viu luz, os Antónios, da coleção da sapataria, eram ainda todos capazes de "deitar meias solas". A glutonaria do Tempo há muito lhes devorou a vida: aos Antónios e aos outros.

> As botas do Zé têm, à data de 2026, cinquenta e oito anos... são uma das verdades sólidas da teia inventiva… embora já com estatuto de peça museológica.

> Dos sapateiros referidos, tentei respeitar, sempre que a memória o permitiu, os nomes

porque eram conhecidos comummente. Alguns, com alcunhas...

(alcunhas em Manteigas???!!!)

... que não significam falta de consideração pessoal, mas antes afeto e saudade. Por ligação de amizade mais próxima ao "herói" da história, deixo breves curiosidades sobre alguns:

- João Ribeiro Marcos Leitão foi músico, compositor e mestre competente da Banda Boa União, seguindo o rasto notável do pai e do irmão mais velho, António e Manuel. Viveu o centenário da filarmónica, evento que mobilizou a vila, e congregou em Manteigas cerca de uma dezena de Bandas que, sob a sua regência, executou a Marcha do Centenário, de sua autoria, num espetáculo inolvidável pela grandiosidade e emoções experimentadas. Família de músicos notória...

(em Manteigas existe uma única família Marcos)

... eram, à data, membros da BBU, ainda o irmão José e vários primos. Há descendentes que lhe seguiram o fado.

- António Muxano foi amigo... e guarda-costas, por uma vez.

Aventurara-se António Jorge a andar de namoro com uma cachopa de São Pedro...

(tinha perigos arranjar conversada em freguesia alheia)

... e, acabada a última sessão de sussurros, afagos e promessas, já noite ensonada, pôs-se a subir da Rua de Santo António em direção a casa, lá para o Eirô.

Quem havia de aparecer a cortar-lhe o passo? O Luís Grande e um irmão dele, homens altos, sentindo-se capazes de pregar cagaço memorável num baixinho...

(embora teso)

... como o António, e, se calhasse, algo mais sólido que o susto.

«Então, Macarronco...

(designação com que os de São Pedro, Chavecos, mimavam os de Santa Maria)

... armado em "galaró", em galinheiro alheio! Hoje vais ver como tratamos os atrevidos como tu.», e começam a pisar-lhe as pegadas, como sombras, antegozando o arraial.

O "de cima" sentiu a alma engelhar-se-lhe, contraída dentro do corpo, e, sem palavra nem olhar, limitou-se a fazer de surdo, e a dar alguma pressa discreta ao passo, habitualmente rápido, de quem tem pernas curtas.

Os manos, chancada pausada, tendo a presa como segura, iam saboreando o prazer das ameaças, quase sopradas:

(«É hoje!» «Não te escapas!» «Então o Don Juan vai com pressa???» «Já andavas a pedir uma mão de ensino!»).

Já transposto o Passadiço, e cada vez mais desesperado que as jaculatórias se convertessem no primeiro empurrão provocatório, o perseguido dá com o amigo, a sair-lhe à esquina da Igreja da Misericórdia.

«Muxano, anda comigo!», segredou-lhe, enquanto sublinhava o apelo com um sacudir de cabeça.

O segundo António, depois de uma hesitação ligeira, colou-se-lhe ao flanco, movido pelo tom implorativo.

«Que é que se passa?», inquiriu no mesmo tom, baixo e conspirativo.

«Não olhes para trás, mas o Luís Grande e o irmão vêm mesmo aí a ameaçar-me de porrada.

Sozinho não me atrevia, mas agora, os dois, vamo-nos a eles?»

«Então espera; deixa-os vir cá mais para cima...»

Ao subirem as escadinhas, quase em frente da casa dos Granjas, o Jorge, quase a espirrar adrenalina pelos poros, insistiu:

«Aqui está escuro; esperamo-los e damos-lhes já?»

«Não, que está aí o posto da Guarda... deixa-os vir.»

Viraram à esquerda e seguiram na direção da ponte do Prata.

Uns passos atrás, e uns minutos antes, os irmãos, logo que deram conta do empecilho, questionaram-se em gestos de ombros:

(«E agora?!»)

Depois de medir os dois sapateiros que aparentavam continuar em fuga, Luís replicou, com uma sacudidela de cabeça:

(«Continuamos...»)

E lá foram na peugada, menos afoitos, mas determinados, provavelmente arrependidos de não terem dado dois murros no atrevido, logo que o tinham intercetado ainda em zona de Fundevila.

Os da frente chegavam agora à ponte, e diz o Muxano, ao ouvido do outro:

«É agora. Passamos para o outro lado, e quando os apanharmos a meio da ponte, corremos para eles e tentamos encostá-los, e, como são altos, baixamo-nos de surpresa, agarramos-lhes nas pernas e baldeamo-los para o ribeiro. Eu fico com o Luís.»

«Boa!»

Como num filme de cobóis, pararam “os de cima”, num extremo da ponte, do lado da Fraga da Cruz, e enfrentaram os perseguidores. “Os de baixo”, na outra entrada, do lado da vila, detiveram-se com surpresa. Mediram-se sob a luz frouxa e distante do candeeiro.

A única coisa que bulia, agora e ali, era a água a cantar por debaixo da ponte...

(muito mais estreita que atualmente e com guardas laterais de granito, relativamente baixas)

... que assistia imperturbável, e pronta para campo de refrega.

Como ninguém avançava, foi o António Jorge que se decidiu:

«Então! Venha lá essa mão de ensino!.. Agora o baile está mais equilibrado!»

(«Cabrões, que não avançam para o meio da ponte...»), pensou o Muxano.

Os outros olharam-se e, depois de um momento, foi a vez do Luís, sacudindo o dedo na frente da cara, em ameaça:

«Hoje arranjaste ama, mas da próxima que fores lá abaixo para namorar, armado em campeão, já sabes que mamas as de hoje e as da próxima.», e começaram a rodar à esquerda, descendo em direção à Rua dos Conqueiros.

«Cagarolas de merda!», desabafou o namorado notívago.

«Ficas avisado!», e continuaram em direção a São Pedro, olhando de lado.

«Que fazemos?», ainda questionou o Jorge, a clamar vingança.

«Deixa-os ir... vamos é beber um copo para festejar.»

E, já na adega, entre o esvoaçar de cocas de aranha penduradas dos caibros, com dois copos de tinto a borbulhar, desafiador:

«Às chavecas...»

«E aos macarroncos!» Brindaram com prazer, selando amizade que durou até ao fim da vida.

O atrevido do António ainda andou entretido por Fundevila...

(com sete olhos e precauções acrescidas, a prevenir maus encontros)

... mas acabou por levar ao altar uma rapariga sossegada do Eirô.

- António Gago foi um perseguido, durante muito tempo.

Perseguido???

Pela garotada. Eu explico. Tendo trocado as artes de sapateiro por junta de bois possantes e carroça coroada de varais, em altura de vindimas, era vê-lo passar, de vara na mão, conduzindo os animais dos terrenos das vinhas para as lojas nas ruas, mais ou menos apertadas, que serviam de lagares e adegas familiares.

Sossego era apenas até chegar à entrada da vila, porque, logo que caía sob o raio de visão dum catraio, começava a ladainha ininterrupta:

«Ó Ti Homem, dê-me lá um cacho... ó Ti Homem...»

«Vai mas é brincar para donde vieste...»

«Ande lá...pelas suas alminhas...»

O mal era ceder: aquele ia regalar-se, outro via e pedia um bago; contava a outro que também queria, e, quase por milagre, às tantas, eram mais garotos a perseguir António Gago, com a lengalenga chorona, que crianças a rodearam Jesus nos quadros representando o "Deixai Vir a Mim as Criancinhas".

Sempre que podiam, espreitando de forma rapinadora uma distração, o João do Basto ou o Tó Cãozinho...

(sempre os mesmos)

... saltavam como macacos, à carroça, deitavam a mão a um dos cestos, e surripiavam o cacho mais apetitoso que tinham fisgado, logo fugindo como centopeias apressadas.

«Ah, velhacos! Se vos apanho, levais uma varada que nem sabeis de que terra sois!»

Ainda me atrevi, raras vezes, a pedir com os olhos...

(apesar dos ralhos garantidos de minha Mãe e das ameaças mais severas de meu Pai: «Não tens uvas de fartura no Cimo da Vila e nas Forcadas?!»)

... e, filho de amigo, lá me saía a sorte grande... que os outros partilhavam.

«Isto é que se junta aqui uma canalha!», dizia o boieiro sorridente ao primeiro que passasse. E logo de seguida: «Vamos lá Mourisco!!! Anda lá Castanho!!!», e os bois, pacientes até ao limite, mirando de esguelha a garotada gulosa, lá

prosseguiam, vagarosos mas obstinados, cumprindo o destino das suas vidas.

- José Ambrósio, colega mais velho de António Jorge, na música e no ofício, em dia de ventura, desposara uma Conceição, senhora de delicadeza, bondade e educação discretas. Foram estes factos somados, no que a ambos diz respeito, que permitiram três pancadas em porta quase a dar para o Valazedo, pelo cair da noite, já depois de 1960.

«Quem é?»

«Sou o António. O seu marido está?»

«Foi ao senhor José Alexandre, mas suba que deve estar a chegar.»

«Não quero incomodar, senhora Conceição... posso vir mais tarde...»

«Não senhor! Suba!», e logo que o visitante chegou ao cimo das escadas: «É alguma coisa que eu possa ajudar, ou é assunto só com ele?»

«Bom... penso que é com os dois... e se ele não demora... a senhora tem passado bem?»

(«Como é que hei de começar?»)

«Bem, graças a Deus; e a senhora Teresa e os miúdos? Há já uns dias que os não vejo...»

«Vão bem... e é por causa dos miúdos que os venho incomodar.», e sem se deter com o ligeiro desenho interrogativo no rosto da interlocutora, continuou: «O Zé já fez o segundo ano no colégio, e com boas notas; vai para o terceiro. A Maria de Lurdes entra agora para o primeiro, e vai ser um sacrifício dos diabos, com as mensalidades e os livros...»

«É dinheiro...»

«Não senhora, não senhora! Se não pudéssemos, paciência: não se podia, não se podia! Mas estive a falar com a Teresa, e até foi ela quem se lembrou. O Zé é cuidadoso, e os livros que deixou dão para a garota estudar. Para

ele... como o seu Tó já acabou o quinto ano, pensámos que, se nos pudessem emprestar os livros, era uma ajuda muito grande que agradecíamos.», e depois de uma breve pausa, realçada com um encolher de ombros: «Era isto!»

Um ar de compreensão e bondade deu-lhe esperança que foi ouvindo confirmar-se:

«Penso que sim... não estou a ver inconveniente... mas olhe que os livros estão um bocado usados: alguns dão para os três anos do segundo ciclo, e, além do Tó, já as duas mais velhas estudaram por eles...»

«Isso eu resolvo; apesar de já não trabalhar no ofício, tenho boa cola de sapateiro, e não perdi o jeito de mãos. Deixo-os tão fortes como novos, e aguentam mais uns anos... sim, porque depois seguiriam para a miúda, se não se importassem.»

«Com certeza! Então ficamos assim: eu falo com o meu marido, que não se irá opor. É claro que temos de consultar o Tó, para vermos se ele ainda necessita dalguns deles. Em qualquer caso, se puder, passe cá depois de amanhã a esta hora, e já se vê o que se arranjou.»

«Deus lhe pague, senhora Conceição... espero mais um bocadinho para falar com o senhor José?»

«Se é por isto, não vale a pena; eu trato com ele.»

Despediram-se. António só deixou soltar as lágrimas no escuro do fundo da escada.

No dia seguinte, antes de Manuel Marcos pegar na batuta, para dar início ao ensaio da Banda, José Ambrósio sorriu para um dos músicos de trompete:

«Olá António! Não te esqueças de ir a minha casa amanhã: já lá está uma sacada de livros que dá meia carga de burro.»

«Não esqueço não. Muito bem haja, senhor José... agradeça também à senhora Conceição, por mim.»

Três pancadas, na estante do mestre, cortaram a conversa e abriram o espaço à música.

Não avalio hoje, mais de cinquenta anos passados, se José Ambrósio e Conceição eram mais ou menos pobres ou remediados que meus pais; tenho é uma certeza: pertencem ao grupo de pessoas com maior riqueza que encontrei na vida, e souberam fazer da grandeza da generosidade um ato simples e discreto.

Anos mais tarde, comprei livros iguais, também usados, em alfarrabista lisboeta: não imaginam como é gratificante olhá-los, recordar e saber agradecer!

- José da Fonte Santa, batizado José Alexandre, era pessoa querida em toda a vila. Em São Pedro, então, era reverenciado pelo seu amor público à Música Nova.

Fazia questão de estar presente em todos os funerais, pobres ou ricos, sempre disponível para carregar a cruz ou um dos círios cerimoniais.

Vivia do fornecimento de qualquer material que se imaginasse, a quantos sapateiros e remendões labutavam em Manteigas e arredores. Cordato, ninguém acreditava muito na firmeza sentenciosa de um letreiro que exibia na sua loja, a dar para a Estrada Nova:

[SE QUERES PERDER UM AMIGO,

VENDE-LHE FIADO]

O local da vila, onde nasceu, colou-se-lhe ao nome e à pessoa, e acompanhou-o até que se despediu da gente e das coisas.

> Alguns lugares citados, que merecem visita:

- Casa das Obras – Solar do século XVIII com interesse arquitetónico. A designação "das obras", deriva do tempo que levou a concluir. Funciona hoje como turismo de habitação.

- Igreja da Misericórdia – Acabada de construir quando eram os Filipes a arrecadar os impostos dos Portugueses. Coração da vila, terá sido o centro do núcleo inicial da povoação. Templo simples, desperta a sensibilidade por ser assim. Tem altares com imagens que merecem apreço artístico.

- Empresa – era a designação da companhia de transportes; as outras "empresas" não usavam essa designação, ou tinham de juntar-lhe termos que as especificassem.

Durante muitos anos, não se conseguia dissociar a Empresa, da Magirus. Este termo,

esquisito e sonante, era o primeiro nome de uma viatura de transporte coletivo, que mereceu honras de quase festa, quando foi adquirida pela Empresa; não imaginam a pequena multidão que se juntou à entrada da vila, à espera que chegasse! A beldade de seis rodas e focinho engraçado foi recebida com palmas, como entidade importante e "nossa". A partir daí, dos autocarros (*termo mais recente*) existentes, havia (*sua excelência*) a Magirus e as (*outras*) camionetas de passageiros.

Nas instalações da Empresa, funcionou uma oficina automóvel; depois, o município adquiriu o espaço para não se sabe ainda o quê.

Toponímia Informal da Terra e da Serra

- Campo Romão – Planalto que, deduzimos, tenha sido assenhoreado pelos Romanos. De acordo com a tradição, local de batalha notável com os Lusitanos. O sangue que a regou tornou o local, em tempos de paz, terra fértil de searas, tendo dado pão a muitas gerações, até meados do século XX. A recente ilusão de riqueza permitiu-lhe voltar a um pousio permanente e solitário. Alarga-se à vista, para leste da Pousada de São Lourenço.

- Carvalheira – Sítio a noroeste da vila, onde começa a área florestal da serra. Dizem que a calçada que a serpenteia é romana. Os meus pés, nas várias vezes que a subiram e desceram, não conseguiram confirmar ou desdizer.

- Castanheira – Local fértil irrigado pelo Mondego, jovem ainda. Casais de pastores permitem sonhar com tempos de outrora. Porque se chamará assim?

- Cimo da Vila – Zona no alto do Eirô.

- Covão da Ponte – Sítio a jusante da Castanheira...

(onde acaba um e começa o outro?)

... aprazível e convidativo... ideal para a morada de um herói histórico e lendário.

- Covão do Jorge – Pequeno vale, ainda na proximidade das Penhas Douradas. Não se deixe partir da Terra sem o percorrer, uma vez pelo menos; na zona mais densa e afastada do bulício,

deite-se no musgo; feche os olhos; respire fundo; escute-se; a Natureza fará o resto.

- Cruz das Jugadas - cruzamento perdido na serra, que nos pode encaminhar para a vila, para o planalto de Campo Romão, em direção às Penhas Douradas, para a Castanheira e Covão da Ponte, onde o Mondego se (nos) deleita, e para São Lourenço, ali mais perto.

- Eirô – Parte cimeira e antiga da vila; alma da freguesia de Santa Maria; origem de Horácio, personagem principal de *A Lã e a Neve*.

Preserva ainda pequenos recantos que conseguiram esconder-se da modernidade a todo o custo e de qualquer modo.

- Forcadas – Zona a nordeste de Manteigas, cheia de socalcos, aproveitados, palmo a palmo, para agricultura de subsistência. Recanto de castanheiros que resistiram aos tempos.

- Frade e Freira - formações graníticas ciclópicas que, de vários ângulos, aparentam um par de religiosos em oração; diria mesmo que, nalgumas perspetivas, parecem acompanhados de figuras menores que os imitam. Ameaçam esmagar quem observe de perto.

- Fraga da Batalha – Afloramento rochoso em pleno Campo Romão. Aqui se consumou história pura.

- Fraga da Cruz - experimente, devidamente acautelado com uma corda amarrada com firmeza, e vigiado por gente experiente, sentar-se junto à borda do cume que se agiganta para a vila. Nunca mais necessitará de experiências, agora chamadas, radicais: a adrenalina vai acelerar-lhe descompassadamente o coração, ampliando a grandeza da vista que, só por si, é formidável. Garanto que não esquecerá nunca.

- Fragão do Corvo - proeminência rochosa, sobranceira à vila de Manteigas, sobre a qual assenta um marco telemétrico; o varandim seguro, ali construído, permite desfrutar de uma paisagem imponente, talvez só ultrapassada pela da Fraga da Cruz, mais à direita.

Um pouco acima, em cabeço rodeado de tramazeiras e pinheiros, está implantada, ainda hoje, a Villa Alzira, casa de Afonso Costa nos termos serranos.

- Fundevila – Zona a sul, no extremo da Rua de Santo António. Coração da freguesia de São Pedro.

- Largo do Chafariz – Próximo da Igreja da Misericórdia, seria parte do núcleo inicial da povoação. Intervencionado, uma vez e outra, só o visitante pode dizer se ganhou ou perdeu com as alterações.

O seu nome oficial homenageia o Dr. João Isabel, homem de excelência nos domínios humanos e culturais, com obra relevante publicada. Sobre ele ouvi, em confidência: *«Se alguém no mundo merecia ser canonizado, era ele.»*

- Mortórios – Encosta íngreme e pedregosa que, do lado direito de Pendil, se eleva a São Lourenço.

- Passadiço – pequeno, estreito e sombrio túnel, que dá passagem entre as duas freguesias que partilham a vila... com um historial comum a todas as fronteiras convencionadas no mundo.

- Pendil, Pandil ou Pendilhe é um barrocal fundo e declivoso, onde os homens tentaram arranhar leiras. Acolhe uma ribeira que vai distribuindo fertilidade à direita e esquerda, sem distinção de pobres.

- Penhas Douradas - zona vasta da Serra da Estrela, manancial feliz de combinações soberbas de granitos multiformes, verdes de mil gradações, e água em várias formas de vida. Foi, é e pode ser ainda mais, lugar privilegiado para turismo salutar, cuidado e requintado.

- Picoto - pequena saliência na encosta a caminho da serra.

- Ponte do Prata – uma das pontes que cruzam o Ribeiro da Vila, e que foi buscar nome ao morador...

(pessoa benquista)

... que construiu casa numa das suas entradas.

- Portas do Inferno - nome atribuído a duas, aparentemente pequenas, aflorações graníticas que ladeiam a via, ainda à vista do Observatório, a caminho da estrada principal.

- “povo cimeiro” – uma das explicações da origem de Sameiro, freguesia do concelho de Manteigas.

- Praça da Louça - largo minúsculo de traçado antigo, em pleno Eirô, onde confluem quatro vias.

Referência cultural de cunho bairrista, aqui brotou a corrente inicial que daria origem ao Rancho Os Serranos da Estrela, e onde nasceu, mais recentemente, um novo grupo de dinamização popular, inspirado certamente pela tradição do Rancho da Praça da Louça, primitivo.

- Quartelas – área agrícola, em zona alta de Manteigas; local tranquilo e saudável, ladeado por um ribeiro que dá vida às courelas, por ali abaixo. Percurso excelente, para quem gosta de calcorrear caminhos e veredas.

- Ribeiro da Vila é hoje um devaneio pedestre feliz que apetece sentir: com o movimento dos pés, o escutar dos ouvidos, o vaguear dos olhos. O empedrado certo convida, o marulhar das águas ensaia melodias, e os tons de verde, a predominar entre o multicolorido de origens várias, acalmam e pacificam.

- Rossio - existem, em Manteigas, dois largos com o mesmo nome. Os dois são referidos no texto, em episódios diferentes.

Um, na zona alargada do Eirô, aparenta ser um pátio de solar de tempos de abundância. Foi um dos centros que fazia confluir pessoas para conviver, dançar e dar azo a jogos tradicionais; recordo o pelão, o berlinde...

(talvez, um dia, lhos ensine)

... e outros já referidos no Glossário.

Na quelha, que o ramifica, viveu Bernardo Marcos Leitão, dinamizador multifacetado e genial da cultura local.

Obras de alargamento, para passagem de viaturas para a ponte do ribeiro, deram-lhe mais espaço, mas surripiaram-lhe o ar antigo e convidativo.

O outro, no núcleo central da vila, tem a designação oficial de Largo da Liberdade, termo estranhíssimo, se pensarmos que meu pai recebia cartas, assim endereçadas, quando ali morou em tempos de Salazar e Tomás. As casas, a sul, foram devoradas pelos automóveis.

Foi também um dos meus salões de estreia nas artes de dançar, principalmente em bailaricos promovidos pelos mancebos que a sorte mandava para a guerra, abrigados por uma farda verde, azul ou branca, sob o beneplácito de um governo eleito por si próprio.

Também o baile da minha inspeção militar foi ali, voando nos braços das raparigas...

(era assim que se dizia)

... mais ágeis da vila e arredores.

- Rua da Carreira – de seu nome oficial, Rua de São Lourenço, é via antiga e estreita, ainda com traços de construção de outros tempos, que nasce na Praça da Louça, e acabava sobre a Fonte do Picão, a caminho de São Marcos. Desta e de outras ruelas do Eirô, nos conta Ferreira de Castro em *A Lã e a Neve*, numa visão do segundo quartel do século XX .

Alargada no seu extremo a leste, mantém ainda um cunho de antiguidade que, apesar disso, permite passagem de viatura sem soberba, com tolerância de milímetros.

- Rua Chã (ou Rochã) - artéria cheia de esses, no meio do burgo, o que aponta para origens ancestrais. No tempo em que era em casa de cada

um, que se reclamava o direito a tornar-se cidadão do mundo, foi ali que eu nasci, a uns cinquenta metros da oficina de António Tavares, e mesmo em frente da oficina de Olímpio Gabriel, vizinho de amizade aberta. Os edifícios ainda lá estão, mas já modificados pela modernidade.

- Rua dos Conqueiros – Nome antigo da Rua General Póvoas: caso paradigmático em que seria enriquecedor a indicação pública da dupla toponímia.

- São Domingos – miradouro privilegiado, frente à capela do santo. Talvez, um dia, conte uma história que a tradição nos legou, sobre o pequeno lugar de culto.

- São Lourenço – lugar a este de Manteigas, foi buscar nome ao santo venerado na capela simples que terá sido ermitério. Aprazível,

cheirando a antigo pela secularidade das suas árvores, convida ao repouso meditativo.

Homens de boa vontade têm-se empenhado em preservar o templo singelo.

Ali perto, sobre o vale do Zêzere, para os lados de Sameiro, a paisagem deixa embatucado quem chegar desprevenido.

- Seixo Branco - afloramento notório de quartzo, de uma gama de tonalidades particularmente diversa, com predominância de tons claros. O homem, esse animal capaz de tudo, mal e bem, tem vindo a delapidá-lo com ganância e insensatez, ao longo de anos. Até quando resistirá?

Venha ver, enquanto pode; sente-se, sinta a vibração do lugar, e imagine como terá sido.

- Tinte – Zona para os lados de São Gabriel, que herdou nome da atividade específica de lanifícios.

- Valazedo – zona que lhe dará as boas-vindas, se chegar ao núcleo de vila, subindo o vale do Zêzere, ou descendo das Penhas Douradas.

- "vale das amoreiras" – origem provável de Vale de Amoreira, freguesia mais jovem do concelho de Manteigas.

- Vale das Éguas - zona plana a dar ares de paraíso convidativo; ponto de repouso, e lugar de passagem para outros rincões da serra que merecem interesses vários.

- Vale Formoso - área, quase planáltica, de cervum e vegetação rasteira, enquadrada pelo Vale do Rocim, Vale das Éguas e Vale do Mondego...

(um pouco mais longe, e ainda criança)

... e rodeada por elevações graníticas, miradouros naturais.

Lugar de lazer de excelência, pela disponibilidade de água, beleza e conforto natural, em plena zona genericamente designada por Penhas Douradas.

- Vargem ou Várzea do Crasto – Irrigada pelo Zêzere, a jusante da vila, é terra excecionalmente fértil, entre as encostas abruptas circundantes. O nome aponta, de modo explícito, para a existência de um povoado e provável fortificação, muito antigos.

- Zurrão é alcunha de um troço do rio Zêzere. Porquê insinuar que um rio pode zurrar? Venham visitar-nos em dia de chuva forte; escutem a água que espadana e espuma contra as rochas que esfacela, arranca e empurra, e não será necessário explicar porque é que os nossos avós se resolveram a este ato batismal.

Glossário Curioso de Terminologia Local

Os regionalismos têm tanto de imaginoso como de oculto. Pego na candeia, tentando iluminar frouxamente as expressões mais intrincadas:

- à boca pequena - em segredo restrito
- à fenoque – trajado com cuidado
- (não) achar o cu com as mãos – a expressão supõe sobrecarga de afazeres, ou incapacidade de organizar o tempo para as tarefas a realizar

- apinocado – trajado com cuidado ao ponto de dar nas vistas

- armar-se em galifão – dar-se a valentias ostensivas

- barra-do-lenço – jogo tradicional disputado entre dois grupos. Um "árbitro" segura um lenço de forma equidistante entre as duas equipas. O objetivo é pegar no lenço e fazê-lo ultrapassar a linha do adversário, sem ser tocado por nenhum dos seus membros

- bocarrudo – com boca grande, escancarada e de lábios grossos

- bola da rapadura – (ou pão da rapadura) – feito com as últimas sobras, incluindo as que ficavam agarrada às paredes do tabuleiro onde se amassava, mais secas ou misturadas menos bem

- bolas – modo cínico de designar reguadas ou palmatoadas (*leia-se "bôlas")*

- boneca – penso artesanal feito na ponta de um dedo, à época, com pano branco rasgado de peça de roupa já sem uso; para se fixar, rasgavam-se duas tiras no próprio "penso", que, atando, segurava o conjunto

- cães-grandes - termo aplicado à gente mais rica e importante da terra; no texto, com conceito alargado

- chambarcos – designação popular de todo o tipo de calçado, sobretudo se envelhecido ou largo (*a nadar nos pés*)

- caminhos (pagar os) – designação popular de um imposto municipal

- cirol - fezes de formato longo e arredondado

- como é a sua graça - qual é o seu nome

- coroa de Nosso Senhor, na cabeça - tonsura

- dar à trabécula - falar demasiado e só para se fazer ouvir

- de ponto em branco – com ar lavado, e vestido sem ser com o fato ou farda de trabalho

- demonho – termo popular de demónio

- deslanar – separar, do novelo, as fiadas destinadas à linha de coser, com o comprimento correto, por meio de um torção que enfraquece a resistência do fio

- dizer aquessim - concordar sem pensar nas alternativas ou para não levantar questões

- ensaio - casa de ensaios da banda musical

- ferve-ferve - agitação ou reivindicação excessiva

- fevereiro - o rifão diz que "enganou a mãe no ribeiro"

- galhavano – petiz

- gravinez - vinho caseiro, leve e claro, proveniente dos embarrados (em Manteigas diz-se "embarradas") e videiras dispersas, em

aproveitamento de terras, servindo, muitas vezes, de limite de propriedade

- ir para a Idanha - a falta de pastos, causada pela neve e frio, obrigou os pastores da Estrela, desde tempos sem memória, à transumância para terras mais quentes e planas. Era comum, à pergunta sobre alguém, obter-se a resposta "está para a Idanha".

Estão atualmente definidas e sinalizadas as "Rotas da Transumância"

- ir para os infernos - ir para longe, nomeadamente para destinos desconhecidos ou indesejados

- janta - jantar. As refeições designavam-se, até já depois de 1970, por almoço, jantar, merenda e ceia; agora, para dizer "almocei", tenho de converter o ato em "tomei o pequeno-almoço". Inteligente! Francesices!...

- lanar – juntar, em fio único, as diversas fiadas, através de movimentos de torção, conduzidos, com mestria, pelas mãos sobre os safões ou perneiras, a proteger as coxas; dá-se resistência final ao conjunto, com aplicação de pez

- levar a preço – dar satisfação, ter em conta

- linha a cruzar – técnica de ponto em que a linha, em vez de correr paralela, corre cruzada, como meio nó, o que impede que se desfaça. Para ser dado, exige uma força concentrada

- lufalufa – lufa; a repetição instila a ideia de nunca mais acabar

- maneotas – luvas sem dedos, de couro resistente, que protegem as mãos no ato de empurrar as sovelas, ou enrolar, ou puxar as linhas de coser

- manga de São Francisco – esmoler dessa-pegado

- mastigadela – pedaço de comida na fase de ser mordido, mastigado ou deglutido

- migalho - pedaço; aplica-se a comida e a tempo

- moca – jogo tradicional individual, que exige corrida e destreza. Um perseguidor tem de tocar outro competidor e dizer "moca". O que foi apanhado transforma-se em perseguidor, até conseguir tocar outro

- morundum – incómodo, de maldisposto ou demasiado sisudo

- música de aleluia - som tilintante de campainhas e chocalhos; comemorava-se a Aleluia litúrgica ao som vibrante e feliz de campainhas e chocalhos, na igreja e na rua; mataram o ritual durante anos. Ressuscitou! Aleluia!

- Nossenhor – abreviatura comum da designação "Nosso Senhor"

- os vivos - animais domésticos e de criação

- paparrada - comida desfeita em papa irregular

- pelas ruas da amargura - em sofrimento físico e ou mental; pode ser também má fama pública, por maledicência (ser arrastado pelas ruas da amargura)

- porra – palavra com vários sentidos que, como expressão, pode ser vexatório ou laudatório

- pôr-se de panelinha - estabelecer conluios secretos

- rais parta – expressão que pode expressar zanga ou pena

- rais t'impisquem – expressão que, apesar da violência, tem mais tom de comiseração que de ameaça

- ré - república; o termo foi usado ora clandestinamente, ora pejorativamente

- rilha – jogo tradicional, em que uma equipa de dois perseguidores-guardas tem por missão apanhar todos os outros, e mantê-los presos; os que vão sendo aprisionados dão as mãos entre si, tentando fazer uma cadeia o mais longa possível; os que estão em fuga ainda, tentam libertá-los tocando num dos presos na cadeia, e dizendo "rilha". O jogo acaba quando os perseguidores-guardas conseguem aprisionar todos os fugitivos

- roupa de-ver-a-deus – roupa especial de dia de festa ou acontecimento especial; poderá estar relacionado com "roupa para ir à igreja"

- saltinvão – jogo tradicional em que os concorrentes saltam por cima de um participante, com as pernas abertas e apoio de mãos. O concorrente, que está a amochar, vai elevando o tronco progressivamente, até que alguém não consiga fazer o salto. Esse substituirá o que amochava. Pode tornar-se o jogo mais complexo,

exigindo, no ato do salto, tarefas suplementares que tornam mais difícil a execução do salto, mas visam "castigar" quem está a amochar

- Ti - abreviatura de Tio ou Tia, usados para substituir Senhor ou Senhora, entre pessoas do povo ou com ligações afetivas mais próximas

- tim tim, por tim tim – com pormenores

- tintol - termo popular para vinho tinto

- tirar algum de parte – separar algum dinheiro para economizar

- topadela – forma local de dizer topada

- toque das ave-marias – toque especial dos sinos das igrejas, ao final da tarde; embora com finalidade religiosa, foi usado de modo prático para congregar as famílias, dando fim ao dia, tarefas ou brincadeiras, e antecipando a ceia

- turgia - aplica-se a móveis, ferramentas, ou objetos sem préstimo

- vale de lençóis – cama

- valha-te São Pisco Abade – expressão local que poderia corresponder a “valha-te Deus”, mas a que se junta um sentido de comicidade e ou comiseração

- vomecê - forma local abreviada de vossemecê

Contracapa

...?

Os Heróis da História pertencem
sempre aos vencedores?

Será verdade de ciência que o
Universo conspira
em função dos nossos atos?

Voz do Povo é sempre Voz de
Deus?

Porque é que a definição formal de
Estado é
"coletividade fixa num território,
em que há distinção
entre governantes e governados"?

Se apenas tens de responder por ti próprio,
porque te subjugas a normas de outros?

Se me rebelar, quem vai combater-me? Quem me apoiará?

Fizeste sempre o caminho com os teus pés e a tua vontade?

Se, no momento de nascer e morrer, somos iguais,
porque não vivemos iguais?

... e se uma estrela beijasse a Terra?

Sobre o autor

José António Marcos Serra

nasceu em Manteigas, em outubro de 1949.

Após o antigo curso dos liceus, frequentou Direito, em Lisboa, que abandonou por conselho do Instituto de Orientação Profissional: «para si o que é, é; o que não é, não é; não irá sentir-se realizado».

Leitor compulsivo, desde jovem ainda se começou a interessar por temas menos comuns: yoga, hipnotismo, religiões, espiritismo e teorias de reencarnação, filosofia e parapsicologia; estudou, investigou e experimentou em várias destas áreas.

Interessa-se pelas «histórias da grande História», para uma melhor análise e compreensão desta.

Incentivado para a escrita, participou nas coletâneas *Fonte dos Namorados* (o Fontanário está identificado com uma quadra sua), *Sentir* e *Poetas de Manteigas*; tem textos incluídos em dois livros de autor, sobre a Serra da Estrela e Cicloturismo em Portugal, além de vários artigos sobre uso de bicicleta, ambiente e outros, em imprensa variada.

Publicou, em 2015, o livro *Linhas Entre Nós*; com segunda edição, e-livro, em 2018, na Bibliotrónica Portuguesa (FLUL), de que é colaborador; e terceira edição, em 2025, em audiolivro, disponível em *Internet Archive* e outras plataformas.

É coautor do livro *Entrementes Conversas (Des)confinadas* (2022), já com segunda edição (2026) - esta, em PDF, disponível em *Internet Archive*).

Fez a revisão de mais de uma dezena de livros de autores amigos e formais.

Concluiu a carreira profissional como quadro superior de uma multinacional.

É um dos três fundadores da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta, e autor da primeira regulamentação federativa, neste âmbito. (A sigla BTT - que defendeu -, para "bicicletas todo o terreno", foi adotada na sequência de uma polémica jornalística contra quem pretendia impor VTT, de influência francesa).

É membro ativo do Clube de Leitura do Museu Ferreira de Castro, em Sintra.

Fez teatro, chegando a pisar o palco do D. Maria II.

Estuda e pratica danças, desde a Idade Média até às novas tendências, incluindo tradicionais.

O instinto musical tem sido menorizado, pela escassez de tempo.

No escutismo, ascendeu a cargos de chefia, em Manteigas e Oeiras.

Foi presidente do G. C. dos Naturais do Concelho de Manteigas, em Lisboa.

É vice-presidente da A. G. e professor na ACTIS / UTI (Universidade Sénior de Sintra).

4ª. Edição (revista e complementada)
(suporte digital, livre para leitura, descarga e impressão, não comerciais)

Internet Archive

junho, 2026

© J. A. Marcos Serra
Título: **Linhas Entre Nós**

1ª. edição: junho, 2015

Depósito legal da 1.ª edição:
393862/15

2ª. edição: julho, 2018 (PDF)
Bibliotrónica Portuguesa

3ª. edição: fevereiro, 2025 (audiolivro)
Internet Archive e outras plataformas